

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Fábio da Silva Jeremias

**A FORMAÇÃO DO OFICIAL COMBATENTE DO
EXÉRCITO BRASILEIRO: SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS
NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE MULHERES**

Taubaté – SP

2024

Fábio da Silva Jeremias

**A FORMAÇÃO DO OFICIAL COMBATENTE
DO EXÉRCITO BRASILEIRO:
SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS NO
PROCESSO DE INCLUSÃO DE MULHERES**

Pesquisa de mestrado apresentada à Banca da Universidade de Taubaté para a obtenção do Título de Mestre pelo Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Formação Docente para a Educação.

Linha de Pesquisa: Inclusão e Diversidade Sociocultural.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana de Oliveira Rocha Magalhães.

Taubaté – SP

2024

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

J55f Jeremias, Fábio da Silva

A formação do oficial combatente do exército brasileiro: significações produzidas no processo de inclusão de mulheres / Fábio da Silva Jeremias. -- 2024.

125 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté, Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Luciana de Oliveira Rocha Magalhães, Departamento de Pedagogia.

1. Exército Brasileiro. 2. Oficial Combatente. 3. Inclusão de mulheres. 4. AMAN. I. Universidade de Taubaté. Programa de Pós- graduação em Educação. II. Título.

CDD – 355.348

Fábio da Silva Jeremias

A FORMAÇÃO DO OFICIAL COMBATENTE DO EXÉRCITO BRASILEIRO: SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE MULHERES

Pesquisa de mestrado apresentada à Banca da Universidade de Taubaté para a obtenção do Título de Mestre pelo Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Formação Docente para a Educação.

Linha de Pesquisa: Inclusão e Diversidade Sociocultural.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana de Oliveira Rocha Magalhães.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. (a) Dr. (a) Luciana de Oliveira Rocha Magalhães

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. (a) Dr. (a) Maria Aparecida Campos Diniz de Castro

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. (a) Dr. (a) Andréa Lemos Maldonado Cruz

Academia Militar das Agulhas Negras

Assinatura _____

Dedico este trabalho a minha querida família por serem a grande alegria da minha vida em
todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, aos meus pais, Jair e Editti, por sua dedicação e amor, a minha querida esposa, Magali, e meus filhos, Maria Gabriele, Carolina e Fábio Filho por serem a minha grande inspiração em todos os meus projetos. Ao Exército Brasileiro e à Academia Militar das Agulhas Negras, pela confiança no cumprimento de mais esta missão no Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté. Agradeço à coordenação do Mestrado, pela orientação firme e segura, às componentes da minha Banca de qualificação: Profa. Dra. Maria Aparecida Campos Diniz de Castro e Profa. Dra. Andréa Lemos Maldonado Cruz que gentilmente se dispuseram em participar e contribuir de maneira decisiva para o desenvolvimento desta pesquisa, e, finalmente, agradeço a minha orientadora, Profa. Dra. Luciana de Oliveira Rocha Magalhães, pela cordialidade e paciência nesta caminhada de aprendizagem na pesquisa.

*“Inclusão não é o inverso de exclusão!
Inclusão é um processo de modificações das
estruturas e das atitudes.”.*

(Michelle Satiro)

RESUMO

Este trabalho insere-se na Linha de Pesquisa “Formação Docente para a Educação da Área de Concentração “Inclusão e Diversidade Sociocultural” do Mestrado Profissional de Taubaté e teve por objetivo apreender as significações de um grupo de mulheres acerca de seu processo de formação para oficial combatente do Exército Brasileiro. Fundamentou-se nos conceitos sobre a formação do Oficial combatente do Exército Brasileiro e as significações produzidas no processo de inclusão de mulheres nessa função. Tratou-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa e foram participantes deste estudo 22 (vinte e duas) cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), com sede em Resende-RJ e 16 oficiais recém-formadas, servindo em variadas organizações militares do Exército Brasileiro. Os instrumentos para a produção de informações para esta pesquisa foram um questionário *online* enviado a todas as militares participantes e um grupo de discussão com as oficiais, realizado de forma *online* pelo ZOOM. As informações de pesquisa foram transcritas, e os resultados analisados, tendo por base a teoria sócio-histórica. Para isso, foram identificados os pré-indicadores, que são aspectos particulares da fala dos sujeitos como frequência, ênfase e reiteração de determinadas palavras e expressões, com suas insinuações e cargas emocionais. Por similaridade, oposição ou até complementação, esses pré-indicadores foram sintetizados em indicadores e, por fim, surgiram os núcleos de significação que são poderosos para a apreensão de sentidos e significados constituídos pelo sujeito frente à realidade com suas múltiplas determinações. Com a análise intranúcleos e internúcleos, buscou-se apreender as significações das participantes acerca de sua inclusão na formação dos oficiais combatentes. Espera-se que esta pesquisa contribua com o processo de inclusão das mulheres na linha do ensino militar bélico do Exército Brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Exército Brasileiro, Oficial Combatente, Inclusão de Mulheres, AMAN.

ABSTRACT

This work is part of the Research Line “Teacher Training for Education, of the Concentration Area “Inclusion and Sociocultural Diversity” of the Taubaté Professional Master's Degree and aimed to understand the meanings of a group of women regarding their training process for combat officer of the Brazilian Army. It was based on concepts about the training of combat officers in the Brazilian Army and the meanings produced in the process of including women in this role. This was research with a qualitative approach and participants in this study were 22 (twenty-two) cadets from the Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), based in Resende-RJ and 16 recently graduated officers, serving in various military organizations in the country. Brazilian army. The instruments for producing information for this research were an online questionnaire sent to all participating military personnel and a discussion group held with female officers, carried out online via ZOOM. The research information was transcribed and the results analyzed based on socio-historical theory. For this purpose, pre-indicators were identified, which are particular aspects of the subjects' speech, such as frequency, emphasis and reiteration of certain words and expressions, with their insinuations and emotional charges. Due to similarity, opposition or even complementation, these pre-indicators were synthesized into indicators and finally the nuclei of meaning emerged, which are powerful for the apprehension of meanings and meanings constituted by the subject in the face of reality, with its multiple determinations. With the intra-nucleus and inter-nucleus analysis, we sought to understand the meanings of the participants regarding their inclusion in the training of combat officers. It is hoped that this research will contribute to the process of including women in the Brazilian Army's military military education.

KEYWORDS: Brazilian Army, Combatant Officer, Inclusion of Women, AMAN.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Nível de Instrução da População de 25 anos ou mais de idade, segundo o sexo e a cor ou raça (%)	55
Figura 2 – Taxa de Frequência escolar bruta, por sexo e cor ou raça (%)	56
Figura 3 – Grau de dificuldade nos desafios enfrentados - Cadetes	59
Figura 4 – Grau de dificuldade nos desafios enfrentados - Oficiais	60
Figura 5 – Grau de intensidade nos sentimentos vivenciados - Cadetes	60
Figura 6 – Grau de intensidade nos sentimentos vivenciados - Oficiais	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Artigos do Portal de Periódicos da CAPES com estudos pertinentes à Pesquisa	25
Quadro 2 – Teses e Dissertações da BDTD com estudos correlatos à pesquisa	27
Quadro 3 – Pré-indicadores e Indicadores	67
Quadro 4 – Indicadores e Núcleos de Significação	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultado da pesquisa sobre a Formação do Oficial Combatente do Exército Brasileiro: Significações produzidas no processo de inclusão das mulheres no Portal de Periódicos da Capes	24
Tabela 2 – Delimitação dos Termos Descritores na BDTD (Dissertações)	26
Tabela 3 – Delimitação dos Termos Descritores na BDTD (Teses)	26
Tabela 4 - Escopo das orientações específicas recebidas	59

LISTA DE SIGLAS

AMAN	–	Academia Militar das Agulhas Negras
BDTD	–	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAPES	–	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior
CCOMSEX	–	Centro de Comunicação Social do Exército
CEP/UNITAU	–	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté
EB	–	Exército Brasileiro
FEB	–	Força Expedicionária Brasileira
IME	–	Instituto Militar de Engenharia
INEP	–	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MFDV	–	Médica, Farmacêutica, Dentista e Veterinária
OM	–	Organização Militar
PISFLEMB-	–	Projeto de Inserção do Sexo Feminino na Linha de Ensino Militar Bélico
PSH	–	Psicologia Sócio-Histórica
QEM	–	Quadro de Engenheiros Militares
QCO	–	Quadro Complementar de Oficiais
SENAC	–	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
TCLE	–	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNESCO	–	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNITAU	–	Universidade de Taubaté

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO MEMORIAL

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Relevância do Estudo / Justificativa	21
1.2 Delimitação do Estudo	22
1.3 Problema	22
1.4 Objetivos	22
1.4.1 Objetivo Geral	22
1.4.2 Objetivos Específicos	23
1.5 Organização do Trabalho	23
2 REVISÃO DE LITERATURA	24
2.1 Panorama das pesquisas sobre o tema estudado	24
2.2 A mulher e o mercado de trabalho	29
2.3 A mulher militar	32
2.4 Psicologia Sócio-histórica	37
2.4.1 Categoria Significações	40
2.4.2 Categoria Historicidade	40
2.4.3 Categoria Contradição	41
2.4.4 Categoria Totalidade	41
2.2.5 Categoria Pensamento-Linguagem	42
2.4.6 Categoria Devir	43
2.5 Interseccionalidade	44
3 METODOLOGIA	47
3.1 Participantes	48
3.2 Procedimentos para Produção de Informações	48
3.2.1 Sobre os Instrumentos de Pesquisa	48
3.3 Procedimentos para Análise das Informações obtidas	50
3.4 Sobre o Produto Técnico	51

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES PRODUZIDAS	52
4.1 Caracterização das Cadetes participantes	52
4.2 Caracterização das Oficiais participantes	54
4.3 Análise interseccional das participantes	55
4.4 Análise das respostas do questionário <i>online</i>	56
4.5 A dinâmica do grupo de discussão	66
4.6 Pré-indicadores e indicadores	67
4.7 Núcleos de Significação	73
4.8 Núcleo 1- O desafio da equidade “Somente questões fisiológicas devem ser tratadas de maneira diferente, pois são corpos diferentes de homem e mulher. Mas o resto, deve ser igual”.	74
4.9 Núcleo 2- O processo de inclusão das mulheres e as oportunidades de melhoria “Tratamento diferenciado, tanto os que beneficiam o segmento feminino em detrimento masculino e vice-versa”.	78
4.10 Núcleo 3- Grau de realização e satisfação profissional “Me sinto realizada, porém nunca satisfeita. Acredito que sou um objeto de mudança da sociedade”.	80
4.11 Núcleo 4- Autoanálise da competência profissional “Cada missão é uma oportunidade de demonstrar meu comprometimento e habilidades, aprendendo com as experiências, buscando sempre evoluir como profissional e como pessoa”.	82
4.12 Núcleo 5- Futuro na carreira “Ser feliz”.	84
4.13 Análise Internúcleos	86
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICE A – PRODUTO TÉCNICO	97

APRESENTAÇÃO DO MEMORIAL (resumido)

Redigir este memorial de formação foi um belo momento. Uma oportunidade de revisitar lembranças importantes e marcantes da minha vida escolar e profissional. Rememorar estudos, aprovações nos concursos e formaturas é uma grande injeção de ânimo. As escolhas nem sempre foram feitas com a certeza plena, mas o decorrer do tempo demonstrou que foram acertadas.

No Mestrado Profissional em Educação, pude fazer a comparação da vida docente com a vida militar, e verificar que o(a) militar do Exército Brasileiro, de maneira geral, vivencia as mesmas fases que o professor(a). Ao conjunto dessas fases, chamamos carreira, que é definida por Huberman (1992, p.38) da seguinte forma:

O conceito de “carreira” apresenta, entretanto, vantagens diversas. Em primeiro lugar, permite comparar pessoas no exercício de diferentes profissões. Depois, é mais focalizado, mais restrito que o estudo da “vida” de uma série de indivíduos. Por outro lado, e isso é importante, comporta uma abordagem a um tempo psicológica e sociológica. Trata-se, com efeito, de estudar o percurso de uma pessoa numa organização (ou numa série de organizações) e bem assim de compreender como as características dessa pessoa exercem influência sobre a organização e são, ao mesmo tempo, influenciadas por ela.

A carreira das armas, ainda hoje, é uma aventura para mim, e foi e está sendo construída passo a passo, e não seguiu uma sequência lógica, já que a cada transferência tudo passava a ser novidade. Sobre isso, afirma Huberman (1992, p.38):

O desenvolvimento de uma carreira é, assim, um processo e não uma série de acontecimentos. Para alguns, este processo pode parecer linear, mas, para outros, há patamares, regressões, becos sem saída, momentos de arranque, descontinuidades. O facto de encontrarmos sequências-tipo não impede que muitas pessoas nunca deixem de praticar a exploração, ou que nunca estabilizem, ou que desestabilizem por razões de ordem psicológica (tomada de consciência, mudança de interesses ou de valores) ou exteriores (acidentes, alterações políticas ou económicas).

Redigindo este memorial pude atestar que a minha carreira é exatamente assim. Quando tudo parecia estar se encaminhando para a calmaria, já, no posto de Major, uma transferência para a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) iria proporcionar uma grande reviravolta, uma mudança de foco e um recomeço no caminho da educação.

Desde a infância, sempre fui apaixonado pelos estudos. Cresci em uma família estável, beneficiado pelo trabalho de meu pai, na Itaipu Binacional, o que garantiu acesso a uma excelente educação. Durante o ensino médio, matriculei-me, no SENAC, para cursos complementares, ampliando minhas habilidades. Embora indeciso sobre minha carreira, decidi me inscrever no vestibular de Medicina Veterinária, em 1997, sendo felizmente

aprovado. No mesmo ano, também passei no concurso para a Escola Preparatória de Cadetes do Exército. Em 1998, iniciei minha carreira militar, adaptando-me bem à vida militar. Na Academia Militar das Agulhas Negras, entre 1999 e 2002, fui submetido a um rigoroso treinamento acadêmico e profissional, preparando-me para ser oficial ¹do Exército Brasileiro.

Quanto a esse fato, e pensando nos saberes profissionais adquiridos, durante a formação, afirma Tardif (2002, p.36):

Pode-se chamar de saberes profissionais o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores (escolas normais ou faculdades de ciências da educação). O professor e o ensino constituem objetos de saber para as ciências humanas e para as ciências da educação. Ora, essas ciências, ou pelo menos algumas dentre elas, não se limitam a produzir conhecimentos, mas procuram também incorporá-los à prática do professor.

Com grande alegria, em 23 de novembro de 2002, fui declarado Aspirante à Oficial da arma de Infantaria e fui transferido para minha primeira organização militar do corpo de tropa: a 3ª Companhia do 34º Batalhão de Infantaria Motorizado, sediada, na cidade de Guaíra-PR, onde permaneci por três anos, que foram repletos de aprendizados, já que, na tropa, nós podemos colocar em prática os ensinamentos da formação militar, confirmando, aperfeiçoando e, principalmente, aprendendo no relacionamento com os superiores, pares e subordinados. Sobre isso, afirma Tardif (2002, p.86):

[...] é no início da carreira que a estruturação do saber experiencial é mais forte e importante, estando ligada à experiência de trabalho. A experiência inicial vai dando progressivamente aos professores certezas em relação ao contexto de trabalho, ou seja, a escola e a sala de aula. Ela vem também confirmar a sua capacidade de ensinar. Os saberes não poderiam desempenhar seu papel predominante sem um elemento integrador, o conhecimento do eu profissional nesse ofício de relações humanas, conhecimento esse que vai dar ao professor experiente uma coloração idiossincrática.

No início de 2006, fui transferido para o Comando de Fronteira Acre/4º Batalhão de Infantaria de Selva, sediado em Rio Branco-AC. Nessa organização militar, permaneci até o fim de 2010 e pude realizar o sonho de servir, na Amazônia Brasileira, tendo realizado, no ano de 2007, o curso de Operações, na Selva, do Centro de Instrução de Guerra, na Selva, situado em Manaus-AM. No ano seguinte, tive a oportunidade de realizar o curso Básico Paraquedista no Centro de Instrução Básico Paraquedista na cidade do Rio de Janeiro-RJ.

No ano de 2011, já, no posto de Capitão, frequentei o curso de Aperfeiçoamento de Oficiais, na Escola de Aperfeiçoamento de oficiais na cidade do Rio de Janeiro-RJ. Tratava-se de uma especialização em operações militares que foi concluída com aproveitamento.

¹ Após os 05 (cinco) anos de formação, o militar é declarado Aspirante a Oficial, passando a portar a espada de oficial do Exército Brasileiro.

Nessa fase da carreira, pude me especializar tanto na faceta operacional quanto na acadêmica, confirmando a importância da formação continuada, como afirmam as autoras na obra “Práticas pedagógicas na educação básica do Brasil: o que evidenciam as pesquisas em educação”, publicada pela UNESCO no ano de 2021:

[...] a formação continuada ajuda o docente a avançar nesses aspectos e contribui com aprofundamentos, reavaliações de práticas e perspectivas, reconfiguração de representações e ideias que vão se configurando no tempo por meio da atualização constante de conhecimentos, da reflexão individual e coletiva sobre a própria prática e sobre sua cultura, suas experiências pessoais e profissionais (ALMEIDA et alii, 2021).

Ao término do curso de aperfeiçoamento, fui transferido para o 37º Batalhão de Infantaria Leve, sediado na cidade de Lins-SP. Essa foi a organização militar onde servi por mais tempo: 7 anos, de 2012 a 2018. No 37, eu tive a oportunidade de ser selecionado e participar da missão de paz para a estabilização do Haiti, com o 19º Batalhão de Infantaria e Força de Paz. A sensação era de ter atingido a maioria profissional, a estabilização, como afirma Huberman (1992, p.40):

[...] a estabilização tem outros significados, como, por exemplo, a pertença a um corpo profissional e a independência. Um grande número de professores fala mesmo de “libertação” ou de “emancipação”. Uma vez colocadas, em termos de efetivação, as pessoas afirmam-se perante os colegas com mais experiência e, sobretudo, perante as autoridades. Nesse sentido, estabilizar significa acentuar o seu grau de liberdade, as suas prerrogativas, o seu modo próprio de funcionamento.

No final de 2018, fui transferido para a AMAN, onde inicialmente liderei a equipe de manutenção da infraestrutura acadêmica, garantindo a continuidade das atividades escolares. Posteriormente, passei a atuar, na Divisão de Ensino, especificamente na Coordenação Pedagógica, um marco na minha carreira ao me envolver diretamente com processos educacionais. Isso me motivou a iniciar uma graduação em Psicopedagogia e me voluntariar para o Mestrado Profissional em Educação, visando aprimorar minhas habilidades para contribuir mais efetivamente na formação dos futuros oficiais do Exército. Testemunhar a inclusão das mulheres, na formação militar, foi inspirador e me levou a escolher esse tema para minha pesquisa de mestrado. Ingressar, na Universidade de Taubaté, para estudar educação representou uma mudança significativa em minha carreira militar, permitindo um crescimento pessoal e profissional. A oportunidade oferecida pela AMAN para aprimoramento acadêmico reflete o compromisso do Exército Brasileiro com o desenvolvimento de seus quadros, e minha pesquisa visou contribuir para compreender os desafios e significações envolvidos na inclusão das mulheres no ensino militar.

1 INTRODUÇÃO

O tema deste estudo insere-se na área de concentração da Formação Docente para a Educação. A pesquisa está vinculada à linha de pesquisa Inclusão e Diversidade Sociocultural do programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté – MPE UNITAU, tendo sido essa pesquisa intitulada: “Formação do Oficial Combatente do Exército Brasileiro: Significações produzidas no processo de inclusão das mulheres”.

As discussões a respeito dos direitos das mulheres, sua liberdade pessoal e profissional, a busca pela igualdade e autonomia, apesar de serem atuais, remontam a uma construção milenar. A história da humanidade é o registro das ideias hegemônicas de cada época, foi escrita pela espada dos dominadores, em sua esmagadora maioria homens que, pela força, impuseram seus sistemas sociais, políticos, econômicos, religiosos, determinando em cada época a moral a ser seguida por padrão. Lerner (2019, p. 28) afirma que:

[...] Da época dos reis da antiga Suméria em diante, historiadores, fossem sacerdotes, servos reais, escribas, clérigos ou alguma classe de intelectuais com instrução universitária, passaram a selecionar os eventos que seriam registrados e a interpretá-los para que tivessem significado e significância. Até o passado mais recente, esses historiadores eram homens, e o que registravam era o que o homem havia feito, vivenciado e considerado significativo.

Durante todo esse processo, com raras exceções, as mulheres ficaram à sombra dos homens, tendo suas iniciativas tolhidas, sua liberdade cerceada e quase sempre sendo utilizadas como moedas de troca em acordos políticos de poder. Segundo Lerner (2019, p.29):

As mulheres foram impedidas de contribuir com o fazer História, ou seja, a ordenação e a interpretação do passado da humanidade. Como esse processo de dar significado é essencial para a criação e perpetuação da civilização, podemos logo ver que a marginalização das mulheres nesse esforço as coloca em uma posição ímpar e segregada.

No decorrer da história da humanidade, as mulheres foram vítimas de todo o tipo de violência, não sendo tais fatos circunscritos às idades antiga, média e moderna. Já, no século XX, as mulheres sofreram muitos abusos, durante a Segunda Guerra Mundial, e fatos dessa natureza provocaram grande reflexão e criação de diversos diplomas legais referentes aos direitos humanos.

As últimas décadas do século XX foram fervilhantes de movimentos sociais de toda ordem, tendo as mulheres participado ativamente na luta pela ampliação de seus direitos civis e sociais. A constituição brasileira de 1988 trouxe a determinação legal para a busca dessa igualdade, como podemos apreender do inciso IV do Artigo 3º que determina como um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: “promover o bem de todos, sem

preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Brasil, 1988, p.) e no inciso I do artigo 5º, que afiança: “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta constituição” (Brasil, 1988).

Apesar da previsão legal, a pretensa igualdade ainda não é uma realidade na sociedade brasileira, mas muitas mudanças estão ocorrendo, como podemos ver na educação, com as mulheres se consolidando como maioria no ensino superior, como afirmam Pereira, Favaro e Semzezem (2021, p.307):

Em relação aos resultados do Censo da Educação Superior de 2019, esse relatório constatou em levantamento específico que a taxa de permanência das mulheres é maior, sendo que, de 2010 a 2019, 43% delas concluíram os cursos em que ingressaram, contra 35% dos homens. Em relação ao avanço das mulheres no Ensino Superior, especificamente, é importante analisar que desde os anos de 1991, conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), já se apontava a sua presença como maioria.

Outro aspecto bastante relevante a se observar é a diminuição da taxa de fecundidade, demonstrando uma mudança de paradigma no planejamento familiar, como afirma Contel (2021, s/n):

A taxa de fecundidade corresponde ao número de filhos vivos nascidos por mulher na idade reprodutiva. “Na verdade, desde a década de 70, 80, vem diminuindo a taxa de fecundidade no território brasileiro de forma significativa. Na década de 60, por exemplo, essa taxa estava em torno de seis filhos por mulher; na década de 80, eram quatro filhos por mulher; no ano de 2000, essa taxa de fecundidade era de 2,2 e, em 2020, uma média de 1,65 filhos. Nós temos um comportamento demográfico hoje, principalmente nesse quesito de fecundidade, muito semelhante à maior parte dos países ricos.

As mulheres ainda precisam superar a questão cultural arraigada de que as tarefas do lar devem ser executadas por elas. Segundo Pateman (2022, p.233), “Uma esposa que tem um emprego remunerado nunca deixa de ser uma dona de casa; pelo contrário, ela se torna uma esposa que trabalha e aumenta a sua jornada de trabalho”.

Sendo a sociedade um organismo vivo, esses movimentos atingem todos os seus setores, não ficando as Forças Armadas apartadas do processo. No Exército Brasileiro, as mulheres ocuparam inicialmente cargos administrativos e serviços relacionados à saúde. A história da mulher, no Exército Brasileiro, deu um grande passo a partir da década de 1990. Primeiro ocorreu a inserção das mulheres, no Quadro Complementar de Oficiais (QCO) em 1992. Poucos anos depois, em 1996, foram incorporadas as primeiras voluntárias de saúde, Médicas, Farmacêuticas, Dentistas, Veterinárias e Enfermeiras de nível superior (MFDV). No ano seguinte, em 1997, o Instituto Militar de Engenharia (IME) matriculou as primeiras alunas que passariam a compor o Quadro de Engenheiros Militares (QEM). No mesmo ano, a Escola de Saúde do Exército (EsSEX) matriculou as primeiras Médicas, Farmacêuticas, Dentistas, Veterinárias e Enfermeiras de nível Superior que passariam a compor o Quadro de Saúde do

Exército. Em 2001, na mesma Escola de Saúde, o Exército autorizou a inserção por meio de concurso público das primeiras sargentas de saúde.

A lei nº 12705, de 08 de agosto de 2012, que dispõe sobre os requisitos para o ingresso nos cursos de formação de militares de carreira do Exército, trouxe em seu artigo 7º: “O ingresso na linha militar bélica de ensino permitido a candidatos do sexo feminino deverá ser viabilizado em até 5 (cinco) anos a contar da data da publicação desta lei”. (Brasil, 2012).

Havia sido ultrapassada uma importante barreira para as mulheres, no Exército, e, em 2017, as primeiras mulheres foram matriculadas na formação do oficial combatente do Exército Brasileiro (EB), cursando o primeiro ano na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), em Campinas-SP e mais 4 (quatro) anos na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em Resende-RJ.

Desde sua criação, a EsPCEEx tem principal objetivo ser o primeiro passo para os jovens, ingressantes por meio de concurso público, de âmbito nacional, no caminho de se tornarem oficiais da linha do Ensino Militar Bélico. O treinamento oferecido pela instituição abrange não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também a instrução militar básica, fundamentais para a capacitação dos futuros líderes. A contribuição da EsPCEEx para a trajetória militar transcende a mera preparação acadêmica e física, porque lá os alicerces do espírito militar são forjados: honra, disciplina, lealdade e o sentimento de pertencimento. Em 2012, a EsPCEEx inaugurou uma nova fase ao ser integrada ao ensino superior militar, transformando a abordagem da formação do oficial combatente do Exército Brasileiro. Essa estrutura proporciona aos alunos, agora também estudantes universitários, uma formação mais abrangente e aprofundada, preparando-os para os diversos desafios da carreira militar. Após a aprovação, no primeiro ano de formação, na EsPCEEx, o futuro oficial segue para mais quatro anos de curso na AMAN, situada em Resende, RJ.

A AMAN é uma instituição de ensino superior que tem uma história que remonta a 1810, quando o Príncipe Regente D. João determinou a criação da Academia Real Militar. Inicialmente sediada na Casa do Trem, no Rio de Janeiro, hoje abrigando o Museu Histórico Nacional, a Academia Militar passou por seis localizações distintas ao longo de seus mais de duzentos anos de existência. Desde o Largo de São Francisco até a Praia Vermelha, de Porto Alegre ao Realengo, até finalmente estabelecer-se em Resende, em 1944, e, em 23 de abril de 1951, adotou seu nome atual: Academia Militar das Agulhas Negras.

O grande idealizador da AMAN foi o Marechal, José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, que introduziu mudanças substanciais na formação dos oficiais do Exército, na década de 1930, e estabeleceu o Corpo de Cadetes, com seus estandartes e uniformes históricos.

Oriundos da EsPCEEx, os alunos passam a ostentar o título de Cadetes e, após a conclusão do curso, são declarados Aspirantes a Oficial e recebem o título de Bacharel em Ciências Militares. Para alcançarem esse tão cobiçado objetivo, precisam completar uma grade curricular que engloba disciplinas das áreas de ciências humanas, exatas, sociais e militares, relacionadas às diversas especialidades da Linha de Ensino Militar Bélica do Exército (Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Intendência, Comunicações e Material Bélico).

A formação ética e moral dos cadetes é uma preocupação central da AMAN, visando formar oficiais que se distingam pela integridade, honra, honestidade, lealdade, senso de justiça, disciplina, patriotismo e camaradagem. A instituição baseia a formação dos futuros líderes no desenvolvimento integral da pessoa, abrangendo aspectos afetivos, psicomotores e cognitivos. A aquisição de competências profissionais e o cultivo de sólidos atributos de liderança recebem atenção especial durante todo o período de formação.

Apesar de as mulheres já estarem presentes em diversos setores do EB, a formação do oficial combatente sempre foi historicamente de domínio exclusivo dos homens. A presença feminina, na formação do Oficial combatente, representa uma quebra de paradigma e um avanço na busca pela igualdade de gênero. No entanto, é importante destacar que essas mulheres pioneiras não estão apenas desafiando estereótipos, mas também estão moldando o futuro das Forças Armadas.

Nesse processo, muitas ações foram realizadas pelo Exército Brasileiro, com a ativação do Projeto de Inserção do Sexo Feminino na Linha de Ensino Militar Bélico do Exército Brasileiro (PISFLEMB-EB), como a revisão e a atualização da documentação, as adaptações estruturais em suas escolas de formação, a adaptação dos índices do treinamento físico militar, bem como a inclusão de mulheres nas equipes de instrução a fim de receber as alunas²e cadetes³, como consta do Extrato de Informações do PISFLEMB (2020, p.2):

Este Projeto tem por finalidade implementar as medidas necessárias para adequar os Estb Ens para receber e formar o sexo feminino, nas mesmas condições já conferidas ao sexo masculino, no mais alto padrão de ensino. Dessa forma, foram (e ainda estão sendo) adotadas medidas administrativas eficazes e modificações nas estruturas físicas das escolas de formação, a fim de prover as melhores condições para que alunos e cadetes (homens e mulheres) desenvolvam postura operacional, física e moral imprescindíveis ao militar formado na linha de ensino militar bélico.

Em contrapartida, as militares pioneiras da linha do ensino militar bélico, sem de dúvida, vivenciaram inúmeros desafios, durante sua formação, considerando-se que o ensino, na formação do oficial combatente do Exército, tem características peculiares com

² No primeiro ano da formação do Oficial do Exército Brasileiro, cursado na Escola Preparatória de Cadetes do Exército o(a)s militares recebem a graduação de aluno(a)

³ Nos 04 anos de formação na Academia Militar das Agulhas Negras, o aluno recebe o título de Cadete, portando o Espadim, a réplica do sabre de Caxias

disciplinas universitárias e técnico-profissionais, cumpridas em regime de internato, conferindo à Aspirantea oficial o título de Bacharel em Ciências Militares.

Este estudo tem a intenção de colocar em destaque as cadetes e as recém-formadas oficiais, apresentando suas expectativas e experiências construídas na formação, pois é fundamental dar voz às mulheres que estão passando por esse processo. Suas experiências, percepções e desafios enfrentados são peças-chave para entender o impacto dessa transformação. Ao ouvir e valorizar suas vozes, podemos identificar as lacunas existentes, promover ajustes necessários e criar condições mais favoráveis para que as mulheres se desenvolvam plenamente como Oficiais combatentes. Este estudo busca justamente abrir espaço para essas vozes, contribuindo para a construção de uma formação mais inclusiva, que valorize o potencial e as conquistas das mulheres no EB. O meu interesse pelo tema é o de apreender as significações produzidas no processo de inclusão das mulheres na formação do oficial do Exército Brasileiro, ainda recente e em andamento, já que me graduei no ano de 2002, acompanhando de perto esse processo na AMAN. O interesse agora vem junto com o olhar crítico do pesquisador, que pretende compreender as significações deste grupo que será pesquisado para colaborar com esse processo de formação recém iniciado e de grande relevância para as mulheres militares.

1.1 Relevância do Estudo / Justificativa

Uma pesquisa acerca das significações produzidas no processo de inclusão de mulheres na formação do oficial combatente do EB se justifica pela possibilidade de se apreender as nuances do processo, que é ainda recente, com a formação completa de apenas uma turma com mulheres. Assim sendo, a realização deste estudo se justifica pelo seu ineditismo, o que o torna muito relevante para que se possa ter uma primeira visão das mulheres no seu processo de inclusão nesse segmento.

Por outro lado, a pesquisa também pode trazer contribuições significativas para a academia e para a produção de conhecimento científico. O estudo das significações produzidas, no processo de inclusão de mulheres, na formação do oficial combatente do EB, pode preencher uma lacuna existente, na literatura, uma vez que há uma escassez de estudos específicos sobre esse tema no contexto brasileiro. Ao fornecer dados e análises aprofundadas, a pesquisa pode estimular o desenvolvimento de novas pesquisas e debates acadêmicos sobre gênero, militarismo e inclusão social, enriquecendo o campo de estudos de gênero e contribuindo para a construção de um conhecimento mais amplo e diversificado.

A pesquisa sobre as significações produzidas, no processo de inclusão de mulheres, na formação do oficial combatente do EB, poderá contribuir também com aprimoramentos e

boas práticas relacionadas à adaptação das mulheres no curso de formação e na superação de desafios vividos especificamente por elas. Dar voz às mulheres que estão vivenciando esse processo e às recém concludentes, certamente, trará luz a vários aspectos diretamente relacionados com o dia a dia das militares.

1.2 Delimitação do Estudo

O recorte da realidade estudada que delimita esta pesquisa, nas significações produzidas no processo de inclusão de mulheres, na formação do oficial combatente do EB, é composto por 22 (vinte e duas) militares do último ano do curso de formação, que se formaram, em dezembro de 2023, e 16 (dezesesseis) oficiais formadas em 2021 e 2022.

Geograficamente, está delimitado, na cidade de Resende-RJ (AMAN) e nas cidades sede das Organizações Militares das oficiais recém-formadas.

A inclusão das mulheres, na linha de ensino militar bélico, faz parte de um grande movimento de luta feminino, na busca pela equidade de oportunidades, e dar voz às militares que vivenciam e vivenciaram este momento é muito importante para o aperfeiçoamento do processo, e ouvir essas militares contribuirá não apenas para o contexto militar, mas também para o debate mais amplo sobre a participação das mulheres em instituições historicamente dominadas por homens, fortalecendo as bases para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

1.3 Problema

A inclusão das mulheres, na formação do oficial combatente do EB, iniciada em 2017, e ainda em andamento, apresenta-se como um grande marco para as mulheres brasileiras, que vêm rompendo barreiras em todos os setores da sociedade. Aprender as significações desse movimento de inclusão é muito importante para o aperfeiçoamento desse complexo processo.

Considerando-se a relevância social do assunto, este pesquisador elaborou a seguinte questão como problema desta pesquisa:

Quais os principais desafios encontrados pelas integrantes das primeiras turmas com mulheres no processo de formação de oficial combatente do Exército Brasileiro?

No intuito de responder à pergunta, seguiremos os objetivos citados a seguir.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo Geral

Apreender as significações de integrantes das primeiras turmas com mulheres acerca de seu processo de formação para oficial combatente do Exército Brasileiro.

1.4.2 Objetivos Específicos

São objetivos específicos desta pesquisa:

1. Identificar desafios encontrados para a inclusão das mulheres no processo de formação do oficial combatente do Exército Brasileiro;
2. Interpretar as mediações e as contradições que constituíram o movimento interno do Exército Brasileiro que culminaram na possibilidade da existência da Oficial combatente;
3. Refletir junto ao grupo de mulheres participantes da pesquisa sobre as possibilidades de transformação cultural advindas da inclusão como combatentes no Exército Brasileiro e
4. Construir de forma colaborativa, a partir das discussões dos grupos, um documento contendo princípios didático-pedagógicos a fim de contribuir com o fortalecimento do acolhimento das mulheres nesse processo de formação.

1.5 Organização do Trabalho

Esta pesquisa foi organizada da seguinte forma: primeiramente, na introdução, foram apresentados o problema, os objetivos, as delimitações do estudo, sua relevância e justificativa, e sua organização.

No segundo capítulo, foi realizada uma revisão de literatura com pesquisas em bases de dados sobre estudos já existentes que tenham aderência à temática sendo investigada. Nesse mesmo capítulo, foi feita uma breve apresentação da mulher militar ao longo da história, culminando com a inserção da mulher na linha de ensino militar bélica do Exército Brasileiro. Em seguida, foram abordados os aspectos da Psicologia Sócio-Histórica e da Interseccionalidade.

No terceiro capítulo, foram descritos os instrumentos metodológicos, com um questionário inicial e a realização posterior de 01 (um) grupo de discussão com as militares recém-formadas.

Em seguida, foram apresentados os Resultados e as Discussões bem como as Considerações Finais e as Referências. Como apêndice, temos o Produto Técnico.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Esta revisão de literatura tem por objetivo apresentar o panorama das pesquisas sobre a inclusão das mulheres, nas Forças Armadas, especialmente na área do ensino militar bélico, bem como trazer algumas mediações teóricas acerca da participação das mulheres na sociedade civil e na área militar.

2.1 Panorama das pesquisas sobre o tema estudado

No mês de abril de 2022, realizou-se uma revisão integrativa da literatura sobre o tema proposto nas bases de dados do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e do Banco de Dissertações do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté (UNITAU).

Primeiramente, verificou-se o que foi pesquisado a respeito dos temas: oficial combatente, mulheres, no Exército, oficial do Exército e oficial do Exército + mulheres. Para isso, foram utilizados alguns descritores em todos os campos: oficial combatente, mulheres, no Exército, oficial do Exército e oficial do Exército + mulheres. Para todos os descritores nas diferentes bases de dados, não foi delimitado intervalo de tempo, devido ao pequeno número de pesquisas nessas áreas de conhecimento.

Após a realização das buscas, nas plataformas, foi realizada a leitura dos títulos dos artigos, das dissertações e das teses que apresentaram a incidência dos descritores utilizados seguida de uma leitura dos resumos dos trabalhos que possivelmente contribuiriam para o presente estudo, e, finalmente, uma leitura integral dos que apresentaram conteúdos que tinham paralelismo com a discussão proposta nesta pesquisa.

Analisando-se os resultados apresentados, observou-se a frequência das ocorrências após a utilização de cada descritor. Os resultados que não possuíram congruência com o estudo foram considerados irrelevantes. Os que estavam alinhados com os objetivos de busca foram catalogados em pertinentes e não pertinentes. Os pertinentes passaram pelo escrutínio de seus resumos.

A primeira base analisada foi o Portal de Periódicos da CAPES, tendo sido especificado para a busca o tipo ARTIGO chegando aos resultados apresentados a seguir:

TABELA 1 - Resultado da pesquisa sobre a Formação do Oficial Combatente do Exército Brasileiro: Significações produzidas no processo de inclusão das mulheres no Portal de Periódicos da Capes

TERMOS DESCRITORES	IRRELEVANTES*	NÃO PERTINENTES**	PERTINENTES***
Oficial Combatente	356	6	4
Mulheres no Exército	3	0	1
Oficial do Exército	89	2	0
Oficial do Exército+Mulheres	30	2	0
TOTAL: 493	478	10	5

Legenda: * Irrelevantes: sem ocorrência significativa ** Não pertinentes: ocorrências que não dialogam com a pesquisa *** Pertinentes: ocorrências que dialogam com a pesquisa

Fonte: Elaborado pelo Pesquisador, 2022.

Os artigos pertinentes encontrados, no Portal de Periódicos da CAPES, encontram-se apresentados em detalhes no quadro a seguir:

QUADRO 1 - ARTIGOS DO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES COM ESTUDOS PERTINENTES À PESQUISA

TERMO DESCRITOR/ PLATAFORMA	AUTORIA	ANO	TÍTULO	CONTRIBUIÇÕES SIGNIFICATIVAS PARA O ESTUDO
Oficial Combatente (CAPES)	Thais Ferreira de Araujo Adriane Roso	2019	Encontros e Despedidas: migração de mulheres militares da Aeronáutica	Este estudo buscou conhecer os significados das experiências de migração de mulheres, no contexto militar, e entender a forma como essas experiências construíram suas subjetividades. Por meio das situações narradas, concluiu-se que, para a mulher, o estar só em um lugar desconhecido reforça uma cultura de subordinação de gênero.
	Tamyra Rocha Rebelo	2013	O equilíbrio de gênero nas operações de paz: avanços e desafios	O artigo discutiu os avanços e os desafios para se alcançar o equilíbrio numérico entre homens e mulheres na composição dos efetivos militares das Operações de Paz das Nações Unidas. Considerou o relativo consenso quanto à importância do aumento dos efetivos femininos e os contrastes com as ideias convencionais sobre os espaços a serem ocupados pelas mulheres na manutenção da paz.

TERMO DESCRITOR/ PLATAFORMA	AUTORIA	ANO	TÍTULO	CONTRIBUIÇÕES SIGNIFICATIVAS PARA O ESTUDO
	Luciana de Oliveira Dias Fabrício Silva Rosa	2014	Polícia tem gênero? Algumas reflexões sobre mulheres e feminino na segurança pública brasileira	O artigo discutiu algumas causas do afastamento do feminino, na segurança pública brasileira, e discutiu a ideia de que o ofício policial está ligado a características masculinas em detrimento das femininas. Buscou a problematização dos elementos de feminilidade e de masculinidade, com a intenção de avançar na construção e na desconstrução de conceitos, abrindo caminhos para a harmonia entre os gêneros.
	Natália Diniz Scwether Graciela de Cont Pagliani	2018	Políticas de Gênero para a Defesa: os casos de Argentina e Brasil	O artigo apresentou as políticas de gênero para defesa, adotadas pelos governos da Argentina e do Brasil, de 2005 a 2015, destacando as práticas do Ministério da Defesa argentino, como uma vanguarda para o movimento de inclusão feminino, e apresentando os movimentos do Ministério da Defesa brasileiro visando à efetivação dos direitos das mulheres e da igualdade de gênero.
Mulheres no Exército (CAPES)	Rosemeire Moreira Andréa Mazurok Schactae	2017	Instituições Armadas, gênero e poder: reflexões para a transformação	O artigo evidenciou que as instituições armadas ainda são ambientes predominantemente masculinos, mas que se observa um aumento significativo do número de mulheres, o que irá desestabilizar a hegemonia masculina, provocando reflexões e a proposta de mudanças que ocorram mais no campo da prática do que no do discurso, consolidando este importante debate da sociedade brasileira.

Fonte: Elaborado pelo Pesquisador, 2022.

Para a pesquisa, na BDTD, foram utilizados os mesmos termos descritores delimitados no Portal de Periódicos da CAPES. Aqui, houve-se por bem delimitar a pesquisa às Dissertações e às Teses, chegando-se às seguintes tabelas:

TABELA 2 - DELIMITAÇÃO DOS TERMOS DESCRITORES NA BDTD (DISSERTAÇÕES)

TERMOS DESCRITORES	IRRELEVANTES*	NÃO PERTINENTES**	PERTINENTES***
Oficial Combatente	9	1	0
Mulheres no Exército	66	3	2

Oficial do Exército	38	3	1
Oficial do Exército+Mulheres	4	0	1
TOTAL: 128	117	7	4****

Legenda: * Irrelevantes: sem ocorrência significativa ** Não pertinentes: ocorrências que não dialogam com a pesquisa *** Pertinentes: ocorrências que dialogam com a pesquisa **** 2 dissertações repetidas

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2022.

TABELA 3 - DELIMITAÇÃO DOS TERMOS DESCRITORES NA BDTD (TESES)

TERMOS DESCRITORES	IRRELEVANTES*	NÃO PERTINENTES**	PERTINENTES***
Oficial Combatente	1	2	1
Mulheres no Exército	39	0	2
Oficial do Exército	30	1	2
Oficial do Exército+Mulheres	1	0	2
TOTAL: 81	71	3	7****

Legenda: * Irrelevantes: sem ocorrência significativa ** Não pertinentes: ocorrências que não dialogam com a pesquisa *** Pertinentes: ocorrências que dialogam com a pesquisa **** 5 Teses repetidas

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2022.

No quadro, a seguir, serão apresentados, em detalhes, os resultados pertinentes da BDTD:

QUADRO 2 - TESES E DISSERTAÇÕES DA BDTD COM ESTUDOS CORRELATOS À PESQUISA

TIPO DE TRABALHO	AUTORIA	ANO	TÍTULO	CONTRIBUIÇÕES SIGNIFICATIVAS PARA O ESTUDO
	Paula Diandra Tagata	2018	Afinal, o que as mulheres querem? Uma análise da opção feminina na carreira militar	Esta dissertação buscou compreender a prevalência da escolha pela carreira de oficial intendente à de oficial aviadora. Pode-se observar que culturalmente e pelo fato de as responsabilidades com os filhos e lar ainda recaírem prioritariamente sobre os ombros das mulheres, elas preferem optar pela carreira de oficial intendente, na busca de conciliar suas vidas profissional e pessoal, em detrimento de alguma vantagem que estariam deixando de possuir por não serem aviadoras.

TIPO DE TRABALHO	AUTORIA	ANO	TÍTULO	CONTRIBUIÇÕES SIGNIFICATIVAS PARA O ESTUDO
Dissertação	Luana Ferreira da Silva Mazulo	2010	Mulheres no Exército Brasileiro: Um estudo sobre poder simbólico e relações de poder em uma organização militar	O trabalho apresenta a inserção tardia das Mulheres, no Exército Brasileiro, 12 anos após a primeira turma de mulheres da Marinha do Brasil. Oriundas da Escola de Administração do Exército, compondo o Quadro Complementar de Oficiais que enfrentaram um ambiente historicamente masculino e passaram a se posicionar em busca de seu espaço de igualdade.
Tese	Risalva Bernardino Neves	2020	Discurso narrativo de mulheres militares no Exército: Uma perspectiva crítica	Esta tese apresentou o resultado de 21 entrevistas com mulheres militares do Exército em seus diversos postos e graduações, e de escolas de formação diversas, bem como 15 respostas de questionário aplicado aos instrutores(as) das escolas de formação mista. Foi observado que a despeito da visível adaptação das mulheres às lides castrenses, os resultados demonstram a divergência entre a legislação e as mulheres em suas narrativas, com a existência de tensões na convivência entre os gêneros, mas uma avaliação positiva no caminho da integração.
	Júlio César Gomes	2014	Mulheres no campo de Marte: um estudo sobre o habitus de gênero na oficialidade do Exército Brasileiro	Este trabalho buscou verificar a contribuição da mulher militar, no processo de diluição das fronteiras entre o Exército e a sociedade civil brasileira, apresentando o histórico da participação feminina, no Exército, que culminou com a Lei nº12705, de 08 de agosto de 2012, determinando a inserção das mulheres na linha bélica, como combatentes, em condições e níveis de acesso a serem determinados pelas Forças Armadas.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2022.

Em relação ao Banco de Dissertações do MPE/UNITAU, verificou-se que, no período compreendido entre 2016 e 2022, foram produzidas 155 dissertações, sendo que não houve ocorrência de temas que se relacionassem com "A Formação do Oficial Combatente do Exército Brasileiro: Significações Produzidas no Processo de Inclusão de Mulheres".

Nesse levantamento bibliográfico, ficou evidente a escassez de estudos encontrados, com aderência ao tema "A Formação do Oficial Combatente do Exército Brasileiro: Significações Produzidas no Processo de Inclusão de Mulheres", a partir das buscas com os descritores oficial combatente, mulheres, no Exército, oficial do Exército e oficial do Exército+mulheres, permitindo a conclusão de que ainda é um tema com grande campo de investigação a ser

desbravado. Tal fato destaca a importância de se realizarem pesquisas e estudos na temática, por se tratar de assunto relevante, na sociedade brasileira contemporânea, um estudo que contribui com a compreensão estrutural dos processos de inserção da atuação feminina em diferentes âmbitos sociais.

Os 9 estudos analisados, entre artigos, dissertações e teses, evidenciam o processo pelo qual as Forças Armadas, em especial o Exército Brasileiro, vêm passando, no decorrer das últimas décadas, para que as mulheres fossem incluídas em seus quadros, inicialmente em cargos técnicos/administrativos e posteriormente cumprindo determinação de instrumento legal, na linha bélica, rompendo a última barreira existente. Os estudos também demonstram que a busca pelo espaço feminino está em andamento e que as mulheres ainda buscam um equilíbrio entre suas carreiras profissionais e seus papéis de mães e esposas, concepção que ainda tem raízes muito profundas na sociedade brasileira. Na sequência, abordaremos aspectos relevantes sobre a mulher e o mundo do trabalho, explicitando as transformações e nuances da luta feminina por espaço e equidade nas carreiras e profissões. Dentro dessas transformações da sociedade, a mulher militar vivencia os desafios da inclusão em um ambiente historicamente masculino. Para uma análise mais aprofundada, usaremos a lente da Psicologia Sócio-Histórica, entendendo que as construções sociais, as culturais e as históricas fazem as mediações entre cada indivíduo singular e sua realidade, produzindo sentidos e significados. Finalmente, a Interseccionalidade traz a complexa relação entre diferentes sistemas de opressão, como gênero, raça, classe social, sexualidade, dentre outros.

2.2 A Mulher e o Mundo do Trabalho

O mundo do trabalho tem sido historicamente dominado por homens, enquanto as mulheres têm enfrentado inúmeras barreiras e desafios para sua inclusão e ascensão profissional. No contexto militar, especificamente no Exército Brasileiro, a presença feminina é uma realidade recente, resultante de transformações sociais, culturais e políticas. Historicamente, a mulher ocupou papéis secundários e subalternos, na sociedade, incluindo o mercado de trabalho. Contudo, nas últimas décadas, ocorreram mudanças significativas nesse cenário, impulsionadas pelo movimento feminista, pelas demandas por igualdade de gênero e pelas transformações socioeconômicas. Mulheres têm buscado romper com as limitações e estereótipos de gênero, conquistando cada vez mais espaços profissionais antes restritos aos homens (Scott, 2014, p. 42).

Essa evolução no papel da mulher, no mercado de trabalho, tem sido marcada por avanços e desafios. Por um lado, houve um aumento significativo da participação feminina em diversos setores, com mulheres ocupando posições de destaque em diferentes profissões.

Por outro lado, ainda persistem desigualdades salariais, discriminação de gênero e dificuldades na conciliação entre trabalho e vida pessoal, especialmente quando se trata de funções que demandam disponibilidade integral, como a carreira militar (GARCIA, 2018, p. 76).

A inclusão das mulheres nas Forças Armadas, que vem acontecendo gradativamente nas últimas décadas, são um reflexo das transformações sociais, econômicas e políticas em nosso país, concomitantemente com a ampliação da participação feminina, no mercado de trabalho, principalmente em profissões e carreiras historicamente masculinas.

As mulheres vêm lutando e conquistando mais espaço e oportunidades, na sociedade, de maneira crescente, principalmente a partir da década de 1960. Um aspecto que acompanhou esse movimento, ao longo dos anos, foi uma contínua transformação na estrutura familiar, que historicamente foi patriarcal, com o homem sendo o chefe e provedor e a mulher cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos. Uma situação que passou a chamar a atenção foi o aumento de lares chefiados por mulheres, que passaram também a ser as responsáveis pelo provimento de seus dependentes, segundo o Boletim Especial do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (2023, p.5):

A maioria dos domicílios no Brasil é chefiada por mulheres. Dos 75 milhões de lares, 50,8% tinham liderança feminina, o correspondente a 38,1 milhões de famílias. Já as famílias com chefia masculina somaram 36,9 milhões. As mulheres negras lideravam 21,5 milhões de lares (56,5%) e as não negras, 16,6 milhões (43,5%), no 3º trimestre de 2022.

O acesso ao mundo do trabalho, como resultado de um bom nível de escolaridade e da possibilidade de capacitação, é um sinalizador de autonomia, já que o trabalho possibilita renda e a busca por uma vida digna, possibilitando a melhora da sociedade como um todo. Considerando isso, percebe-se que, apesar de um bom índice de empregabilidade com relação ao total da força de trabalho, no país, as mulheres também representam maioria entre os desempregados, segundo o Boletim Especial do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (2023, p.2):

Do total da força de trabalho no Brasil, 44,0% eram mulheres, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PnadC), realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), para o 3º trimestre de 2022. Elas, no entanto, eram também a maioria entre os desempregados (55,5%). O resultado aparece na taxa de desocupação: 11,0% para as mulheres e 6,9% para os homens, no mesmo período de análise.

Importante ressaltar que a cultura das funções, dentro do lar, influencia sobremaneira esse tipo de levantamento, visto que as tarefas domésticas ainda são executadas principalmente por mulheres, ficando estas impossibilitadas de se ausentarem de suas residências para entrarem na disputa por vagas, no mercado de trabalho, ou tendo que

acumular esses afazeres após sua jornada de trabalho, o que é uma barreira para a participação das mulheres, conforme o estudo Estatísticas de Gênero (2024, p.3):

A maior dedicação às atividades de cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos acaba por restringir uma participação mais ampla das mulheres no mercado de trabalho. Em 2022, a taxa de participação das mulheres (CMIG 1.3) com 15 anos ou mais de idade no mercado de trabalho (ocupadas ou em busca de trabalho e disponíveis para trabalhar) foi de 53,3%, enquanto entre os homens esta medida chegou a 73,2%, em média, uma diferença de 19,8 pontos percentuais (p.p.).

Se considerarmos a parcela feminina considerada economicamente ativa, começamos a nos deparar com as diferenças existentes entre os sexos. Como primeiro aspecto, podemos perceber as discrepâncias com relação aos salários, já que, na maior parte dos casos, a mulher recebe um salário mais baixo que o homem executando uma mesma função, mesmo quando elas são maioria em seu setor de atividade, como afirma o Boletim Especial do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (2023, p.3):

Em termos de rendimentos, as mulheres ganharam, em média, 21% a menos do que os homens - o equivalente a R\$ 2.305 para elas e a R\$ 2.909 para eles. Por setor de atividades, mesmo quando as mulheres eram a maioria, elas recebiam menos, em média. Nos serviços domésticos, as trabalhadoras representavam cerca de 91% dos ocupados e o salário foi 20% menor do que o dos homens. No grupamento educação, saúde e serviços sociais, elas totalizaram 75% dos ocupados e tinham rendimentos médios 32% menores do que os recebidos pelos homens.

Um dos principais aspectos no estudo da situação das mulheres, no mercado de trabalho, é a existência das profissões consideradas femininas, que absorvem a maior parte do efetivo das trabalhadoras como as profissões ligadas à área de saúde, da educação e dos serviços domésticos. Essa maneira de classificar as profissões dificulta o acesso das mulheres aos postos de trabalho considerados masculinos. Sobre isso, afirmam Bruschini e Lombarde, 2003, p.323:

Na verdade, o que se verifica é um paradoxo: por um lado, uma tendência inovadora, que é a conquista de melhores empregos pelas mulheres com maior escolaridade; por outro, a predominância dos guetos femininos, ou seja, “ocupações com elevada concentração de mulheres, bem como de desigualdades salariais entre os trabalhadores de ambos os sexos, mesmo nos bons empregos.

Dentro desse contexto de profissões vocacionadas para as mulheres, deparamo-nos com o trabalho doméstico remunerado, sendo o carro chefe na empregabilidade, principalmente entre as mulheres negras, conforme aponta o Boletim Especial do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (2023, p.11):

Entre as ocupadas, uma em cada quatro (25,3%) mulheres chefes de família negras eram empregadas domésticas; 16,6% estavam nos setores de educação, saúde humana e serviços sociais; e 15,1% no comércio. Entre as não negras, 22,3% trabalhavam em educação, saúde humana e serviços sociais; 17,5%, no comércio; e 15,8%, nos serviços domésticos.

Apesar de todas as dificuldades encontradas pelas mulheres, nas últimas décadas, na busca pela igualdade e pela colocação, no mercado de trabalho, fazendo parte do mesmo movimento na direção da inclusão e da busca pela igualdade, as mulheres rompendo as últimas barreiras, adentraram, também, agora definitivamente, na carreira das armas.

2.3 A mulher militar

Estudos históricos recentes oportunizam revisões importantes na participação das mulheres, nos diversos setores da sociedade humana ao longo dos séculos. Na idade antiga, por exemplo, as mulheres apresentaram muito mais relevância do que simplesmente ficar, na caverna, cuidando dos filhos e mantendo o fogo aceso, tendo construído um sistema de parceria com os homens, como afirma Caire (2002, p.15):

A descoberta notável da etnologia moderna é que, na família primitiva, a mulher se nos apresenta em pé de igualdade com o homem, ou melhor, é sua sócia. Nós a vemos então como uma “mulher batalhadora” que sabe usar unhas e dentes. Sabe se defender contra as grandes feras [...]. Provavelmente, sabe também enfrentar homens das outras tribos, os inimigos. Ela conhece a utilização do arco e do porrete.

Com o passar do tempo, as mulheres especializaram-se na colheita enquanto os homens praticavam a caça nos arredores de sua tribo. Essa divisão de funções não impediu que a tradição da parceria entre os sexos permanecesse em algumas culturas, como pôde ser observado entre os celtas e os germânicos, que foram povos inimigos ferrenhos dos exércitos de Roma. Nesses dois casos, as mulheres acompanhavam os homens até o campo de batalha e faziam a segurança da retaguarda e das carroças. Em muitos casos, foram as mulheres que rechaçaram as investidas romanas contra seus exércitos em retirada, como relata Caire (2002, p.15):

[...] quando vencidos, retiraram-se para as carroças, suas mulheres se postaram entre eles e os romanos, que empreendiam a perseguição com espadas e machados. Os romanos se viram obrigados a recuar, interrompendo o combate até o dia seguinte. [...] As mulheres organizaram uma posição para a defesa com as carroças e preferiam ser degoladas, juntamente com as crianças, em vez da rendição.

Entre os gregos e os romanos, as mulheres não eram aceitas no acompanhamento das tropas, com raras exceções para escravas e cozinheiras, na maioria das vezes nos campos de repouso, afastadas da frente da batalha. A idade média intensificou ainda mais o retrocesso na posição de igualdade entre homens e mulheres, em grande parte pela influência da igreja, que apontava a mulher como fonte de pecado. Somente com o renascimento, a partir do século XV, que a situação começou a apresentar uma pequena evolução, quando elas

passaram a ser toleradas, mas não sem serem estigmatizadas e perseguidas, explica Caire (2002, p.18):

Tais mulheres que, em princípio, não participavam do combate iriam exercer diversas funções e vivenciar várias experiências. Seja durante a Idade Média, seja no decorrer do Antigo Regime, seja ao tempo da Revolução e do Império, elas seguiram exércitos como esposas, enfermeiras, prostitutas ou mercadoras antes que fossem reconhecidos os papéis oficiais de cantineiras, vivandeiras e lavadeiras.

Esses acontecimentos históricos foram contemporâneos às grandes navegações que culminaram com o descobrimento do novo mundo. O império português se estendeu à América do Sul, porém muitas potências europeias disputaram a posse das ricas terras brasileiras recém-descobertas. Entre 1630 e 1654, os holandeses invadiram Pernambuco e outras regiões do nordeste brasileiro. Durante esse período conturbado, surgiu a primeira mulher brasileira a se destacar, nas lides militares, como relatado na Revista Verde-Oliva n.237⁴(2017, p.12):

Clara Camarão, alagoana da tribo dos Carijós e esposa de Felipe Camarão, marchando à frente das senhoras de Porto Calvo, comandou o Exército Feminino, escoltando os moradores da vila em retirada, devido à invasão de Nassau. Destacou-se na batalha de 1637, sendo comparada às mulheres guerreiras que na antiguidade, morriam valentemente lado a lado com os homens.

A partir daí, surgiram outros exemplos, infelizmente muito pouco enaltecidos da participação das mulheres em momentos decisivos da história nacional, como na defesa da independência e da integridade nacional, e na luta contra as ideologias totalitárias do nazifascismo, cuja sombra se estendia por quase todo o mundo livre.

Na luta pela confirmação da independência brasileira, destacou-se Maria Quitéria de Jesus Medeiros conforme nos traz a Revista Verde-Oliva n.237 (2017, p.13):

Voluntária e disfarçada de homem, apresentou-se à guarnição de Cachoeira em um sexta-feira e, no domingo, foi considerada “soldado” – o Soldado Medeiros – do Regimento de Artilharia, passando mais tarde para a Infantaria. Nos seus assentamentos, estão registrados vários elogios de seus comandantes, de Labarut a Lima e Silva.

De 1864 a 1870, o Brasil voltou a enfrentar grande desafio militar, durante a guerra do Paraguai. A região do conflito dificultava extremamente a logística e o recrutamento de tropas, mesmo assim vários batalhões de voluntários da pátria foram recrutados na busca pelo

⁴ A Revista Verde-Oliva é um produto de mídia impressa do Centro de Comunicação Social do Exército (CCOMSEX). Caracteriza-se como uma revista cultural e informativa, que mantém, pela publicação de notícias e artigos, o público em geral informado sobre a atuação do Exército Brasileiro (EB) e de suas organizações militares (OM) nas várias atividades inerentes à Instituição, particularmente nas áreas social, comemorativa, assistência social, esportiva e organizacional. A revista Verde-Oliva foi utilizada em muitas citações por ser uma das únicas fontes sobre o assunto em questão.

aumento dos efetivos brasileiros. Durante esse que foi o maior conflito sul-americano, podemos destacar a participação de Anna Justina Ferreira Nery e de Maria Francisca da Conceição. Sobre Anna Nery a Revista Verde-Oliva n.237 (2017, p.13) relata:

Anna Nery, a Heroína da Caridade, teve vários parentes deslocados para a Guerra, além de dois de seus filhos e um irmão. Solicitou, então, em 8 de agosto de 1865, ao Presidente da Província, Doutor Manoel Pinto de Souza Dantas, permissão para acompanhar nossas tropas na luta contra Solano Lopes. Aceita a proposta, partiu da Bahia, no dia 13 de agosto de 1865, sendo considerada a primeira Enfermeira Voluntária do Brasil.

Já os feitos em combate de Maria Francisca são descritos na Revista Verde-Oliva n.237 (2017, p.14) como se segue:

Sem sombra de dúvidas, exemplo dignificante de combatente foi Maria Francisca da Conceição que, casada aos 13 anos, partiu para a campanha do Paraguai, em 1866, disfarçada de homem, acompanhando o seu marido. Sua bravura, no campo de batalha de Curupaity, lhe valeu o nome de Maria Curupaity. Ferida no peito por um paraguaio, foi levada para o hospital e, somente nessa ocasião, para espanto geral de todos, conheceram-lhe o sexo. O seu exemplo arrebatava os homens e seu grito “Aqui está Maria Curupaity, avante!”, levava-os à luta com ardor.

Em 1939, teve início o maior conflito da história da humanidade, a 2ª Guerra Mundial, que contou com a participação de 25.000 militares brasileiros, que lutaram no fronte da batalha do norte da Itália. Foi naquela oportunidade que, pela primeira vez, oficialmente, o governo federal autorizou o alistamento feminino para as enfermeiras que comporiam a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Sobre tal importante fato, a Revista Verde-Oliva n.237 (2017, p.14) nos relata:

Em 1944, incorporaram um total de 73 mulheres brasileiras, sendo 67 no Exército, e seis na Força Aérea, defrontando-se com os maiores sacrifícios e dificuldades, mas imbuídas da vontade inquebrantável de defender o nosso Brasil. Essas heroínas do Século XX terão seus atos rememorados com veneração, como fazemos agora com aquelas que nos antecederam.

A história da mulher, no Exército Brasileiro, deu um grande passo a partir da década de 1990. Primeiro ocorreu a inserção das mulheres, no Quadro Complementar de Oficiais (QCO), em 1992. Sobre o QCO, a página do Exército Brasileiro informa:

O Quadro Complementar de Oficiais (QCO) é composto por oficiais com curso superior, realizado em universidades civis, em diferentes áreas do conhecimento e especializações técnicas necessárias ao Exército. Esses oficiais são formados na Escola de Formação Complementar do Exército, que matricula anualmente quase uma centena de alunos. São administradores, que racionalizam processos gerenciais; estatísticos, que assessoram seus superiores com análises de quadros do Exército; professores, que educam os jovens líderes do amanhã; profissionais de informática, que implementam vários sistemas de computação na Força Terrestre; os comunicadores sociais, que contribuem para a divulgação da imagem da Força; e ainda advogados, psicólogos, contadores e tantos outros, que vêm compartilhando, com os demais integrantes da Força, os esforços desenvolvidos em prol do cumprimento da missão constitucional do Exército.

Nessa mesma década, foram incorporadas as primeiras voluntárias de saúde: Médicas, Farmacêuticas, Dentistas, Veterinárias e Enfermeiras de nível superior. O IME matriculou as

primeiras alunas e a EsSEx matriculou as primeiras Médicas, Farmacêuticas, Dentistas, Veterinárias e Enfermeiras de nível Superior. Em 2001, a EsSEx também passaria a formar as sargentos de saúde.

Todo esse avanço culminou com a promulgação da lei nº 12705, de 08 de agosto de 2012, que determinou que o ingresso na linha militar bélica de ensino permitido a candidatos do sexo feminino deveria ser viabilizado em até 5 (cinco) anos a contar da data da publicação da lei. A fim de se preparar para o ingresso das mulheres, o EB, por intermédio do PISFLEMB-EB, o Exército Brasileiro realizou uma série de ações, realizando um movimento interno de preparação em vários aspectos. A AMAM realizou a atualização e a revisão de toda a documentação como consta do Extrato de Informações do PISFLEMB-EB (2020, p.9):

Houve estudo criterioso, coordenado pela Assessoria Jurídica, de forma a verificar, analisar e propor alterações/atualizações a fim de adequar as normas internas da AMAN para que todos os cadetes (homens e mulheres) tivessem o mesmo tratamento igualitário na sua formação. Para todas as decisões tomadas foram confeccionadas “Súmulas de Decisão”, aprovadas pelo Gerente do Projeto, cujos conteúdos foram inseridos nos documentos internos de cada Estb Ens.

Como se tratava de uma situação inédita no âmbito da AMAN, foi necessário realizar também a ambientação e a preparação do público interno, que passariam a ter contato direto com as futuras alunas e cadetes, o que foi realizado conforme consta do Extrato de Informações do PISFLEMB-EB (2020, p.9):

Foi feita a preparação do público interno (cadetes e oficiais) por intermédio de dinâmicas de grupo, palestras, Estágio de Atualização Pedagógica (EstAP), EstAP Continuado, capacitando-o para os novos procedimentos a serem realizados. Foram criadas capacitações específicas para os instrutores do Curso Básico e para os Cadetes Niveladores. Foram utilizadas diversas formas de transmissão de conhecimentos para a capacitação, como por exemplo: banners, folders, publicações na intraman, vídeos, murais das alas dos cadetes, exploração de temas em formaturas, cartilhas de assuntos específicos, narrativa institucional, mídias sociais, etc.

Outra providência realizada foi a seleção, a nomeação e a capacitação de instrutoras, que seriam fundamentais nas equipes de instrução que receberiam as primeiras mulheres, conforme consta no Extrato de Informações do PISFLEMB-EB (2020, p.10):

Em referência aos instrutores do sexo feminino, houve intenso planejamento e estudo para a seleção, proposta de nomeação e capacitação. As instrutoras atuais são oriundas do QCO, da área de Saúde ou da área técnica (IME). Foi implementada a preparação das instrutoras por intermédio do Plano de Capacitação de Instrutores, coordenado pelo Curso Básico, inicialmente durante o ano anterior à chegada das cadetes. Os instrutores femininos desempenham a função de Adjunto do Comandante de SU, assessorando o Cmt SU e os Cmt Pel nos assuntos específicos do sexo feminino, facilitar a adaptação e solução de possíveis problemas, além de outras atividades peculiares a cada SU/curso.

Adaptação fundamental para receber as mulheres na formação do oficial combatente foi na infraestrutura, principalmente dos alojamentos, conforme consta no Extrato de Informações do PISFLEMB-EB (2020, p.10):

Na parte da Tarefa Infraestrutura foi onde apareceram as maiores necessidades visando a adaptação da Academia. Os locais de alojamentos destinados aos cadetes do sexo feminino foram as Alas “F”, “G” e “H”, do 3º piso do CP I. Foram realizadas obras de adaptação das referidas alas (principalmente referentes aos banheiros). Simultaneamente foram adquiridos todos os mobiliários para a implementação dos novos alojamentos.

Outro estudo realizado foi relacionado com a capacitação física, já que as mulheres seriam avaliadas fisicamente, conforme consta no Extrato de Informações do PISFLEMB-EB (2020, p.11):

Em referência à Tarefa Capacitação Física, os estudos sobre o tema foram coordenados pelo IPCFEx, com participação de todos os demais envolvidos no projeto (AMAN, EsPCEEx, EsSA, EsSLog e CIAvEx), considerando a diferença em relação aos componentes da condição física entre homens e mulheres. Foi confeccionada uma tabela considerando os valores proporcionais das valências físicas do sexo feminino em relação ao masculino, com a conseqüente diferença de desempenho entre os sexos. Com isso, a AMAN ajustou as tabelas de graus do TFM, proporcionando a justiça necessária ao processo meritocrático adotado, aplicando o princípio da proporcionalidade entre homens e mulheres (mesmas provas com índices diferenciados).

Depois de superadas as etapas finais do concurso e vencido o período de adaptação à vida militar, a primeira turma mista da EsPCEEx iniciou o ano letivo adentrando o portão histórico daquela Escola. O momento por ser histórico foi assim relatado na Revista Verde-Oliva n.257 (2022, p.15):

O ano letivo teve início no dia 18 de fevereiro de 2017, com a primeira turma composta por homens e mulheres adentrando os portões históricos da EsPCEEx e dando os primeiros passos para a carreira de oficial da Linha Militar Bélica. Logo foi percebido que a distância da família e dos amigos, a rotina da escola, os serviços de escala e os exercícios no terreno, além de muitos outros desafios do primeiro ano da carreira militar, poderiam ser vencidos com dedicação e camaradagem, o que contribuiu, também, para forjar a união da turma no prosseguimento para a AMAN.

A turma iniciou sua formação militar com 440 integrantes, sendo 400 alunos e 40 alunas e foi batizada de Turma Dona Rosa da Fonseca como relatado na Revista Verde-Oliva (2022): A turma denominou-se “Dona Rosa da Fonseca”, personalidade de inegável magnitude e exemplo de união familiar, de patriotismo e de devoção ao Brasil e à causa militar, instituída como a Patronesse da Família Militar.

Superados todos os desafios da intensa formação acadêmica, a Turma Dona Rosa da Fonseca, formada em 27 de novembro de 2021, tem em sua composição 391 cadetes, sendo 368 homens e 23 mulheres (Revista Verde-Oliva, 2022). Com a primeira turma formada, o processo de inserção do sexo feminino, ainda recente e em andamento, vai se consolidando

e se aperfeiçoando, mostrando, mais uma vez à sociedade, o inegável valor, determinação e competência da mulher brasileira na busca pelos seus ideais.

2.4 A Psicologia Sócio-histórica

Considerando a relevância da pesquisa, e buscando um entendimento amplo e profundo das questões que envolvem a inserção das mulheres na formação do oficial combatente do Exército Brasileiro, a pesquisa e as informações produzidas foram analisadas à luz das categorias da Psicologia Sócio-histórica, com ênfase nas significações, na historicidade, na mediação, na contradição e no devir, com uma leitura crítica da realidade, buscando a desnaturalização dos fenômenos.

A Psicologia Sócio-histórica (PSH) é uma teoria advinda especificamente de estudos realizados, na PUC-SP, que se iniciaram no programa de Psicologia Social. Tem base em Vigotski e no método materialista histórico-dialético. Hoje, na PUC, existem alguns grupos de estudo e pesquisa que nascem dessa vertente, alguns no programa de Psicologia Social, e outros no programa de Psicologia da Educação. Esses estudos desdobram-se e se desenvolvem em outras instituições de ensino superior e programas de pós-graduação, como o nosso caso, com o grupo de estudos do MPE, o Grupo de trabalho Sócio-histórico, importante fonte de discussões para esta pesquisa.

Para Vigotski, o indivíduo constitui seu conhecimento na sua inter-relação com a realidade sócio-histórica, levando essa construção para o seu interior, mantendo um continuado movimento de relações sociais e de reflexão crítica, a consciência social e as informações objetivas da realidade vão sendo subjetivadas. Esse é o continuado movimento de subjetivação-objetivação, e, para esse intento, o ser humano se utiliza da linguagem, interpretando o choque entre os sentidos e os significados que vão sendo produzidos e apropriados nesse movimento. Sobre sentidos e significados afirmam Correio e Mendonça, (2013, p.30):

Enquanto o significado representa a unidade do pensamento verbal, pois “e no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal” e “refere-se ao sistema de relações objetivas que se formou no processo de desenvolvimento da palavra, consistindo no núcleo relativamente estável de compressão da palavra, compartilhado por todas as pessoas que a utilizam” (OLIVEIRA, 1993, p.50), o sentido de uma palavra, por sua vez, “é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência.

A Psicologia Sócio-Histórica surge como um ramo da psicologia e da educação que aborda o sujeito, com ênfase em suas dimensões histórica e social, buscando compreender seu desenvolvimento social e psicológico. Tem sua gênese nos estudos desenvolvidos por Vigotski, Leontiev e Luria, destacando que o desenvolvimento humano ocorre social e culturalmente, nas relações interpessoais, que se dão inseridas no social e no cultural.

Essa abordagem defende que a mente humana é formada pela realidade histórica e

cultural, incluindo regras, práticas sociais, valores e crenças. Dessa forma, a Psicologia Sócio-histórica busca a compreensão de como esses fatores determinam a aprendizagem, as emoções e o comportamento humano nos diferentes contextos sociais e históricos, como afirma Bock, Gonçalves e Furtado, (2007, p.22):

Portanto, para a Sócio-Histórico, falar do fenômeno psicológico é obrigatoriamente falar da sociedade. Falar da subjetividade humana é falar da objetividade em que vivem os homens. A compreensão do “mundo interno” exige a compreensão do “mundo externo”, pois são dois aspectos de um mesmo movimento, de um processo no qual o homem atua e constrói/modifica o mundo e este, por sua vez, propicia os elementos para a constituição psicológica do homem. As capacidades humanas devem ser vistas como algo que surge após uma série de transformações qualitativas. Cada transformação cria condições para novas transformações, em um processo histórico, e não natural. O fenômeno psicológico deve ser entendido como construção no nível individual do mundo simbólico que é social.

A Psicologia Sócio-histórica é uma ferramenta com possibilidades na educação, nos processos de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento, ou seja, essa abordagem pode ser relevante em qualquer área que envolva a importância da aprendizagem social e cultural, e a reflexão crítica sobre as condições sociais e históricas, mediações e contradições que constituem o ser humano. Tal aspecto da Psicologia Sócio-histórica é relevante no processo de apreensão das significações produzidas no processo de inclusão das mulheres na linha do ensino militar bélico, considerando-se as peculiaridades da formação acadêmica, como o internato e o desenvolvimento dos padrões técnico-profissionais esperados para o/a oficial combatente do EB, por meio de uma formação acadêmica mesclada às técnicas militares.

Além disso, a Psicologia Sócio-histórica contribui para uma visão mais crítica da sociedade e de seus processos históricos, levando a uma reflexão sobre as estruturas sociais que têm o potencial de determinar formas de ser humano. Essa visão crítica proporciona uma compreensão de questões sociais e políticas, como desigualdade social, violência, exclusão social e processos discriminatórios, possibilitando a busca pela transformação social, como afirma Bock, Gonçalves e Furtado, (2007, p.26):

Para compreender o mundo psicológico, a Psicologia terá obrigatoriamente de trazer para seu âmbito a realidade social na qual o fenômeno psicológico se constrói; e, por outro lado, ao estudar o mundo psicológico, estará contribuindo para a compreensão do mundo social. Trabalhar para aliviar o sofrimento psicológico das pessoas exigirá do psicólogo um posicionamento ético e político sobre o mundo social e psicológico. A Psicologia Sócio-Histórica pretende assim ser crítica porque posicionada. Exige a definição de uma ética e uma visão política sobre a realidade na qual se insere o nosso “objeto de estudo e trabalho”, sua forma de pensar a realidade e o mundo psicológico não pode ser dissociada dessa perspectiva e da necessidade desse posicionamento.

A partir dos pressupostos da PSH, entendemos a constituição do ser humano como social, sendo um ser histórico e único ao mesmo tempo. O sujeito se constitui “numa relação dialética com o social e a história, um homem que, ao mesmo tempo, é único, singular e histórico” (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 224).

Para se chegar o mais próximo da realidade, foram empregados, neste estudo, os Núcleos de Significação que representam uma ferramenta metodológica que promete

enriquecer consideravelmente a compreensão dos processos de construção de sentidos e significados.

A análise dos Núcleos de Significação não se restringiu a uma mera descrição dos elementos discursivos, mas buscou penetrar nas camadas mais profundas dos discursos, revelando as complexidades e as contradições que os permeiam. Essa abordagem contribuiu para uma análise mais profunda e abrangente dos fenômenos sociais, enriquecendo o debate para a apreensão das significações.

Sobre núcleos de significação nos afirmam Aguiar, Soares e Machado (2015, p.61):

Para que possamos, portanto, nos apropriar das significações, necessário se faz apreender não sua unilateralidade, mas suas relações, qualidades, contradições, isto é, as mediações sociais e históricas que as configuram como unidades dialéticas da fala e do pensamento. O que pretendemos neste item não é, contudo, discutir o processo de constituição das formas de significação da realidade pelo sujeito, mas explicitar a necessidade de construir um procedimento metodológico que possibilite ao pesquisador apreender esse processo para além do empírico e que, assim, permita-lhe passar da aparência das palavras (significados) para sua dimensão concreta (sentidos).

Nesse processo de trazer luz às interpretações e às reflexões do sujeito, na construção das suas mediações com o mundo social e cultural, destacam-se as categorias da Psicologia Sócio-histórica como ferramentas fundamentais, como lentes para compreendermos a realidade estudada, dando destaque e auxiliando na explicação de uma determinada zona da realidade, indo além da aparência, da descrição, buscando uma explicação e uma apreensão dos sentidos para além dos significados. Nesta pesquisa, serão empregadas algumas dessas categorias para um entendimento mais amplo das significações produzidas, no processo de inclusão de mulheres na formação do oficial combatente do Exército Brasileiro, quais sejam: significações; historicidade; contradição; totalidade; pensamento-linguagem e devir. Sobre as categorias, afirmam Aguiar e Machado, (2016, p.263):

No processo de produção de conhecimento sobre o real, as categorias balizam a reprodução do concreto por meio do pensamento. Elas possuem a universalidade como um de seus principais aspectos (Bernardes, 2011). São, nesse sentido, construtos abstratos os quais orientam o pesquisador no processo de construção de conhecimento sobre o real. Os conceitos, por sua vez, definem certa particularidade do objeto, mas são carentes de elementos para o entendimento da universalidade (ou totalidade) em que são compostos, levando a não possibilidade de apreenderem e revelarem o movimento contraditório do real

Na sequência, faremos uma breve definição de cada uma das categorias que foi usada no processo de análise:

2.4.1 Significações

Para a Psicologia Sócio-Histórica, a categoria das “significações” refere-se ao processo pelo qual toda a produção subjetiva e objetiva dos sujeitos adquire sentido e significado por meio das relações sociais e da mediação simbólica. Elas são construídas e compartilhadas em um contexto cultural e histórico, e servem como um veículo para compreender e interagir com o mundo. Assim, a construção social da realidade se dá no movimento de subjetivação-objetivação, em que cada um internaliza as vivências compartilhadas socialmente, ao mesmo tempo que externaliza suas próprias vivências. Nesse continuado movimento, compartilhamos significados e sentidos, as significações.

A importância das significações é que elas não são estáticas ou dadas *a priori*; elas são formadas e transformadas por meio de processos sociais. Sobre isso, explica-nos Aguiar, Soares e Machado (2015, p.63):

Trata-se de um processo dialético em que o pesquisador não pode deixar de lado alguns princípios, como a totalidade dos elementos objetivos e subjetivos que constituem as significações produzidas pelo sujeito, as contradições que engendram a relação entre as partes e o todo, bem como deve considerar que as significações constituídas pelo sujeito não são produções estáticas, mas que elas se transformam na atividade da qual o sujeito participa.

Assim, entender as significações é fundamental para compreender como os indivíduos interpretam, experienciam e agem, no mundo, e como essas interpretações e ações são determinadas pelo contexto cultural e histórico em que estão inseridos.

2.4.2 Historicidade

A historicidade, na Psicologia Sócio-Histórica, está relacionada à compreensão de que o desenvolvimento humano não ocorre em um vácuo, mas é profundamente determinado pelo contexto histórico e social no qual um indivíduo está inserido, e enfatiza a importância dos processos sociais e das interações culturais na formação da mente humana, que é uma construção social e histórica, resultante das práticas e significados compartilhados em uma determinada sociedade.

A Historicidade evidencia as transições, as mediações que constituem historicamente os sujeitos. Usar a historicidade para entender a participação das mulheres, em uma função

eminentemente masculina, é ressaltar a luta das mulheres, não só dentro do Exército, mas na história da humanidade. Sobre essa importante categoria, afirma-nos Moura, (2023, p.62):

Portanto, a Historicidade não deve ser entendida apenas como uma simples sucessão de fatos apresentados cronologicamente, mas como um movimento determinado por relações de forças dialeticamente articuladas, que se constituem ao longo dos acontecimentos, muitas vezes, até triviais, mas que são constituídos pela totalidade histórica de um período determinado.

Assim, a historicidade destaca a inseparabilidade entre o indivíduo e seu contexto. Ela rejeita a ideia de que os processos psicológicos podem ser compreendidos de forma isolada, sem considerar a história, a cultura e a sociedade que os circundam. Em vez disso, ela defende que para entender plenamente a psicologia humana é essencial examinar os contextos históricos e sociais que influenciam e dão forma à mente e ao comportamento humano, enfatizando que o desenvolvimento humano é um processo dinâmico e interativo, influenciado e moldado pelas forças históricas e sociais que permeiam a vida de um indivíduo.

2.4.3 Contradição

Dentro da Psicologia Sócio-Histórica, a categoria "contradição" desempenha um papel crucial e não deve ser entendida apenas como um simples oposto, mas como uma tensão dialética que impulsiona o desenvolvimento e a mudança. De acordo com a visão sócio-histórica, contradições são inerentes às atividades humanas e às formações sociais. Essas contradições surgem a partir de desequilíbrios ou conflitos entre diferentes forças ou aspectos da realidade, sejam elas internas ao indivíduo ou inerentes ao seu ambiente social e cultural, como nos afirmam Aguiar e Penteado, (2018, p.547):

As relações humanas, compreendidas como sociais e históricas, são constituídas na realidade dialética, marcadas pela contradição e objetivadas por meio de diferentes mediações. Essas mediações se interpõem nas relações humanas como um centro organizador e gerador de conflitos e novas contradições.

Na Psicologia Sócio-histórica, a contradição não é vista como um problema a ser eliminado, mas como um motor para o desenvolvimento. É por meio da resolução (ou tentativa de resolução) dessas contradições que o indivíduo e a sociedade avançam e evoluem.

2.4.4 Totalidade

A "totalidade", na Psicologia Sócio-Histórica, é um conceito que se refere à compreensão integral dos fenômenos subjetivos e objetivos, considerando todas as suas

múltiplas determinações e a inter-relação entre elas. Essa categoria é profundamente determinada pela dialética, buscando entender o indivíduo como um ser social, histórico e situado em uma materialidade cultural, social e histórica específica. A totalidade é a categoria que nos ajuda a compreender o movimento dos sujeitos/fenômenos estudados inseridos em determinada totalidade social. Sobre isso, ensinam-nos Aguiar e Penteado, (2018, p. 539):

Com base nisso, ao utilizar esse procedimento em investigações, esperamos que os pesquisadores possam ir além da aparência do fenômeno, possam considerar a relação parte-todo, mantendo a noção de totalidade, e tentar apreender o fenômeno em seu movimento contraditório, inerente à realidade (entendida como dialética e assentada na materialidade histórica, social e cultural) que constitui a sociedade humana.

Na perspectiva da totalidade, os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e históricos são inseparáveis e, ao estudar qualquer sujeito, é imprescindível considerar a pessoa em sua totalidade, analisando como as diversas dimensões (históricas, culturais, sociais, econômicas, políticas) presentes, na totalidade social, convergem e se articulam para constituir o desenvolvimento humano e os processos psicológicos. Contrapõe-se, portanto, a abordagens reducionistas e mecanicistas, que tendem a isolar e fragmentar as explicações sobre a constituição dos sujeitos, desconsiderando suas múltiplas relações com tantos outros elementos da totalidade social, a relação parte-todo.

2.4.5 Pensamento-Linguagem

Segundo Vigotski, pensamento e linguagem não são processos isolados, mas profundamente interligados em sua evolução e função.

Nessa perspectiva, a linguagem é entendida não apenas como um conjunto de signos, mas como uma atividade social. Ela emerge e se desenvolve nas/das relações sociais e, por meio delas, o indivíduo apropria-se de conhecimentos, conceitos e modos de pensar de sua cultura. Sobre isso, afirma-nos Vigotski, (2001, p.10):

E, se o pensamento se materializa na palavra na linguagem (discurso) exterior, a palavra morre na linguagem (discurso) interior, gerando o pensamento. A linguagem (discurso) interior é um momento dinâmico, instável e fluido, que se insinua rapidamente entre os pólos extremos melhor enformados do pensamento verbal: entre a palavra e o pensamento.

As relações sociais, portanto, desempenham um papel crucial. Antes de um pensamento se tornar interno, ele é externalizado e compartilhado por meio da linguagem na comunicação com outros.

Assim sendo, a categoria "Pensamento-Linguagem" enfatiza a natureza entrelaçada e interdependente do pensamento e da linguagem e seu desenvolvimento como resultado das relações sociais e culturais.

2.4.6 Devir

A categoria "Devir", na Psicologia Sócio-Histórica, refere-se ao processo contínuo de mudança e de transformação pelo qual os indivíduos e grupos passam ao longo de suas vidas, inseridos em seus contextos sociais e históricos. Essa perspectiva se afasta das visões deterministas ou essencialistas do desenvolvimento humano, na qual as características e os comportamentos seriam imutáveis ou pré-determinados.

O "Devir" entende o ser humano como um ser em constante transformação, cujas identidade e subjetividade são formadas pelas relações sociais e pelas circunstâncias históricas em que está inserido. Essa noção sugere que os seres humanos são ativamente envolvidos nos processos de transformação de si mesmos e de suas realidades, em resposta às mudanças e aos desafios que enfrentam, às condições sociais. Sobre isso, afirma Magalhães (2021, p.35):

A única coisa permanente é a mudança. Quando falamos em devir, falamos de movimento, de transformação, da noção que o vir a ser pode ser diferente do que é. Mas o devir nas nossas realidades não acontece naturalmente – nada acontece naturalmente, mas intencionalmente.

Nesse contexto, o "Devir" contrapõem-se a noções deterministas, refere-se à busca incessante de algo que ainda não existe na realidade, mas que sabemos que, por meio da ação humana, podemos vislumbrá-la. Refere-se às possibilidades de transformação social, na busca por uma sociedade diferente da existente, em que todos e todas participem sejam sujeitos de sua própria história.

As teorias e os conceitos abordados ressaltam a importância de considerar as condições sociais e culturais na compreensão do desenvolvimento humano, reconhecendo que somos tanto agentes quanto produtos do nosso entorno social.

O desenvolvimento humano não ocorre em um vácuo. Cada indivíduo é simultaneamente um produto de sua história pessoal e das complexidades da sociedade em que vive. Essa perspectiva sócio-histórica nos fornece uma lente através da qual podemos entender melhor os múltiplos fatores que determinam nosso comportamento, emoções e pensamentos.

Aprofundando ainda mais essa ideia, o próximo capítulo abordará o conceito de interseccionalidade. Enquanto a Psicologia Sócio-histórica nos fornece uma compreensão crítica acerca da realidade, a interseccionalidade nos permite desvendar as complexas sobreposições de identidades que se formam em realidades opressoras. Essa abordagem nos desafia a considerar como raça, gênero, classe, sexualidade, deficiência, entre outras categorias que constituem os sujeitos, convergem e se inter cruzam, determinando a vivência

de cada indivíduo no mundo, ampliando nossa compreensão sobre como os indivíduos vivenciam múltiplas formas de opressão e privilégios, e como essas experiências interseccionais constituem de diferentes formas suas trajetórias de vida.

2.5 Interseccionalidade

A interseccionalidade é um conceito teórico que busca compreender as múltiplas formas de opressão e de discriminação enfrentadas por indivíduos e grupos que estão simultaneamente inseridos em diferentes sistemas de poder. Essa abordagem analítica foi desenvolvida por Kimberlé Crenshaw, na década de 1980, e, desde então, tem sido fundamental para a compreensão da complexidade das relações sociais.

É uma abordagem teórica que busca compreender as múltiplas dimensões da desigualdade social, reconhecendo que as experiências individuais são moldadas pela interação complexa de diferentes sistemas de opressão, como gênero, raça, classe social, sexualidade, entre outros.

A interseccionalidade, como conceito, destaca a importância de considerar a interação entre diversas categorias sociais, como gênero, raça, classe social, orientação sexual, origem étnica, entre outras, na análise das desigualdades e nas experiências individuais e coletivas. Ao reconhecer que as identidades sociais não são isoladas, a interseccionalidade busca entender como diferentes formas de opressão e privilégio se entrelaçam e se reforçam mutuamente.

No artigo "Interseccionalidade" de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge, as autoras fornecem uma análise abrangente sobre o conceito de interseccionalidade. Segundo elas, (Collins & Bilge, 2009, p. 238), a interseccionalidade é uma "ferramenta analítica que busca captar as interações entre diferentes categorias de opressão, bem como as formas de resistência e empoderamento que emergem dessas interações".

As autoras argumentam que a interseccionalidade vai além do reconhecimento das múltiplas formas de opressão e busca compreender como essas formas se entrelaçam e se reforçam mutuamente. De acordo com Collins e Bilge (2009, p. 238), "a interseccionalidade desafia a noção de que as opressões são meramente aditivas, argumentando que elas são entrelaçadas e que suas interações têm efeitos únicos nas experiências das pessoas".

Elas também destacam a importância de considerar os sistemas de poder e de privilégio na análise interseccional. Ao examinar as relações de poder, Collins e Bilge (2009, p. 240) afirmam que "a interseccionalidade desafia as abordagens que tratam cada forma de opressão como isolada umas das outras, e enfatiza a importância de entender como diferentes categorias de opressão são moldadas e sustentadas mutuamente".

A interseccionalidade tem um papel fundamental na luta por justiça social, uma vez que permite uma compreensão mais abrangente das desigualdades e uma análise crítica das estruturas sociais opressivas. Ao considerar as interseções entre as opressões, é possível identificar como certos grupos são marginalizados de forma ainda mais intensa e como as políticas e práticas devem ser adaptadas para abordar essas realidades complexas.

Um dos exemplos mais estudados, dentro da interseccionalidade, é a experiência das mulheres negras. Ao enfrentar a opressão de gênero e a opressão racial, essas mulheres vivenciam uma forma única de discriminação que não pode ser reduzida a apenas uma dimensão de sua identidade. A interseccionalidade permite entender as experiências específicas dessas mulheres e oferece uma base teórica para o desenvolvimento de políticas públicas e de movimentos sociais inclusivos.

Ao considerar a Interseccionalidade, no movimento de inserção das mulheres na linha do ensino militar bélico, a partir de 2017, é fundamental reconhecer que a inclusão das mulheres, na formação de oficiais combatentes, não ocorre em um vácuo, mas em um contexto social e histórico no qual várias identidades e experiências se entrelaçam. A teoria da Interseccionalidade nos lembra que as pessoas ocupam diferentes posições sociais e enfrentam diferentes formas de privilégio e desvantagem com base em uma variedade de fatores, incluindo gênero, raça, classe social, orientação sexual, entre outros.

A inserção das mulheres na formação de oficiais combatentes pode ser vista como uma evolução natural das mudanças sociais e culturais mais amplas que estão ocorrendo na sociedade brasileira. À medida que as noções tradicionais de gênero e papéis de gênero estão sendo questionadas e redefinidas, é natural que as instituições, incluindo as Forças Armadas, respondam a essas mudanças e se adaptem para refletir uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Além disso, a Interseccionalidade destaca a importância de reconhecer e abordar as experiências únicas de mulheres que podem ser influenciadas por sua raça, etnia, classe social e outras identidades interseccionais.

Apesar de sua importância, a interseccionalidade também enfrenta desafios e críticas. Alguns argumentam que o conceito é complexo demais para ser aplicado de forma prática, enquanto outros questionam se a interseccionalidade não pode levar à fragmentação dos movimentos sociais. No entanto, essas críticas não invalidam a relevância da interseccionalidade, mas sim, evidenciam a necessidade de um diálogo contínuo e uma reflexão crítica sobre seu uso.

Essa, que é uma teoria e também ferramenta analítica, tem implicações importantes para o desenvolvimento de políticas públicas mais inclusivas e igualitárias. Ao considerar as interseções entre diferentes formas de opressão, é possível criar políticas que atendam às

necessidades específicas de grupos marginalizados, promovendo a equidade e a justiça social de forma mais eficaz.

Dessa forma, a interseccionalidade nos desafia a superar abordagens que tratam as categorias de opressão de forma isolada, incentivando uma análise mais completa e abrangente das relações sociais. Ao considerar as imbricadas relações entre gênero, raça, classe social e outras dimensões, podemos compreender de maneira mais precisa as experiências individuais e coletivas e identificar formas de resistência e empoderamento, abrindo-se possibilidades para pensarmos em novas formas de sociabilidade, desafiar as estruturas de opressão e construir uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa teve por objetivo apreender as significações de integrantes das primeiras turmas com mulheres acerca de seu processo de formação para oficial combatente do Exército Brasileiro.

Nesse sentido de inclusão das mulheres, nas diversas áreas e carreiras, que já havia alcançado as Forças Armadas, em funções de apoio e administrativas, culmina com a abertura de vagas para a formação de oficiais combatentes, rompendo uma grande barreira, como afirma Gomes (2014) “A inserção das mulheres na linha bélica complementa um movimento mais amplo de integração das Forças Armadas à sociedade brasileira”.

A consolidação da inserção feminina, no Exército Brasileiro, ocorre em paralelo ao processo de inclusão das mulheres em todos os campos, e sendo o Exército uma representação da sociedade, o processo de adaptação, de adequação, de discussões e a busca pela equidade estão em constante aperfeiçoamento, como afirmam Monteiro e Schactae (2016):

(...) as instituições armadas ainda são lugares masculinos, ligados à virilidade e à honra, mas a presença cada vez mais significativa e numerosa de mulheres tende a desestabilizar essa hegemonia, provocando reflexões dentro e fora dos quartéis e propondo mudanças na forma como estas instituições constroem suas relações de poder e de gênero.

Esse estudo foi realizado metodologicamente por intermédio de uma pesquisa qualitativa, que segundo Yin (2016, p. 581-582), possui cinco características:

1. estudar o significado da vida das pessoas, nas condições da vida real; 2) representar as opiniões e perspectivas das pessoas (rotuladas neste livro como participantes) de um estudo; 3) abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem; 4) contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano; 5) esforçar-se por usar múltiplas fontes de evidência em vez de se basear em uma única fonte [...].

Ainda segundo Yin (2016, p. 596):

A pesquisa qualitativa difere por sua capacidade de representar as visões e perspectivas dos participantes de um estudo. Capturar suas perspectivas pode ser um propósito importante de um estudo qualitativo. Assim, os eventos e ideias oriundos da pesquisa qualitativa podem representar os significados dados a fatos da vida real pelas pessoas que os vivenciam, não os valores, pressuposições, ou significados mantidos por pesquisadores.

A pesquisa qualitativa mostrou-se como uma ferramenta interessante para que os participantes do estudo pudessem apresentar suas significações sobre o tema, com o uso da Psicologia Sócio-histórica, que tem um de seus fundamentos em Lev S. Vigotski (1896-1934). Segundo Taille, Oliveira e Dantas (2019, p.411), “As proposições de Vigotski acerca do processo de formação de conceitos nos remetem à discussão das relações entre pensamento e linguagem, ao tema da mediação cultural no processo de construção de

significados por parte do indivíduo [...]”

Na sequência, serão apresentadas as participantes da presente pesquisa, os instrumentos de coleta dos dados, os procedimentos para coleta e análise de dados, com a finalidade de se estabelecer as etapas do estudo.

3.1. Participantes

O universo das participantes desta pesquisa foi fracionado em 02 (dois) segmentos, quais sejam: Cadetes do 4º Ano da AMAN e Oficiais recém-formadas.

A intenção foi que a pesquisa abarcasse tanto as cadetes do último ano de formação, quanto as oficiais já formadas, podendo assim apreender as significações das militares que já possuem uma visão completa, ou em vias de terminar, da formação da Oficial combatente do Exército Brasileiro. Do universo das participantes, a pesquisa se deu com 22 (vinte e duas) cadetes do 4º ano da AMAN e 16 (dezesseis) oficiais recém-formadas.

A participação se deu por intermédio do aceite em convite que foi enviado às militares, chegando ao número final de participação de 38 (trinta e oito) respondentes ao questionário, entre cadetes e oficiais, constituindo a primeira etapa da produção de informações.

As 16 (dezesseis) oficiais, que aceitaram participar como respondentes do questionário, foram convidadas também para participarem do Grupo de Discussão. Desse universo, 05 (cinco) militares puderam participar dessa segunda fase da produção de informações.

3.2. Procedimentos para Produção de Informações

Para a realização da produção das informações, inicialmente, foi realizada a solicitação à AMAN da permissão para a realização da pesquisa naquela instituição de ensino. Posteriormente, esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU), com a finalidade de resguardar os seres humanos pesquisados e garantir os padrões éticos. Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo CEP-UNITAU, foram enviados via documentação interna do Exército, questionários que foram respondidos por intermédio do aplicativo Google Forms. Juntamente com o envio do questionário, foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento explicitando o objetivo da pesquisa e sua importância para o Exército Brasileiro, o caráter voluntário da participação, bem como a garantia do anonimato.

3.2.1 Sobre os instrumentos de Pesquisa

Com o intuito de apreender as significações produzidas no processo de inclusão das

mulheres, aplicou-se um questionário inicial, acompanhado do Termo de Consentimento, via mídias digitais, um facilitador para o envio e o posterior recebimento das respostas, buscando uma caracterização geral do grupo.

De acordo com Lakatos e Marconi (2022, p. 303-304):

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador (hoje se pode fazer por e-mail); depois de preenchido, o pesquisado devolve-o da mesma forma que o recebeu (se for usado e-mail, maiores chances de retorno, sobretudo pela praticidade).

O questionário foi composto de questões de múltipla escolha e abertas, com seus temas voltados para a caracterização do grupo, suas impressões iniciais, e teve o intuito de levantar o voluntariado para a participação no Grupo de Discussão, o próximo passo da pesquisa.

O Grupo de discussão foi o próximo instrumento utilizado, na segunda etapa da pesquisa, que possibilitou o aprofundamento da apreensão das significações das militares participantes da pesquisa, quanto à sua vivência, no Exército Brasileiro, seus desafios, anseios e expectativas. Sobre o grupo de discussão, afirma Meinerz (2011, p. 486):

A metodologia dos grupos de discussão permitiu a compreensão dos sujeitos, a partir de discursos sociais produzidos coletivamente, e que justificam suas ações dentro da escola. Abriu caminho para a reconstituição das condições sociais e ideológicas em que se desenvolveu o fenômeno investigado. Nesse sentido, possibilitou situar os relatos individuais produzidos nas entrevistas abertas dentro de um contexto social.

Foi elaborado um roteiro para o grupo de discussão, de forma que as participantes puderam expressar suas ideias e apresentar suas significações acerca do tema. Tanto o modelo do questionário *on line* quanto o roteiro do grupo de discussão estão apensados ao final deste trabalho.

O grupo de discussão foi realizado com as Oficiais, por aquelas militares possuírem a visão completa do processo da formação da Oficial combatente, assim como a experiência vivenciada, no corpo de tropa, após formadas, com seus subordinados, pares e superiores hierárquicos. O grupo de discussão contou com a participação de 05 militares do universo das 16 oficiais respondentes do questionário.

A reunião teve duração de 01 hora e 35 minutos, e o encontro foi realizado por intermédio de aplicativo de conversa *ZOOM*.

No envio do convite para a participação, no grupo de discussão da pesquisa, as militares receberam o TCLE, e foram novamente informadas do caráter confidencial da pesquisa e do anonimato. Foi seguido o roteiro com a proposta das questões a serem discutidas pelo grupo.

A reunião iniciou-se com a apresentação do tema, por parte do pesquisador, destacando a importância e o pioneirismo das participantes, como forma de estímulo para que participassem ativamente, visando ao ganho de todas as mulheres que estão e as que ingressarão na carreira das armas. Na sequência, foram apresentadas as questões para discussão e o mediador conduziu os trabalhos de forma que as participantes pudessem externar suas significações.

Após o término do grupo de discussão, foi realizada a transcrição das falas das participantes, com a preocupação de se manter a integralidade dos registros, bem como as expressões utilizadas pelas participantes. De posse das respostas do questionário *online*, e da transcrição do grupo de discussão, passou-se aos procedimentos para a análise das informações.

3.3. Procedimentos para Análise das Informações

A análise das informações da pesquisa foi feita segundo os pressupostos teóricos dos Núcleos de significação e da teoria Sócio-histórica.

Foram analisadas as respostas dos questionários e as transcrições do grupo de discussão para que à luz das categorias teórico-metodológicas da Sócio-histórica, se pudesse apreender as significações apresentadas pelas participantes. A respeito da importância dessa análise, afirma Magalhães (2021, p.340):

Em concordância com Vigotski, as palavras estão plenas de sentidos e significados social e historicamente construídos. Ao mesmo tempo em que as falas são de quem as profere, também são sociais. Buscando apreender as determinações que constituem sujeitos e grupos nos aproximamos mais e mais das respectivas subjetividades e significações, entendendo a progenitura do individual no social. Não podemos cair em esparrelas dicotomizantes, assim, nossa abordagem desde sempre é por meio dos pares dialéticos: falamos sobre objetividade-subjetividade, sentidos-significados (ou significações), pensamento-palavra, dentre outros.

Para a organização e a análise do material levantado, a abordagem da Psicologia Sócio-histórica propõe três momentos: pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação, que nos encaminham para a realização de sínteses cada vez mais aprofundadas sobre a realidade estudada.

Numa primeira leitura, identificaram-se os temas mais coerentes com os objetivos da pesquisa que emergiram do material coletado. No segundo momento, selecionaram-se os pré-indicadores e, na sequência, os indicadores mais relevantes. No terceiro momento, foram identificados os núcleos de significação, com os elementos centrais que desvelaram as significações das participantes.

A respeito de núcleos de significação, explicam Aguiar; Aranha; Soares, (2021, p.3):

Cabe ressaltar que o termo “significação” é utilizado no intuito de expressar a articulação dialética entre sentidos e significados, revelando que indivíduo e sociedade, pensamento e linguagem, afeto e cognição constituem relações que se configuram como unitárias. Por isso, também evidenciamos a necessidade radical

O procedimento dos núcleos de significação foi fundamental para a compreensão da realidade estudada, pois permitiram que o pesquisador identificasse os elementos que apontam para as significações que estavam implícitas no discurso. Esses sentidos-significados foram construídos a partir das experiências e das vivências das participantes, e nos dão pistas sobre as suas necessidades, motivações e valores. Ao identificar os núcleos de significação, o pesquisador pôde compreender melhor como as participantes percebem e constroem as significações das suas experiências no seu processo de inserção na carreira de oficial combatente.

3.4. Sobre o Produto Técnico

Durante a fase de produção de informações desta pesquisa, foram observados vários aspectos do processo de inclusão das mulheres na formação da oficial combatente do Exército, e surgiu a ideia da criação de um produto técnico que pudesse auxiliar as cadetes em formação e as próximas mulheres que virão.

Buscando alcançar o objetivo específico número 4: “Construir de forma colaborativa a partir das discussões dos grupos um documento contendo princípios didático-pedagógicos a fim de contribuir com o fortalecimento do acolhimento das mulheres neste processo de formação”, pensou-se em um *e-book* que fizesse uma breve apresentação do tema e da necessidade de discussão sobre a inclusão das mulheres, no EB, que culminou com a inserção delas na formação do oficial combatente. A partir daí, passaríamos à apresentação de tópicos relevantes sobre a importância da comunicação e do diálogo contínuo entre os gêneros, busca do entendimento do que é equidade e sua aplicação no tratamento isonômico durante a formação.

Esse produto técnico poderá servir de consulta, tanto para as cadetes em formação quanto para seus instrutores, na busca pela constante melhoria das relações e consequentemente dos objetivos esperados para a formação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES PRODUZIDAS

A participação das mulheres, no Exército Brasileiro, especialmente sua inserção, na formação da Oficial Combatente, é uma evolução que não se atém apenas ao contexto militar, mas insere-se nas discussões sociais e culturais que envolvem igualdade de gênero nos dias de hoje.

Este capítulo foi dedicado à exploração e à discussão das informações produzidas, durante a pesquisa, ancorando nossas análises na teoria da Psicologia sócio-histórica e no conceito de interseccionalidade. Ao adentrarmos nas experiências vivenciadas pelas mulheres, no contexto da formação do oficial combatente do Exército Brasileiro, buscamos compreender as significações produzidas nesse específico processo de inclusão.

Inicialmente, foquei na caracterização das militares participantes, buscando entender os múltiplos aspectos que cruzam suas trajetórias e identidades, tais como raça, religião, aspectos socioeconômico entre outros. A análise é guiada pelo prisma da interseccionalidade, permitindo uma compreensão mais rica e multidimensional das opressões e dos privilégios experimentados. Através dessa lente, foi possível desvelar as diversas camadas que compõem as experiências das militares, identificando como as estruturas de poder se manifestam e se entrelaçam em suas vidas cotidianas e práticas institucionais.

Em seguida, procedi à análise das respostas dissertativas dos questionários aplicados, explorando as perspectivas, vivências e reflexões das cadetes e oficiais. Aqui, a mediação teórica da Psicologia sócio-histórica nos ofereceu as ferramentas necessárias para investigar como as relações sociais e históricas influenciam a construção de sentidos e significados no contexto militar.

Aprofundando a exploração, a análise da transcrição do grupo de discussão com as oficiais revela nuances importantes sobre a dinâmica da inclusão de mulheres na formação militar. Nesse espaço, as vozes das oficiais ressoam, proporcionando mediações valiosas sobre os desafios, as conquistas e as contradições presentes nessa jornada.

Por fim, foi realizada a construção dos pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação, que emergem como sínteses dialéticas produzidas por meio dos diferentes movimentos analíticos. Esses elementos foram cruciais para a compreensão mais profunda das estruturas simbólicas e materiais que permeiam o processo de formação do oficial combatente do Exército Brasileiro e a inclusão de mulheres nesse universo.

4.1 Caracterização das Cadetes participantes

Participaram como respondentes do questionário *online*, 22 (vinte e duas) cadetes do 4º Ano de formação da AMAN. De posse das respostas obtidas, no questionário *online*, traçou-se a caracterização das cadetes participantes, com informações sobre idade, região de

origem, renda mensal familiar, identificação racial e étnica, religião, origem escolar e as motivações para o ingresso na carreira militar.

Idade – 01 cadete com 21 anos; 03 cadetes com 22 anos; 09 cadetes com 23 anos; 04 cadetes com 24 anos e 04 cadetes com 25 anos.

Região de Origem – 08 cadetes da região Sudeste; 06 cadetes da região Sul; 03 cadetes da região Nordeste; 03 cadetes da região Centro-Oeste e 02 cadetes da região Norte.

Renda Mensal Familiar – 02 cadetes com renda familiar entre R\$ 1.000,00 e R\$ 3.000,00 ; 02 cadetes com renda familiar entre R\$ 3.000,00 e R\$ 5.000,00 ; 15 cadetes com renda familiar entre R\$ 5.000,00 e R\$ 10.000,00 e 03 cadetes com renda familiar entre R\$ 10.000,00 e R\$ 20.000,00.

Identificação Racial e Étnica – 01 cadete autodeclarou-se amarela; 04 cadetes autodeclararam-se negras; 07 cadetes autodeclararam-se pardas e 10 cadetes autodeclararam-se brancas.

Religião – 02 cadetes afirmaram-se sem religião; 04 cadetes autodeclararam-se espíritas; 07 cadetes autodeclararam-se evangélicas e 09 cadetes autodeclararam-se católicas.

Origem escolar – 04 cadetes estudaram em escolas privadas; 06 cadetes estudaram em escolas públicas e 12 cadetes estudaram em colégios militares.

Motivações para o ingresso – 02 cadetes afirmaram possuir pariete militar; 02 cadetes afirmaram estarem realizando um sonho; 05 cadetes afirmaram que escolheram por vocação; 10 cadetes afirmaram que escolheram por identificarem-se com a atividade e 03 cadetes afirmaram que foram outros motivos.

Conforme se observa na caracterização do perfil das cadetes participantes da pesquisa, podemos destacar que a maioria das cadetes está na faixa dos 22 aos 25 anos, indicando o início da carreira miliar após a fase inicial da juventude, coincidindo com a conclusão do ensino médio.

São provenientes, em sua maioria, da região Sudeste, seguida da região Sul, o que demonstra a desigualdade de oportunidades, muito provavelmente relacionadas com as diferenças socioeconômicas das regiões brasileiras, como pode ser observado no fato de a faixa de renda predominante, que situa as cadetes em uma realidade de classe média, o que pode influenciar na decisão e na capacidade de preparação para seguir uma carreira militar.

A diversidade racial observada, apesar de quase metade das cadetes participantes da pesquisa ter se identificado como sendo brancas, pode indicar um movimento de maior inclusão, pelo menos dentro do mesmo nível de renda familiar, e a predominância de religiões cristãs sugere uma possível influência cultural e/ou familiar na decisão de seguir a carreira.

Um fato bastante importante foi o grande número de cadetes provenientes de Colégios militares, indicando uma pré-disposição ou familiaridade com o ambiente e a carreira militar,

o que necessariamente tem relação com o fato de a maioria das cadetes ter apontado a identificação com a atividade militar como a principal motivação para o ingresso na carreira militar.

4.2 Caracterização das Oficiais participantes

Participaram como respondentes do questionário *online*, 16 (dezesesseis) oficiais recém-formadas na AMAN. De posse das respostas obtidas, traçou-se a caracterização das oficiais participantes, com informações sobre.....:

Idade – 01 oficial com 23 anos; 04 oficiais com 24 anos; 04 oficiais com 25 anos; 04 oficiais com 26 anos e 03 oficiais com 27 anos.

Região de Origem – 06 oficiais da região Sudeste; 05 oficiais da região Sul; 03 oficiais da região Nordeste e 02 oficiais da região Centro-Oeste.

Renda Mensal Familiar – 04 oficiais com renda familiar entre R\$ 3.000,00 e R\$ 5.000,00 ; 10 oficiais com renda familiar entre R\$ 5.000,00 e R\$ 10.000,00 e 02 oficiais com renda familiar entre R\$ 10.000,00 e R\$ 20.000,00.

Identificação Racial e Étnica – 05 oficiais autodeclararam-se pardas e 11 oficiais autodeclararam-se brancas.

Religião – 04 oficiais autodeclararam-se espíritas; 06 oficiais autodeclararam-se evangélicas e 06 oficiais autodeclararam-se católicas.

Origem escolar – 03 oficiais estudaram em escolas públicas; 05 oficiais estudaram em escolas privadas e 08 oficiais estudaram em colégios militares.

Motivações para o ingresso – 04 oficiais afirmaram possuir parente militar; 02 oficiais afirmaram estarem realizando um sonho; 01 oficial afirmou que escolheu por vocação; 05 oficiais afirmaram que escolheram por identificarem-se com a atividade; 02 oficiais afirmaram que escolheram por causa da propaganda de divulgação e 02 oficiais afirmaram que foram outros motivos.

Da caracterização das oficiais participantes da pesquisa, podemos verificar que as militares recém-formadas se encontram com idades entre 23 e 27 anos, fase que já traz naturalmente consigo expectativas, ideais e vivacidade para enfrentar desafios. Da mesma forma que as cadetes, observa-se uma predominância da região Sudeste e Sul, na origem regional, e uma maioria de oficiais provenientes de uma classe média com renda familiar entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00 refletindo as diferenças socioeconômicas de oportunidades e de acesso à educação de qualidade que possibilite a aprovação no concurso de admissão.

Se entre as cadetes, quase metade se identificou como sendo branca, entre as oficiais, apresentou-se uma predominância de militares se auto declarando brancas, o que se somando à origem regional e à renda familiar é um recorte importante das disparidades socioeconômicas das regiões brasileiras.

Entre as oficiais, mais uma vez, as crenças religiosas surgem como suporte moral, ético e emocional na superação dos desafios da carreira militar, e uma maioria proveniente de colégios militares indica uma prévia inserção, no contexto militar, facilitando a adaptação e o interesse pela carreira, como pode-se observar, nas motivações para ingresso na carreira militar, que combinam influências externas (como parentes militares) e aspirações pessoais (como a identificação com a atividade).

4.3 Análise interseccional das participantes

Ao analisar as informações apresentadas à luz dos conceitos da interseccionalidade, foi possível identificar algumas situações que se manifestam, no grupo estudado, e que podem ser definidores para o acesso das mulheres à formação para oficiais combatentes do EB, já que ele se dá por meio de um concurso público de âmbito nacional.

O grande número de participantes oriundas das regiões sul e sudeste (14 de 22 cadetes e 11 de 16 oficiais) pode refletir desigualdades regionais no acesso à educação e a oportunidades socioeconômicas. Mulheres de regiões menos privilegiadas podem enfrentar dificuldades adicionais para se preparar e competir em concursos públicos devido à falta de recursos e infraestrutura adequada.

O fato de que a maioria das participantes tinha uma renda familiar entre 5.000 e 10.000 reais sugere que mulheres de famílias de baixa renda podem enfrentar barreiras financeiras significativas para investir em educação suplementar como preparação para concursos e outras formas de apoio necessário para competir em pé de igualdade.

A predominância de participantes provenientes de colégios militares ou de escolas privadas indica que mulheres que frequentaram instituições de ensino de menor qualidade ou que não oferecem preparação específica para concursos militares podem estar em desvantagem. Isso é especialmente relevante para mulheres de famílias de baixa renda, que têm maior dificuldade para ter acesso a essas oportunidades educacionais privilegiadas.

E, finalmente, a disparidade na representação racial entre as participantes sugere que mulheres negras enfrentam falta de representatividade no processo de seleção, como uma barreira socioeconômica e estrutural que é maior até do que a diferença entre os sexos, como se vê no estudo Estatísticas de Gênero (2024, p.6):

A proporção de pessoas com nível superior completo foi de 16,8% entre os homens e 21,3% entre as mulheres. Contudo, é possível observar novamente que os diferenciais por cor ou raça no nível de instrução da população adulta superam os verificados por sexo. O percentual de homens brancos com ensino superior era 2,4 vezes maior do que o dos homens pretos ou pardos, enquanto o percentual de mulheres brancas com ensino superior era quase o dobro daquele alcançado pelas mulheres pretas ou pardas.

FIGURA 1 – NÍVEL DE INSTRUÇÃO DA POPULAÇÃO DE 25 ANOS OU MAIS DE IDADE, SEGUNDO O SEXO E A COR OU RAÇA (%)

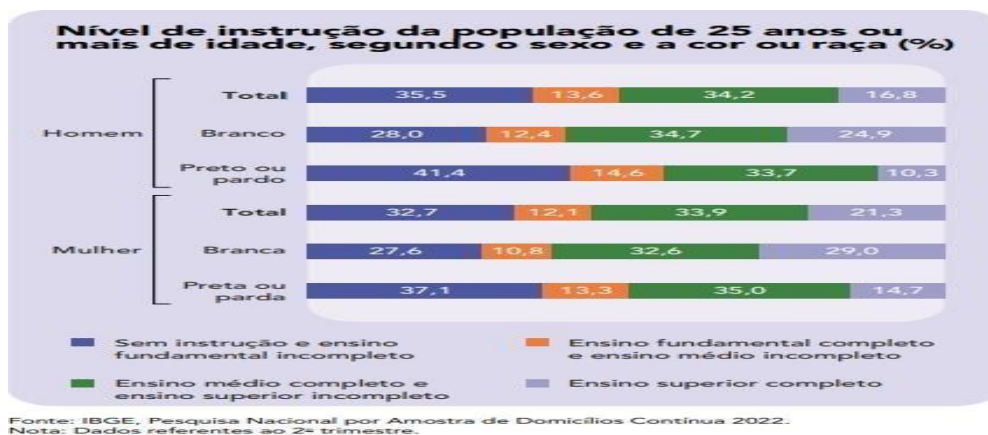


FIGURA 2 – TAXA DE FREQUÊNCIA ESCOLAR BRUTA, POR SEXO E COR OU RAÇA (%)



Ao considerar esses diferentes aspectos de identidade em conjunto, torna-se claro que mulheres negras e de baixa renda enfrentam múltiplos obstáculos ao tentar ingressar na formação do oficial combatente do Exército Brasileiro, apesar de o processo de seleção ser realizado por meio de concurso público. Esses obstáculos são interseccionais, ou seja, são resultado da interação complexa entre raça, classe social, gênero e outros fatores de identidade, e requerem abordagens igualmente interseccionais para serem superados. Isso inclui políticas e programas que abordem as desigualdades estruturais na busca pela igualdade de oportunidades.

4.4 Análise das respostas do questionário *online*

Neste momento, deu-se início à discussão dos resultados obtidos a partir das respostas ao questionário *online* aplicado. Um total de 38 respondentes – sendo 22 cadetes e 16 oficiais recém-formadas – ofereceram suas visões, sentimentos e experiências, enriquecendo nosso entendimento sobre a atual conjuntura da formação do oficial combatente do Exército Brasileiro e as intersecções geradas pela inclusão das mulheres nesse contexto. A cada

pergunta feita, no questionário, foi suscitada uma análise quantitativa e uma qualitativa. Não se tratou ainda de análises finais, mas já foram um início de explicação para o confronto com as falas mais aprofundadas no grupo de discussão. O objetivo principal, nesse movimento, foi entender as significações produzidas, nesse processo de integração, iluminando as percepções, os sentimentos, os desafios e as oportunidades identificados pelos respondentes. Tal abordagem permitiu o início da contextualização das falas do questionário *online* com as do grupo de discussão, que levou à identificação dos pré-indicadores, sua posterior categorização por identidade e/ou contradição que levou à construção dos indicadores, culminando com a definição dos núcleos de significação e suas respectivas análises intranúcleos e internúcleos. Esse entendimento foi fundamental para que fosse possível traçar um panorama atualizado da situação, reconhecer avanços, identificar lacunas e apontar recomendações para aprimoramentos futuros.

Buscando-se entender como as militares consideravam sua adaptação à carreira das armas, foi perguntado: **“Como a senhora considera que foi/está sendo sua adaptação à vida militar?”**

Das 38 respondentes, 25 responderam que encontraram/encontram uma dificuldade média, 03 afirmaram que sua adaptação foi/é difícil e 03 responderam que sua adaptação foi/é fácil. A percepção da adaptação à vida militar das participantes mostra, em sua maioria, que mesmo em um ambiente desafiador, a maior parte das cadetes e das oficiais percebeu sua adaptação dentro de um nível de dificuldade média, indicando uma resiliência e um preparo prévio que em muito tem relação com o fato de mais da metade das participantes da pesquisa terem estudado em colégios militares sendo filhas ou parentes de militares.

Na sequência do questionário *online*, foram feitas três perguntas sobre orientações recebidas, nível de satisfação com essas orientações e seu escopo. Passemos à apresentação de cada uma delas: **“No início do curso, na EsPCEX e/ou na AMAN, você recebeu alguma orientação específica quanto ao processo de inserção da mulher na formação da Oficial Combatente do Exército Brasileiro?”**

A análise das respostas fornecidas pelas 38 mulheres militares ao questionário pode ser dividida em duas dimensões para melhor compreensão:

1. Quantitativa:

Das 38 respondentes, 25 (aproximadamente 66%) afirmaram ter recebido alguma orientação específica sobre o processo de inserção da mulher na formação da Oficial Combatente.

Por outro lado, 13 (aproximadamente 34%) afirmaram não ter recebido tal orientação.

2. Qualitativa:

Para as 25 militares que receberam orientação:

A existência de orientações específicas sugere um reconhecimento institucional da necessidade de facilitar a inserção de mulheres em um ambiente tradicionalmente masculino.

As orientações podem ter ajudado essas mulheres a navegarem pelos desafios particulares que podem enfrentar nesse ambiente, incluindo preconceitos ou barreiras culturais ou estruturais.

Para as 13 militares que não receberam orientação: Surge uma pergunta: O que deve ter ocorrido para que essas militares afirmem não ter recebido orientações específicas, já que todos as cadetes participaram das mesmas atividades e instruções? A ausência de orientações pode indicar uma falha de comunicação que prejudicou a uniformidade nas práticas de integração.

A variabilidade, nas respostas, sugere que a experiência de inserção pode variar significativamente entre diferentes militares, o que pode ter implicações sobre como elas percebem e se adaptam ao seu papel e ambiente.

Seguindo a análise no mesmo assunto, foi perguntado: **“Caso tenha respondido que sim, na pergunta anterior, as orientações atenderam às suas expectativas?”**

Analisando as respostas das 38 militares a respeito da orientação específica sobre a inserção da mulher na formação da Oficial Combatente do Exército Brasileiro, temos que 25 das 38 mulheres (aproximadamente 65,8%) mencionaram que receberam alguma orientação específica. Esse é um número significativo e indica que há um esforço da instituição para orientar as mulheres sobre o seu processo de inserção.

Considerando-se agora a satisfação com as orientações recebidas, das 25 que receberam orientações, 15 (ou 60%) afirmaram estar satisfeitas com as informações e diretrizes fornecidas. Isso sugere que a maior parte das orientações fornecidas foram consideradas adequadas ou úteis pelas mulheres.

A grande maioria das mulheres que receberam orientações indica que o Exército reconheceu a necessidade de abordar especificamente a inserção das mulheres em um domínio tradicionalmente masculino.

A taxa de satisfação de 60% entre aquelas que receberam orientações sugere que, enquanto muitas das abordagens e informações fornecidas são adequadas, ainda há espaço para melhorias.

As respostas revelam um cenário misto: enquanto um esforço significativo está sendo feito para orientar as mulheres sobre sua inserção, ainda há áreas de melhoria, tanto na abrangência das orientações quanto na sua qualidade.

Ainda sobre a pergunta sobre o recebimento de orientações específicas, perguntou-se: **“Caso tenha respondido afirmativamente, a orientação teve como escopo: (pode marcar mais de uma opção)”**

TABELA 4 – ESCOPO DAS ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS RECEBIDAS

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS	QUANTIDADE
Os desafios enfrentados pela senhora	19
O que se esperava das senhoras	16
Relacionamento com os instrutores	11
Relacionamento com os pares	11
Procedimentos específicos para mulheres	13

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2023.

As 25 militares que afirmaram ter recebido orientações específicas apontaram as diversas temáticas das orientações com ênfase para “Os desafios enfrentados pela senhora”, e “o que se espera das senhoras”, o que mostra que o Exército, dentro das orientações, colocou foco no entendimento nos desafios que as militares enfrentariam e na expectativa de desempenho e de atitudes que se tinha com relação a elas.

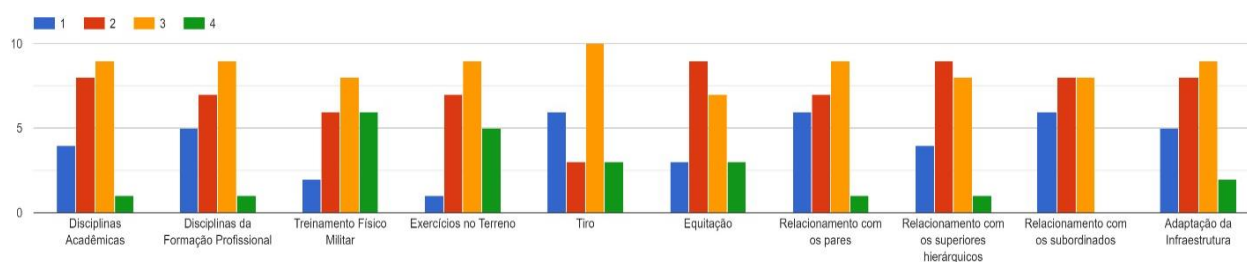
Seguindo no questionário *online*, foi perguntado: “**A senhora teve/tem algum problema médico relacionado a sua atividade militar?**”

Das 38 respondentes, 27 afirmaram que tiveram ou tem algum problema médico relacionado a sua atividade militar, sendo esse um dos maiores desafios encontrados pelas mulheres nesse processo de inclusão. O grande índice de problemas médicos apresentados pelas militares, e que tem relação com a atividade militar demonstra que o treinamento físico militar e os exercícios no terreno apresentam-se como um dos principais pontos para a habilidade de adaptação e de resiliência das mulheres.

Buscando entender como as militares classificavam os desafios enfrentados, foi perguntado: “**Opine sobre o grau de dificuldade nos desafios enfrentados pela senhora durante a sua formação. Marque apenas uma alternativa por linha. Responda, numa escala de 1 a 4: 1 (nenhuma), 2 (baixa), 3 (média) e 4 (alta).**”

FIGURA 3 – GRAU DE DIFICULDADE NOS DESAFIOS ENFRENTADOS - CADETES

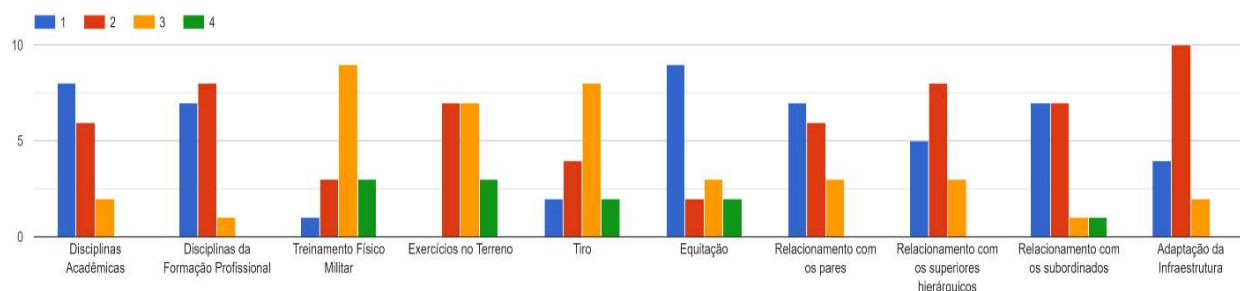
15. Opine sobre o grau de dificuldade dos desafios enfrentados por você durante a sua formação. Marque apenas uma alternativa por linha. Responda, numa escala de 1 a 4: 1 (nenhuma), 2 (baixa), 3 (média) e 4 (alta).



Fonte: Informações coletadas e tabuladas pelo pesquisador, 2023

FIGURA 4 – GRAU DE DIFICULDADE NOS DESAFIOS ENFRENTADOS - OFICIAIS

17. Opine sobre o grau de dificuldade nos desafios enfrentados pela senhora durante a sua formação. Marque apenas uma alternativa por linha. Responda, numa escala de 1 a 4: 1 (nenhuma), 2 (baixa), 3 (média) e 4 (alta).



Fonte: Informações coletadas e tabuladas pelo pesquisador, 2023

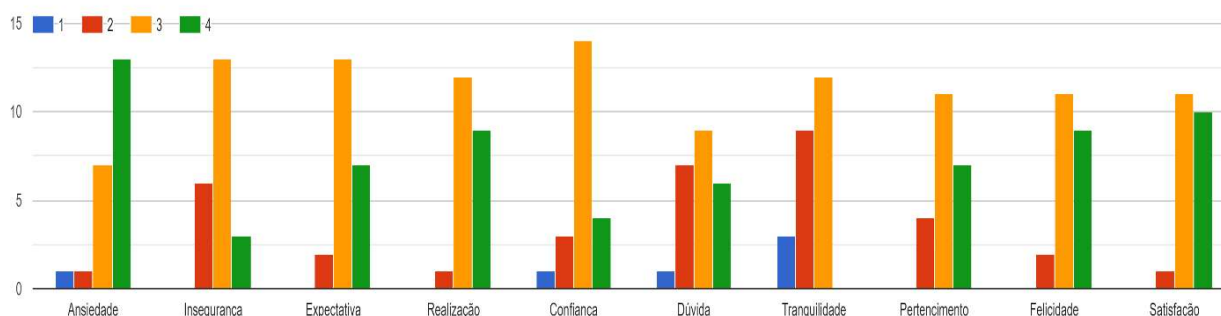
As respostas indicaram que as cadetes, em sua maioria, enfrentaram dificuldades de grau médio nas diversas atividades. O treinamento físico e os exercícios, no terreno, foram apontadas como os maiores desafios, refletindo a grande intensidade das atividades físicas.

Para as oficiais, as atividades da formação que foram apontadas como as maiores dificuldades foram o tiro, os exercícios, no terreno, e o treinamento físico militar. Nos dois casos, temos uma íntima relação com os problemas médicos e com a individualidade biológica de cada uma delas.

Na superação dos desafios enfrentados, as militares experimentaram diversos sentimentos e, no questionário *online*, elas puderam mensurá-los conforme o indicado na próxima pergunta: “Marque a intensidade dos sentimentos que a senhora teve durante a sua formação. Marque apenas uma alternativa por linha. Responda numa escala de 1 a 4 sendo: 1 (nenhuma), 2 (baixa), 3 (média) e 4 (alta).”

FIGURA 5 – GRAU DE INTENSIDADE DOS SENTIMENTOS VIVENCIADOS - CADETES

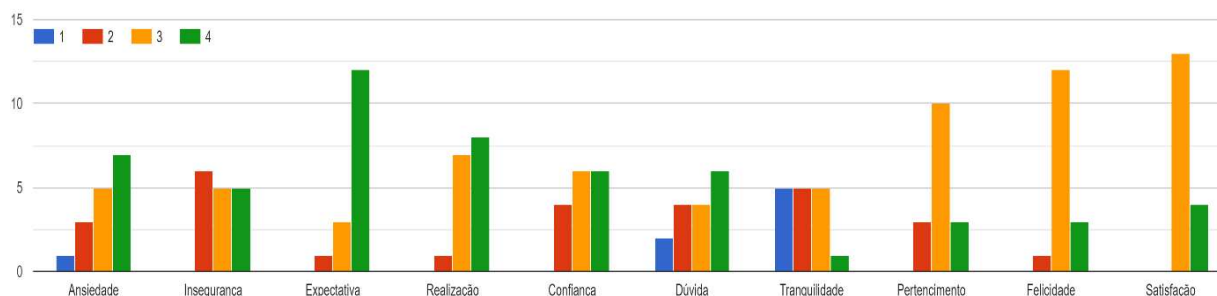
16. Marque a intensidade dos sentimentos que você tem/teve durante a sua formação. Marque apenas uma alternativa por linha. Responda numa escala de 1 a 4 sendo: 1 (nenhuma), 2 (baixa), 3 (média) e 4 (alta).



Fonte: Informações coletadas e tabuladas pelo pesquisador, 2023

FIGURA 6 – GRAU DE INTENSIDADE DOS SENTIMENTOS VIVENCIADOS - OFICIAIS

18. Marque a intensidade dos sentimentos que a senhora teve durante a sua formação. Marque apenas uma alternativa por linha. Responda numa escala de 1 a 4 sendo: 1 (nenhuma), 2 (baixa), 3 (média) e 4 (alta).



Fonte: Informações coletadas e tabuladas pelo pesquisador, 2023

A ansiedade foi o sentimento de maior incidência entre as cadetes, o que tem grande relação com o ambiente desafiador e as grandes expectativas da formação. Percebeu-se uma montanha russa de emoções, já que ao lado da insegurança e dúvida, também vivenciaram a confiança e a tranquilidade. Assim como nas respostas das cadetes, observou-se uma variedade de emoções nas respostas das oficiais. Ao mesmo tempo que a ansiedade, a insegurança e a expectativa foram altos, a realização, a felicidade e a satisfação também se destacaram. Uma complexidade emocional resultante da grande variedade e intensidade das atividades realizadas, durante a formação, o que refletiu as diferentes fases e atividades bem como o amadurecimento ao longo desse movimento.

Considerando a complexidade dos desafios enfrentados e a intensidade dos sentimentos experimentados foi formulada a próxima pergunta: **“Com quem/o que a senhora conta/contou para superar os desafios encontrados?”**

A família, os amigos e a religiosidade foram apontados como os principais apoios na superação dos desafios e tiveram grande relação com os núcleos familiares e com as religiões vivenciadas pelas cadetes. Esses suportes mostram-se muito importantes nos momentos de ansiedade, de insegurança e de dúvida.

Assim como as cadetes, as oficiais destacaram o apoio da família, dos amigos e da religiosidade como os principais apoios na superação dos desafios, e podemos relacionar tal fato ao modelo familiar e à grande influência da religiosidade. Tais aspectos, com certeza, auxiliaram no enfrentamento da ansiedade, da insegurança e da expectativa.

Na sequência do questionário *online*, passamos a buscar apreender o entendimento das militares a respeito da busca pela equidade em suas experiências e, para tanto, foi formulada a seguinte pergunta: **“A senhora consegue observar a busca pela equidade nas relações e formas de tratamento entre homens e mulheres?”**

A maior parte das respondentes (97,4%) afirmou observar, de alguma forma, a busca pela equidade nas relações e nas formas de tratamento entre homens e mulheres. Isso pode sugerir que houve progressos na busca por equidade dentro do ambiente militar. No entanto,

é crucial observar que mais da metade (52,6%) observou essa busca de forma parcial. Isso pode indicar que, enquanto há esforços e avanços notáveis, ainda existem oportunidades de melhoria para se alcançar a total equidade.

Apenas uma militar (2,6%) afirmou não observar nenhuma busca pela equidade. Esse é um número relativamente baixo, mas ainda é significativo. A experiência dessa militar pode trazer mediações valiosas sobre áreas específicas ou situações em que a equidade ainda não é percebida.

Buscando compreender as motivações das militares que responderam **PARCIALMENTE** ou **NÃO** à pergunta anterior, foi questionado: **“Caso a senhora tenha respondido PARCIALMENTE ou NÃO à pergunta anterior, como você vê essa situação? Caso tenha respondido sim, apenas responda: “Não é o caso”.”**

É importante começarmos a análise das respostas a essa pergunta, entendendo que o tratamento com equidade entre homens e mulheres, no ambiente militar, refere-se à aplicação justa e imparcial de regras, de regulamentos e de oportunidades, garantindo que todos, independentemente do gênero, tenham acesso igual a recursos, a oportunidades de treinamento, a promoções e a posições de liderança.

Sobre essa busca pelo entendimento do que seja a equidade, na prática, afirmou uma das militares:

Em muitos casos as pessoas não compreendem a equidade. Por exemplo, sabemos que fisiologicamente há diferenças entre homens e mulheres, mas muitos e muitas possuem um discurso que tudo deve ser igual independente disso. Acredito que assim como nossa Constituição, devemos seguir a máxima de Aristóteles, em que ele afirmava que “a igualdade consiste em tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na medida da sua desigualdade

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

O objetivo principal da equidade de gênero, no ambiente militar, é garantir que homens e mulheres sejam valorizados igualmente e tenham as mesmas oportunidades para contribuir e se beneficiar das atividades e operações militares, levando em consideração suas particularidades e necessidades.

Na sequência, foi perguntado: **“Caso a senhora tenha respondido PARCIALMENTE ou NÃO à pergunta de número 20, de que forma a equidade nas relações e formas de tratamento entre homens e mulheres poderia melhorar? Caso tenha respondido sim, apenas responda: “Não é o caso”.”**

De maneira geral, as cadetes e as oficiais apontaram o tratamento isonômico para homens e mulheres, respeitando-se as individualidades biológicas, como sendo uma das principais maneiras de aperfeiçoar a equidade. Sobre essa forma de pensar, afirma Gomes (2014, p.145):

Os corpos são diferentes, e hierarquizados, mas o tratamento tem que ser isonômico. Esta é a visão dos homens militares. Os homens e as mulheres são sujeitos jurídicos, portadores de direitos e deveres. Também na vida privada, os homens militares contestam diferenças de tratamento relacionado com gênero, e

desconstroem os papéis sexuais tradicionais: são igualmente indiferentes à opção pela carreira militar de combatente por parte de filhos e filhas ou à idade adequada para a sua iniciação sexual.

Sobre isso, uma das militares afirmou:

Todos deveriam receber o mesmo tratamento, todos são cadetes/militares. Entender as limitações de cada sexo e usar isso pra somar.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Depois de serem perguntadas a respeito da equidade nas relações, buscou-se uma visão geral de suas impressões sobre o processo de inclusão das mulheres no ensino militar bélico como um todo, questionando o que contribuiria e o que dificultaria, com as perguntas que se seguem: **“Em sua opinião, quais aspectos contribuem no processo de inclusão das mulheres no ensino militar bélico?”**

As militares apontaram como principal aspecto o tratamento isonômico entre homens e mulheres, durante todas as atividades, levando-se em consideração as diferenças fisiológicas, e sobre tratamento isonômico, mais uma vez, afirma-nos Gomes (2014, p.121):

Os militares defendem frequentemente um ethos igualitário que considera homens e mulheres como sujeitos jurídicos, portadores de direitos e deveres. Este ponto de vista é expresso na reivindicação de que homens e mulheres sejam cobrados de modo idêntico, no cumprimento de suas obrigações militares: O Exército tem que se colocar em entendimento que nós somos combatentes por origem, que quando eu dou instrução para ele, é soldado, e todo mundo tem que ser apto como combatente. Eu já tive alunas mulheres que se destacavam mais que os homens, porque elas pediam para ser tratadas igual, tanto que na marcha, a maioria não ia e ela se aproveitava e ia, dizia, “eu quero fazer”. (Oficial intermediário de Material Bélico).

As militares afirmaram também que o início da participação delas como instrutoras, na AMAN, contribuirá muito para o aperfeiçoamento do processo de inserção das mulheres, como afirmaram estas duas participantes:

O tratamento isonômico com o mínimo de separação possível na realização de atividades, bem como a seleção proporcional de mulheres nas atividades de campo, escolha de cursos.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Quando as mulheres formadas na AMAN retornarem para serem instrutoras.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

“Em sua opinião, quais aspectos dificultam o processo de inclusão das mulheres no ensino militar bélico?”

Basicamente, as militares fizeram colocações opostas à pergunta anterior, apontando a não observação da equidade, a falta de mulheres combatentes como instrutoras e acrescentaram o pequeno efetivo feminino como sendo aspectos importantes que dificultam o processo de inclusão das mulheres no ensino militar bélico, como podemos verificar nas falas de três participantes:

A não observação da equidade, ou seja, não fazer a correta adaptação mediante as limitações femininas.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

A falta de mulheres já combatentes como instrutoras.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

O baixo efetivo feminino quando comparado ao masculino

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

“Como a senhora percebe o nível de reconhecimento dos demais militares em relação ao seu desempenho profissional?”

A análise das respostas fornecidas pelas 38 mulheres militares ao questionário pode ser dividida em duas dimensões para melhor compreensão:

1. Análise Quantitativa:

Muito bom: 11 de 38 ($\approx 29\%$)

Bom: 14 de 38 ($\approx 37\%$)

Médio: 10 de 38 ($\approx 26\%$)

Ruim: 3 de 38 ($\approx 8\%$)

2. Análise Qualitativa:

Muito bom/Bom ($\approx 66\%$): A maioria das mulheres militares (25 de 38) sente que há um bom ou muito bom nível de reconhecimento de seus colegas militares. Isso indica que, em geral, as mulheres sentem-se valorizadas e reconhecidas por seu desempenho profissional.

Médio ($\approx 26\%$): Uma porção significativa (10 de 38) sente que o reconhecimento é médio. Isso pode indicar que, apesar de existir algum nível de reconhecimento, ainda há espaço para melhorias em termos de valorização e de equidade.

Ruim ($\approx 8\%$): Uma pequena fração (3 de 38) sente que o reconhecimento é ruim. Isso indica a presença de desafios significativos em termos de inclusão e de reconhecimento profissional, o que requer atenção para identificar e abordar as causas dessa percepção.

Seguindo com as perguntas que buscaram a autopercepção das militares, foi perguntado: **“A senhora se sente capaz de cumprir com excelência as suas missões?”**

Todas as militares afirmaram sentirem-se capazes de cumprir, com excelência, suas missões. Tal resultado indicou uma forte autoafirmação profissional e uma excelente preparação e treinamento recebidos, na formação, bem como em suas bases familiares.

“A senhora se sente realizada e satisfeita com sua escolha profissional?”

Todas as militares afirmaram estar satisfeitas com sua escolha profissional, porém algumas afirmaram que só se sentirão realizadas quando conseguirem alguns objetivos de

carreira, como a realização de cursos específicos, como vemos na fala da militar:

Realizada não, satisfeita por ter me formado e ter uma profissão estável, me sentirei realizada quando realizar as especializações que busco

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Quais são suas expectativas com relação à sua carreira de Oficial Combatente do Exército Brasileiro?

As respostas revelaram uma gama diversificada de expectativas, que foram desde a vontade de impactar positivamente os militares sob sua responsabilidade até o desejo de especialização em áreas específicas, como aviação e inteligência, como podemos verificar na fala da militar:

Espero conseguir aproveitar o tempo de tenente para fazer alguns cursos para aperfeiçoar a parte técnico-profissional e deixar Deus ir me guiando nessa caminhada.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Elas reafirmaram a importância do fortalecimento da equidade, nas relações, e reforçaram a necessidade de um tratamento isonômico, reconhecendo as diferenças biológicas sem que essas se tornem justificativas para desigualdades.

A análise das respostas dos questionários revelou múltiplas dimensões de experiências. São jovens dedicadas que investiram sua juventude no pioneirismo da sua formação profissional, representantes da diversidade regional artificial, fruto das disparidades socioeconômicas do Brasil, e oriundas de estruturas familiares tradicionais.

Por meio da lente da psicologia sócio-histórica, percebeu-se que essas mulheres são fruto das significações sociais, históricas e culturais que permeiam o meio militar e a sociedade brasileira. Seus antecedentes familiares, suas motivações para ingresso, as dificuldades enfrentadas, os sentimentos que experimentaram, durante a formação, e as expectativas para o futuro são todos influenciados por esse contexto interseccional de gênero, de classe e de tradição.

Importante ressaltar que, apesar dos desafios, muitas delas se sentem realizadas e confiantes em sua capacidade técnico-profissional, demonstrando uma resiliência e uma capacidade de autoafirmação muito boas em meio a um ambiente historicamente masculino. Sua satisfação e desejo de crescimento profissional não apenas atestam o sucesso pessoal de cada uma delas, mas também indicam possíveis caminhos para um futuro mais inclusivo e equitativo no Exército Brasileiro. Suas falas foram importantes para a construção dos primeiros pré-indicadores, um primeiro movimento no processo de apreensão das significações produzidas no processo de inclusão de mulheres na linha do ensino militar bélico. Na sequência, passaremos ao detalhamento do grupo de discussão realizado com as oficiais recém-formadas.

4.5 A dinâmica do grupo de discussão

No dia 21 de julho de 2023, foi realizado o grupo de discussão com a participação de 05 (cinco) oficiais recém-formadas por intermédio do aplicativo *ZOOM*. Todas as militares convidadas receberam o TCLE e foram informadas do caráter confidencial da pesquisa e da garantia do anonimato. Antes disso, as oficiais que aceitaram participar do grupo de discussão foram inclusas em um grupo de aplicativo de conversas *WhatsApp* que, a partir daquele momento, foi um instrumento facilitador da comunicação e, assim, já foi quebrando o ‘gelo’ para nossa conversa, já com alguns bate-papos que forneceram informações relevantes. Nessas conversas prévias, pude esclarecer às oficiais que meu papel seria o de pesquisador e que, apesar de ser um superior hierárquico (à época, Major), não teria nenhuma ligação funcional com nenhuma delas.

Embora tenha sido um grupo pequeno, foi composto por militares com perfis diversos, como militares solteiras, casadas, com filho recém-nascido e servindo em regiões variadas do país. Tal fato enriqueceu as discussões com visões variadas. A reunião foi iniciada com uma breve apresentação do pesquisador, pelo fato de já termos tido contato anterior, seguida de agradecimentos prévios e uma ambientação geral sobre os temas que seriam discutidos. A respeito dessa mecânica, afirma Godoi (2015, p.641):

Nessa intervenção inicial, portanto, a enunciação do tema por parte do pesquisador, como dissemos, em geral ocorre de modo bastante geral, apenas indicando os limites da discussão, sem fechar o conteúdo ou impor um sentido a priori. Essa abordagem, que, a uma primeira vista, pode parecer deixar o grupo sem rumo, quando observada na realidade empírica, o que ocorre é que o sentido, a delimitação e o foco logo emergem da própria dinâmica do grupo.

A partir daí passou-se à sequência do roteiro, cujo modelo se encontra nos apêndices, e as militares falaram livremente sobre cada item apresentado, nem sempre concordando entre si a respeito dos temas discutidos. Depois de 01 hora e 35 minutos, o encontro foi finalizado com agradecimentos de ambas as partes, porque aparentemente as discussões haviam se esgotado, bem como uma das participantes precisava amamentar seu bebê recém-nascido. Particularmente, para este pesquisador, essa foi uma experiência muito gratificante, tanto para a apreensão das significações das militares, como pela oportunidade de ter contato com as pioneiras da oficialidade combatente, que se apresentaram confiantes e seguras em seus posicionamentos.

Após o término do grupo de discussão, foi realizada a transcrição das falas das participantes, com a preocupação de se manter a integridade dos registros, bem como as expressões utilizadas pelas participantes. De posse das respostas do questionário *online*, e da transcrição do grupo de discussão, detalharam-se os movimentos de construção dos núcleos de significação, passando pelos pré-indicadores e indicadores.

4.6 Pré-Indicadores e Indicadores

Neste momento da pesquisa, de posse das falas repletas de significações, nas respostas das perguntas abertas do questionário *online* e nas transcrições do grupo de discussão, iniciou-se uma análise mais aprofundada, com múltiplas e atentas leituras na busca das ideias, das palavras com significados congruentes e/ou contraditórios que se constituíram nos pré-indicadores. Sobre os pré-indicadores, esclarecem-nos Aguiar e Ozella (2006, p.230):

Essas leituras nos permitem destacar e organizar o que chamaríamos de pré-indicadores para a construção dos núcleos futuros. Irão emergindo temas os mais diversos, caracterizados por maior frequência (pela repetição ou reiteração), pela importância enfatizada nas falas dos informantes, pela carga emocional presente, pelas ambivalências ou contradições, pelas insinuações não concretizadas etc.

Ao reexaminar o conteúdo, tem-se a oportunidade de consolidar e organizar os pré-indicadores, por meio de sua conexão intrínseca, da sua capacidade de complemento ou de suas diferenças marcantes. Tal prática nos direciona para um cenário de menor dispersão e maior coesão com a definição dos indicadores, que nos encaminham aos eixos centrais de compreensão e de significação. Essa etapa, embora inicial, não apenas marca uma progressão no processo analítico, mas também evidencia uma transição. Mesmo estando em uma fase predominantemente empírica e ainda não profundamente interpretativa, já foi possível perceber um movimento rumo a um foco mais nítido e centralizado, com a definição dos núcleos de significação. A respeito dos indicadores, esclarece-nos Magalhães (2021, p.347):

A organização dos indicadores requer que seja feita a nomeação de cada um deles, e, neste esforço de identificar estas sínteses, vamos nos apropriando mais e mais da realidade da pesquisa, junto ao movimento de saturação de determinações que vai acontecendo à medida que nos aprofundamos na compreensão do fenômeno estudado. Se pré-indicadores são teses levantadas sobre a realidade empírica, sendo eles então, a própria expressão falada desta realidade, agora, os indicadores têm a função científica de rebater essas teses, começar a procurar o que há no outro lado da lua, como nos diz Vigotski, ir além da aparência, como nos diz Marx.

Realizando, então, esses primeiros movimentos interpretativos com as respostas abertas do questionário *online* e da transcrição do grupo de discussão, foram selecionadas diversas falas das militares que deram origem ao quadro de pré-indicadores e indicadores:

QUADRO 3 – PRÉ-INDICADORES E INDICADORES

<p>O TFM (<i>Treinamento Físico Militar</i>) exigia bastante treinamento e não são coisas muito comuns de se fazer. Afinal não é tão comum ver uma mulher fazendo barra.</p> <p>E a dificuldade psicológica, né? Por não ter muitas referências assim de mulheres em outras turmas eu nunca tinha a certeza de que a gente ia conseguir fazer ou não.</p> <p>Apesar de estar empenhada em conseguir fazer, gerava muita dúvida.</p> <p>Tive algumas dificuldades de TFM mais relacionadas às lesões que eu tive porque eu era atleta de atletismo.</p>	<p>Desafios Gerais enfrentados durante a formação</p>
--	--

<p>Tanto TFM quanto atividade de terreno acho que existe uma dificuldade maior sim.</p> <p>Assim como qualquer cadete, né? Tem tanto pessoal que tem dificuldade, pessoal tem facilidade. Então a gente tinha esses dois universos num segmento feminino também.</p> <p>Eu acho que além do TFM e das atividades de campo a equitação foi uma dificuldade.</p>	
<p>Tem determinadas situações, como palestras exclusivas às mulheres que vejo como desnecessárias.</p> <p>Há aspectos como o impedimento de oficiais do segmento masculino entrar na ala feminina de maneira inopinada, creio que isso deveria ser possível, para buscar mais equidade entre os sexos.</p> <p>Apesar dos esforços evidentes da equipe de instrução, ainda há situações em que me vejo com tratamento diferente aos cadetes do segmento masculino do mesmo ano/curso.</p> <p>Alguns militares ainda não sabem como lidar com mulheres na formação e acabam nos tratando de maneira diferente às vezes, o que incomoda.</p> <p>Somente questões fisiológicas devem ser tratadas de maneira diferente, pois são corpos diferentes de homem e mulher. Mas o resto, deve ser igual.</p> <p>Algumas pessoas tratam diferente por não perceber o “indivíduo” o “cadete” e sim o gênero.</p> <p>Alguns percebem a mulher como um ser mais fragilizado e tratam diferente na hora de chamar atenção, dar esporro, se contém/pedem desculpas para falar palavrão etc. Outros, acabam cobrando mais das mulheres em pontos como organização, limpeza, dedicação, notas, por perceberem a mulher como um ser mais esforçado para certas atividades, o que também avalio como algo que devesse ser igual.</p> <p>Acredito que ainda está ocorrendo uma adaptação a essa nova realidade, a cada nova turma que entra a AMAN e a EsPCEX busca melhorias para que a equidade seja atingida na plenitude.</p> <p>É difícil acertar tudo já de primeira mão, normalmente surgem oportunidades de melhoria que com o tempo vão sendo corrigidas.</p> <p>Mulheres e homens são diferentes, isso é biologicamente indiscutível. Em relação a execução de missões, acredito que não existe empecilho nenhum para as mulheres, inclusive creio que o trabalho em conjunto tem maior eficácia.</p>	<p>Concepções Iniciais sobre Equidade</p>

<p>Em muitos casos as pessoas não compreendem a equidade. Por exemplo, sabemos que fisiologicamente há diferenças entre homens e mulheres, mas muitos e muitas possuem um discurso que tudo deve ser igual independente disso. Acredito que assim como nossa Constituição, devemos seguir a máxima de Aristóteles, em que ele afirmava que "a igualdade consiste em tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na medida da sua desigualdade</p>	
<p>Tratar e cobrar igual. Ver como uma pessoa em formação e que precisa ser bem formado. Sem levar por aparência, sem haver melindres.</p> <p>Todos deveriam receber o mesmo tratamento, todos são cadetes/militares. Entender as limitações de cada sexo e usar isso pra somar.</p> <p>Simplemente tratamento igual pra todos. Pau que bate em Chico bate em Francisca.</p> <p>Se o instrutor cobrar a aluna/cadete de uma maneira diferente, isso irá gerar um reflexo negativo tanto para o segmento feminino, quando para o masculino.</p> <p>Acredito que essa seja uma questão de mudança de pensamento de toda uma sociedade, que só vai se concretizar com o tempo.</p> <p>As cadetes não querem ser tratadas de forma diferente. Basta que o tratamento não seja diferente, nem para mais nem para menos.</p> <p>Tratamento igual entre homens e mulheres, sem diferenciar ou citar suposições como “sei que vocês são mulheres, mas...”, “desculpem as mulheres, mas...”</p> <p>Muitas vezes na tentativa de se trazer o tratamento isonômico às mulheres, tem-se tratado de maneira desigual procurando destacar a presença das mulheres no quadro e serviço atualmente.</p>	<p style="text-align: center;">Aprofundando o Conceito de Equidade</p>
<p>Mulheres oficiais que participaram durante o Básico, mesmo não sendo de carreira.</p> <p>Inserção da mulher na grande maioria dos círculos hierárquicos.</p> <p>O tratamento isonômico com o mínimo de separação possível na realização de atividades, bem como a seleção proporcional de mulheres nas atividades de campo, escolha de cursos.</p> <p>Tratamento igual, porém, sendo observadas as devidas diferenças fisiológicas.</p> <p>Vontade das mulheres de mostrar que são tão capazes de realizar as atividades quanto os homens.</p> <p>Inclusão das mulheres nas diferentes armas, quadro e serviço.</p> <p>Não diferenciar a forma de falar ou tratar.</p> <p>Quando as mulheres formadas na AMAN retornarem</p>	<p style="text-align: center;">Entendendo o processo de inclusão das mulheres</p>

<p>para serem instrutoras.</p> <p>Agir com uma maior naturalidade, não tratar como se fosse algo de outro mundo.</p> <p>A capacidade das mulheres desempenharem muito bem as suas funções como militares combatentes de carreira, além do aspecto feminino em que naturalmente a maiorias das mulheres tem o desejo de superar seus limites e cumprir missões de qualquer grau de dificuldade.</p> <p>A oportunidade de permitir que as mulheres ocupem os espaços é suficiente para que percebam que podemos ser incluídas em todos os âmbitos. Por exemplo, depois de passar pela AMAN acredito que as mulheres poderiam escolher qualquer arma que se formariam como qualquer outro cadete, enfrentariam diversas dificuldades físicas e psicológicas, mas nada que os homens já não enfrentem. Acredito também que as mulheres trazem uma visão diferente da masculina em qualquer ambiente de trabalho, o que só contribuiria positivamente à nossa Força.</p>	
<p>Tratamento diferenciado na forma de falar/conversar, obrigação de ter representações de mulher.</p> <p>A não observação da equidade, ou seja, não fazer a correta adaptação mediante as limitações femininas.</p> <p>A falta de mulheres já combatentes como instrutoras. Efetivo reduzido.</p> <p>A falta de confiança na nossa capacidade e a falta de adaptação dos homens em nos tratar com igualdade em certos momentos.</p> <p>Tratamento diferente, quando há.</p> <p>O baixo efetivo feminino quando comparado ao masculino.</p> <p>Tratamento diferenciado, tanto os que beneficiam o segmento feminino em detrimento masculino e vice-versa.</p>	<p>O que dificulta o processo de inclusão?</p>
<p>Realizada não, satisfeita por ter me formado e ter uma profissão estável, me sentirei realizada quando realizar as especializações que busco.</p> <p>Me sinto realizada, porém nunca satisfeita. Acredito que sou um objeto de mudança da sociedade.</p> <p>Muito realizada com a escolha que fiz. A carreira proporciona desafios novos a cada momento da nossa vida, com isso a mesmice não ganha espaço. Outra coisa que me faz perceber que tenho muito que colocar em prática pra consolidar o espaço da mulher.</p> <p>Estou satisfeita e realizada com minha trajetória até agora, sei que há um longo caminho pela frente.</p> <p>Tenho uma sensação de realização, mas ainda não é</p>	<p>Sentimento de Realização e Satisfação com a escolha profissional</p>

<p>suficiente. Meu objetivo é continuar evoluindo e aprendendo, para então, me sentir plenamente satisfeita e capaz de promover as mudanças que desejo ver na sociedade.</p> <p>Embora me sinta realizada com as conquistas profissionais até o momento, acredito que a verdadeira satisfação virá com o alcance de metas mais ambiciosas e a capacidade de fazer a diferença na vida das pessoas através do meu trabalho.</p> <p>Tenho orgulho de onde cheguei, mas minha verdadeira realização estará na transformação que pretendo deixar.</p> <p>Ao olhar para trás, vejo muitas conquistas. No entanto, a sensação de realização plena só virá quando atingir aquelas metas que tracei para mim.</p>	
<p>Se não estiver completamente preparada busco me preparar para melhor cumprir minhas missões.</p> <p>Todos eu me esforço bastante para cumprir, pois sei que minha função requer trabalho. Na maioria das vezes cumpro, porém algumas missões fogem da minha capacidade, tanto por falta de conhecimento quanto por falta de apoios diversos. Acredito que todo militar passa por esse tipo de limitação</p> <p>Na jornada como militar, reconheço a importância do trabalho em equipe e do apoio mútuo para superar as adversidades e realizar as missões com eficiência e dedicação.</p> <p>As missões que recebo são desafios que me motivam a melhorar continuamente, buscando a excelência em minha performance e contribuindo para o sucesso da equipe.</p> <p>Cada missão é uma oportunidade de demonstrar meu comprometimento e habilidades, aprendendo com as experiências, buscando sempre evoluir como profissional e como pessoa.</p> <p>Sempre procuro estar à altura das expectativas, mas reconheço que nem sempre consigo atingir a perfeição em todas as tarefas.</p> <p>Quando percebo que uma missão é mais complexa do que o previsto, busco orientações para garantir sua execução.</p>	<p>Autopercepção de capacidade para cumprir com excelência as missões</p>
<p>Poder impactar positivamente os militares sob minha responsabilidade e contribuir com o crescimento deles.</p> <p>Que conquiste meu espaço na carreira a partir dos cursos desempenhados e a partir do bom trabalho que busco desempenhar.</p> <p>Gostaria de me especializar na aviação.</p> <p>Conseguir desempenhar minhas atribuições da melhor forma sendo leal aos meus princípios e aspirações pessoais de vida.</p>	<p>Expectativas sobre a carreira de Oficial combatente</p>

Poder mostrar meu profissionalismo e conseguir lograr êxito tanto em cursos quanto em uma futura missão no exterior.

Espero poder ter uma atuação maior já área logística futuramente e ter a oportunidade de auxiliar na formação das turmas futuras.

Pretendo fazer cursos na área de inteligência.

Espero conseguir aproveitar o tempo de tenente para fazer alguns cursos para aperfeiçoar a parte técnico-profissional e deixar Deus ir me guiando nessa caminhada.

Adquirir bastante conhecimento profissional e poder mudar vidas dos jovens que ingressam o serviço militar obrigatório!

Realizar cursos e realização profissional.

São boas, acredito que a carreira oferece muitas oportunidades desde que haja esforço individual também.

Não faço planos muito longos, mas ainda pretendo fazer mais cursos operacionais e me especializar na minha área logística. Pretendo retornar pra alguma escola de formação também pois acredito no ideal de "formar" pessoas.

Creio que enfrentarei mais desafios, tanto os que passei na formação como novos, mas que através do meu trabalho posso vencer de forma a satisfazer a mim quanto a meu desempenho.

Que seja de muito trabalho, mas também próspera.

São boas, acredito que vamos poder mostrar nosso valor na tropa.

Espero ser exemplo de conduta e de liderança para minha fração e que eu possa exercer minhas funções da melhor maneira possível.

Conseguir conquistar os meus objetivos profissionais, retornar à AMAN para contribuir com a formação dos futuros oficiais.

Ser voluntária a realizar cursos e me especializar de acordo com cada região que eu vier a servir. E sobretudo, sei que vou errar durante a carreira, mas cativar meus subordinados pelo exemplo de perfil militar.

Desempenhar função de liderança nos corpos de tropa.
Ser feliz.

4.7 Núcleos de Significação

A partir daqui, a análise encaminhou-se para um momento fundamental na consecução do objetivo proposto, nesta pesquisa, de apreender as significações de um grupo de mulheres acerca de seu processo de formação para oficial combatente do Exército Brasileiro. Passou-se à organização dos Núcleos de Significação, próximo movimento de síntese na análise.

Após a identificação dos pré-indicadores, que são aspectos particulares da fala dos sujeitos, como frequência, ênfase e reiteração de determinadas palavras e expressões, com suas insinuações e cargas emocionais, foi feita a sua organização em conjuntos semelhantes, complementares, ou até contraditórios, e criaram-se os indicadores. A partir dos indicadores, foram feitas análises das partes, e, ao se sintetizar novamente, chegou-se aos núcleos de significação, que são poderosos para a apreensão de sentidos e de significados constituídos pelo sujeito frente à realidade, com suas múltiplas determinações. A respeito desse processo, esclarecem-nos Aguiar, Soares e Machado (2015, p.63):

Embora a sistematização dos núcleos de significação seja realizada por etapas (levantamento de pré-indicadores, sistematização de indicadores e sistematização propriamente dita dos núcleos de significação), esse processo não deve ser entendido como uma sequência linear. Trata-se de um processo dialético em que o pesquisador não pode deixar de lado alguns princípios, como a totalidade dos elementos objetivos e subjetivos que constituem as significações produzidas pelo sujeito, as contradições que engendram a relação entre as partes e o todo, bem como deve considerar que as significações constituídas pelo sujeito não são produções estáticas, mas que elas se transformam na atividade da qual o sujeito participa.

Os núcleos de significação instrumentalizam a compreensão da subjetividade das participantes de várias maneiras. Eles permitem a identificação e a organização dos conteúdos expressos, revelando as essências dos significados e dos sentidos presentes em seus discursos. Além disso, a análise dos núcleos possibilita que se ultrapasse a simples descrição das informações produzidas, estabelecendo-se relações que até então não haviam sido feitas, detectando a gênese de alguns fatos e afastando-se de explicações naturalizantes, o que contribui para uma compreensão mais consistente e aprofundada. Sobre esse momento da análise, afirmam Aguiar e Ozella (2006, p.231):

É nesse momento que, efetivamente, iniciamos o processo de análise e avançamos do empírico para o interpretativo, apesar de todo o procedimento ser, desde o início da entrevista, um processo construtivo/interpretativo. Os núcleos resultantes devem expressar os pontos centrais e fundamentais que trazem implicações para o sujeito, que envolvam emocionalmente, que revelem as suas determinações constitutivas.

Na realização desses movimentos de análise, foram definidos os núcleos de significação constantes do quadro abaixo, colocados em uma sequência apenas para facilitar o caminhar nas análises, já que todos se apresentam ao mesmo tempo interrelacionando-se constantemente nesse processo.

QUADRO 4 – INDICADORES E NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
<p>Concepções iniciais sobre equidade</p> <p>Aprofundando o conceito de equidade</p>	<p>1-O desafio da equidade “Somente questões fisiológicas devem ser tratadas de maneira diferente, pois são corpos diferentes de homem e mulher. Mas o resto, deve ser igual”.</p>
<p>Entendendo o processo de inclusão das mulheres</p> <p>O que dificulta o processo de inclusão?</p> <p>Desafios Gerais enfrentados durante a formação</p>	<p>2-O processo de inclusão das mulheres e as oportunidades de melhoria “A oportunidade de permitir que as mulheres ocupem os espaços é suficiente para que percebam que podemos ser inclusas em todos os âmbitos. Por exemplo, depois de passar pela AMAN acredito que as mulheres poderiam escolher qualquer arma que se formariam como qualquer outro cadete, enfrentariam diversas dificuldades físicas e psicológicas, mas nada que os homens já não enfrentem. Acredito também que as mulheres trazem uma visão diferente da masculina em qualquer ambiente de trabalho, o que só contribuiria positivamente à nossa Força”.</p>
<p>Sentimento de realização e satisfação com a escolha profissional</p>	<p>3-Grau de realização e satisfação profissional “Me sinto realizada, porém nunca satisfeita. Acredito que sou um objeto de mudança da sociedade”.</p>
<p>Autopercepção de capacidade para cumprir com excelência as missões</p>	<p>4-Autoanálise da competência profissional “Cada missão é uma oportunidade de demonstrar meu comprometimento e habilidades, aprendendo com as experiências, buscando sempre evoluir como profissional e como pessoa”.</p>
<p>Expectativas sobre a carreira de oficial combatente</p>	<p>5-Futuro na carreira: “Ser feliz”.</p>

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2023.

Buscando apreender as significações de integrantes das primeiras turmas com mulheres acerca de seu processo de formação para Oficial combatente do EB, dentro das tão atuais discussões sobre o papel da mulher, na sociedade brasileira contemporânea, passamos a apresentar a análise dos Núcleos de Significação.

4.8 Núcleo 1- O desafio da equidade “Somente questões fisiológicas devem ser tratadas de maneira diferente, pois são corpos diferentes de homem e mulher. Mas o resto, deve ser igual”.

As discussões sobre equidade de gênero têm ocupado um lugar central, na sociedade brasileira contemporânea, sendo um tema de extrema relevância e urgência. A busca por equidade entre homens e mulheres vai muito além da simples paridade numérica ou da equiparação de direitos legais; trata-se de reconhecer e enfrentar as desigualdades estruturais que permeiam diversos aspectos da vida cotidiana. É interessante pensar que as cadetes e as oficiais se expressaram muito no sentido da importância da equidade, durante a sua formação em suas carreiras, e elas trazem experiências e necessidades próprias, nesse processo, como nos afirmam Collins e Bilge (2009, p.17) neste trecho que trata sobre a discriminação que ocorre no acesso ao ensino superior:

Hoje, faculdades e universidades abrigam um número maior de estudantes que, no passado, não tinham condições de pagar pelo ensino superior (questões de classe); ou estudantes que historicamente precisavam lidar com barreiras discriminatórias à matrícula (devido a questões de raça, gênero, etnia, autoctonia, estatuto de cidadania); ou estudantes que enfrentavam diferentes formas de discriminação (questões relativas a orientação sexual, capacidade, religião) nos campi. Faculdades e universidades se confrontam com estudantes que desejam equidade, mas trazem experiências e necessidades muito diversas para os campi.

No Brasil, apesar dos avanços legislativos e sociais, persistem disparidades significativas entre os gêneros. No âmbito profissional, por exemplo, as mulheres ainda enfrentam obstáculos para alcançar posições de liderança e de igualdade salarial em relação aos homens e isso mostra que os direitos postos nas leis não são garantia de participação social como afirma Magalhães, (2021, p.260):

A luta pela emancipação humana é um processo diferente da luta pela conquista de direitos consubstanciados em leis, acordos, contratos, compromissos formais. A emancipação humana está em outra instância existencial além da polícia: a participação social.

Além disso, questões como a divisão desigual de responsabilidades domésticas e familiares também contribuem para a perpetuação das desigualdades de gênero. Apesar das mudanças de comportamento e da maior participação masculina nas tarefas domésticas, as mulheres ainda enfrentam uma carga desproporcional de trabalho não remunerado, o que pode impactar suas carreiras e seu bem-estar. Sobre isso, trazem-nos Leite et al. (2020, p.293):

As escolhas profissionais masculinas e femininas podem assim continuar reproduzindo as relações sociais de gênero e trazem à tona um debate relevante para a compreensão de que a escolha profissional pode não significar efetivamente “escolha”, e sim uma consequência sociocultural. A naturalização da desigualdade de gênero continua presente nas relações cotidianas, ainda que de forma velada, embora a mulher venha ocupando espaços significativos no mercado de trabalho. No entanto, a desigualdade se revela desde a divisão desigual de tarefas na vida familiar, até os espaços de trabalho, e continua adentrando também o ambiente escolar, onde deveria existir uma relação que estimulasse a igualdade.

A promoção da equidade de gênero demanda esforços contínuos de conscientização, educação e de implementação de políticas públicas efetivas. É fundamental desconstruir estereótipos de gênero, capacitar mulheres em diversas áreas e incentivar a participação ativa dos homens na luta por uma sociedade mais justa e equitativa. Sobre isso, afirma Cruz (2019, p.23):

Na realidade, a diferença de sexo distingue biologicamente homens e mulheres, mas a diferença de gênero envolve reconhecer a existência de valores constitutivos da identidade feminina e da identidade masculina. Esses valores, apesar de diferentes, devem se manifestar em pé de igualdade em todas as dimensões da vida.

A equidade, na formação dos oficiais combatentes do Exército Brasileiro, é uma questão primordial e de grande importância, permeada por desafios e por necessidades intrínsecas. A busca por equidade não implica a negação das diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas sim a garantia de tratamento justo e igualitário em todos os aspectos, exceto aqueles estritamente relacionados às peculiaridades fisiológicas, como podemos notar na fala desta participante, que inclusive intitulou este núcleo de significação.

Somente questões fisiológicas devem ser tratadas de maneira diferente, pois são corpos diferentes de homem e mulher. Mas o resto, deve ser igual.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Importante também perceber que atividades segregadas, por serem consideradas importantes para apenas homens ou apenas mulheres, tendem a criar uma sensação de divisão desnecessária. Da mesma forma, uma maior liberdade de acesso aos espaços de convivência, desde que respeitando a privacidade e os limites individuais, pode ser um caminho para uma maior equidade. A possibilidade de acesso a áreas antes restritas por gênero, desde que de forma adequada e respeitosa, contribuiria para a construção de um ambiente mais igualitário. Sobre essas duas situações temos os relatos das participantes.

Tem determinadas situações, como palestras exclusivas às mulheres que vejo como desnecessárias.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Há aspectos como o impedimento de oficiais do segmento masculino entrar na ala feminina de maneira inopinada, creio que isso deveria ser possível, para buscar mais equidade entre os sexos.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

A inclusão de mulheres, nas fileiras militares, não representa um obstáculo à execução de missões. Pelo contrário, a diversidade de habilidades e de perspectivas entre homens e mulheres pode contribuir para uma eficácia ainda maior no cumprimento das tarefas. Sobre isso, temos a seguinte fala.

Mulheres e homens são diferentes, isso é biologicamente indiscutível. Em relação a execução de missões, acredito que não existe empecilho nenhum para as mulheres, inclusive creio que o trabalho em conjunto tem maior eficácia.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

É fundamental compreender que a equidade não significa tratar todos exatamente da mesma maneira, mas sim reconhecer as diferenças individuais e culturais para oferecer o tratamento justo e adequado a cada pessoa. Tratar igualmente os iguais e de maneira diferenciada os desiguais, levando em conta suas necessidades específicas, é um conceito crucial para a equidade.

É necessário um esforço contínuo para que todos sejam vistos como indivíduos em

formação, sem a influência do gênero em questão. O desafio reside em construir um ambiente em que todos os cadetes sejam vistos como parte de um mesmo grupo, recebendo o mesmo tratamento, sem distinção de gênero. Falas sobre esses aspectos se mostraram corriqueiras.

Tratar e cobrar igual. Ver como uma pessoa em formação e que precisa ser bem formado. Sem levar por aparência, sem haver melindres.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Todos deveriam receber o mesmo tratamento, todos são cadetes/militares. Entender as limitações de cada sexo e usar isso pra somar.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Simplesmente tratamento igual pra todos. Pau que bate em Chico bate em Francisca.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Se o instrutor cobrar a aluna/cadete de uma maneira diferente, isso irá gerar um reflexo negativo tanto para o segmento feminino, quando para o masculino.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

As cadetes não querem ser tratadas de forma diferente. Basta que o tratamento não seja diferente, nem para mais nem para menos.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Tratamento igual entre homens e mulheres, sem diferenciar ou citar suposições como “sei que vocês são mulheres, mas...”, “desculpem as mulheres, mas...”
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

A busca pela equidade é uma jornada em constante evolução, que exige um compromisso contínuo com a igualdade de oportunidades e de tratamento justo e apesar dos aspectos da equidade que devem ser constantemente aperfeiçoados, existe uma visão otimista dos avanços como vemos no relato da participante.

É difícil acertar tudo já de primeira mão, normalmente surgem oportunidades de melhoria que com o tempo vão sendo corrigidas.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Como a sociedade é um organismo vivo, é importante que haja uma mudança de mentalidade não apenas dentro das instituições militares, mas em toda a sociedade, para que a equidade entre os gêneros seja plenamente alcançada. Isso demanda tempo, esforço e uma constante reflexão sobre as práticas e tratamentos dispensados a cada indivíduo, visando sempre à justiça e à igualdade de oportunidades. Podemos notar essa mesma impressão na seguinte fala.

Acredito que essa seja uma questão de mudança de pensamento de toda uma sociedade, que só vai se concretizar com o tempo.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Visto esse primeiro aspecto desafiador, o próximo núcleo irá apresentar e discutir o processo de inclusão das mulheres na formação dos(as) oficiais combatentes do EB e as oportunidades de melhoria desse processo.

4.9 Núcleo 2- O processo de inclusão das mulheres e as oportunidades de melhoria “A oportunidade de permitir que as mulheres ocupem os espaços é suficiente para que percebam que podemos ser incluídas em todos os âmbitos. Por exemplo, depois de passar pela AMAN, acredito que as mulheres poderiam escolher qualquer arma que se formariam como qualquer outro cadete, enfrentariam diversas dificuldades físicas e psicológicas, mas nada que os homens já não enfrentem. Acredito também que as mulheres trazem uma visão diferente da masculina em qualquer ambiente de trabalho, o que só contribuiria positivamente à nossa Força”.

As mulheres já são admitidas como oficiais do Exército Brasileiro, desde 1992, no Quadro complementar de oficiais, assim como naquela mesma década seriam inclusas nas áreas de saúde e como engenheiras militares. Apesar disso, nenhuma daquelas carreiras era combatente, o que só se tornou possível com a entrada das primeiras mulheres na EsPCEX no ano de 2017. Desde então, devido à peculiaridade e à especificidade da carreira de oficial combatente, a inclusão das mulheres voltou a estar em evidência, gerando muitas expectativas, como afirma Cruz (2019, p. 19):

Apesar do Exército já admitir, desde 1992, a entrada das mulheres em suas fileiras, a atuação destas restringe-se apenas no quadro complementar, em áreas como saúde, administração, pedagogia, advocacia, informática etc., e em carreiras técnicas do IME (Instituto Militar de Engenharia). O perfil e a identidade dessas mulheres não se caracterizam, portanto, por uma atuação de caráter bélico. Cabe, então questionar, com a admissão desse novo contingente de mulheres, cuja formação é voltada ao combate, como se revelarão o perfil profissional e a identidade militar dessas jovens?

O processo de inclusão das mulheres, na formação do oficial combatente do Exército Brasileiro, tem sido marcado por avanços notáveis, com felizes constatações da capacidade de superação e de espírito de luta das mulheres, já que duas turmas mistas já concluíram a formação com sucesso, mostrando a abertura para a diversidade de gênero e a ampliação das oportunidades. Sobre isso, temos os relatos confiantes das participantes sobre o processo.

Vontade das mulheres de mostrar que são tão capazes de realizar as atividades quanto os homens.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

A capacidade das mulheres desempenharem muito bem as suas funções como militares combatentes de carreira, além do aspecto feminino em que naturalmente a maioria das mulheres tem o desejo de superar seus limites e cumprir missões de qualquer grau de dificuldade.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Apesar do otimismo em relação à inclusão das mulheres, as participantes apontaram

algumas oportunidades de melhoria, como vemos na fala abaixo sobre a inserção das mulheres em diversos círculos hierárquicos, que ocorrerá com o passar dos anos, o que solidificará a presença das mulheres entre os oficiais combatentes.

Inserção da mulher na grande maioria dos círculos hierárquicos.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Outro aspecto apontado nas falas abaixo como uma dificuldade na inclusão, foi a falta de oficiais combatentes mulheres, no quadro dos instrutores, já que essas turmas foram as pioneiras, mesmo com a presença de oficiais femininas, designadas para acompanhá-las.

Quando as mulheres formadas na AMAN retornarem para serem instrutoras.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

A falta de mulheres já combatentes como instrutoras.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Surgiram também falas sobre a percepção da grande diferença de efetivo entre homens e mulheres. Ao longo do tempo, essas situações poderão ser atenuadas, com o retorno das oficiais formadas para participarem da formação e com o aumento do efetivo de mulheres nos corpos de tropa e durante a formação.

Efetivo reduzido.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

O baixo efetivo feminino quando comparado ao masculino.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Mais uma vez, aqui, surgiram os comentários sobre a importância da equidade, do tratamento isonômico e da necessidade de se encarar a presença das mulheres na formação do(a) oficial combatente com naturalidade, mas a inclusão das mulheres, na linha do ensino militar bélico, não é algo que acontece e nem vai acontecer com naturalidade, assim como não foi em todas as profissões e carreiras predominantemente masculinas. É fruto de muita luta por direitos, com muita intencionalidade embutida nesse processo. Por se tratar de uma carreira, até 2017, exclusivamente masculina, a inclusão das mulheres causou uma grande curiosidade, colocando as militares em grande evidência. Sobre isso, posso trazer um pequeno relato pessoal, sobre quando me apresentei, na AMAN, e senti muita curiosidade sobre como estava se dando o processo de inclusão das mulheres. Como elas se comportariam? Como nós nos comportaríamos? Passados já 07 anos, com a formação de 03 turmas pioneiras, a presença feminina vai se fortalecendo com a expectativa da consolidação efetiva da equidade no processo. Aqui, temos as falas das participantes sobre esses aspectos.

Tratamento igual, porém, sendo observadas as devidas diferenças fisiológicas.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Inclusão das mulheres nas diferentes armas, quadro e serviço.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Não diferenciar a forma de falar ou tratar.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Agir com uma maior naturalidade, não tratar como se fosse algo de outro mundo.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Como em várias outras situações, as mulheres só precisam participar ativamente para demonstrarem sua competência e capacidade. Elas sabem que continuarão enfrentando as dificuldades físicas e psicológicas também enfrentadas pelos homens, mas sua superação trará um grande ganho para o Exército. Temos essa ideia, na fala forte da participante, que se tornou símbolo desse núcleo de significação.

A oportunidade de permitir que as mulheres ocupem os espaços é suficiente para que percebam que podemos ser incluídas em todos os âmbitos. Por exemplo, depois de passar pela AMAN acredito que as mulheres poderiam escolher qualquer arma que se formariam como qualquer outro cadete, enfrentariam diversas dificuldades físicas e psicológicas, mas nada que os homens já não enfrentem. Acredito também que as mulheres trazem uma visão diferente da masculina em qualquer ambiente de trabalho, o que só contribuiria positivamente à nossa Força.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

O processo de inclusão das mulheres, na formação do oficial combatente do Exército Brasileiro, tem alcançado progressos significativos e está em franco desenvolvimento, mas sempre há espaço para melhorias. É fundamental persistir na busca pela equidade, superando desafios e garantindo relações isonômicas, o que tornará a instituição mais forte e coesa.

Após discutirmos a equidade e o processo de inclusão das mulheres e suas oportunidades de melhoria, seguimos agora para o terceiro núcleo de significação investigando a realização e a satisfação profissional dessas militares.

4.10 Núcleo 3- Grau de realização e satisfação profissional “Me sinto realizada, porém nunca satisfeita. Acredito que sou um objeto de mudança da sociedade”.

As militares que fazem parte do processo de inclusão das mulheres, na formação dos oficiais combatentes do Exército Brasileiro, trazem consigo um sentimento profundo de realização e de satisfação, mas também uma inquietude constante em relação ao futuro e às metas a serem alcançadas.

Elas expressam uma satisfação por terem alcançado uma etapa significativa em suas vidas, como a formação profissional e a obtenção de uma carreira estável. No entanto, a

verdadeira sensação de realização não se limita a isso. Elas almejam mais, desejam buscar especializações, enfrentar novos desafios e contribuir ativamente para a mudança na sociedade, daí vem o sentimento de serem agentes de transformação. A realização plena está intrinsecamente ligada ao alcance das metas pessoais traçadas, ao impacto positivo que desejam gerar e à contribuição efetiva para uma sociedade mais igualitária.

Realizada não, satisfeita por ter me formado e ter uma profissão estável, me sentirei realizada quando realizar as especializações que busco.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Me sinto realizada, porém nunca satisfeita. Acredito que sou um objeto de mudança da sociedade.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Tenho uma sensação de realização, mas ainda não é suficiente. Meu objetivo é continuar evoluindo e aprendendo, para então, me sentir plenamente satisfeita e capaz de promover as mudanças que desejo ver na sociedade.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Ao olhar para trás, vejo muitas conquistas. No entanto, a sensação de realização plena só virá quando atingir aquelas metas que tracei para mim.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

A carreira militar proporciona a elas um terreno fértil para constantes desafios e aprendizados. O orgulho pelas conquistas alcançadas até o momento é evidente, mas a verdadeira realização está associada à capacidade de fazer a diferença e deixar um legado de mudança e de evolução, significativo para si mesmas e para as futuras gerações.

Muito realizada com a escolha que fiz. A carreira proporciona desafios novos a cada momento da nossa vida, com isso a mesmice não ganha espaço. Outra coisa que me faz perceber que tenho muito que colocar em prática pra consolidar o espaço da mulher.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Tenho orgulho de onde cheguei, mas minha verdadeira realização estará na transformação que pretendo deixar.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Essas militares enxergam suas trajetórias como uma jornada contínua de aprimoramento e de crescimento e reconhecem que, embora tenham alcançado muito, consideram que há um longo caminho a percorrer.

Estou satisfeita e realizada com minha trajetória até agora, sei que há um longo caminho pela frente.

A busca por fazer a diferença por meio do trabalho é uma motivação poderosa. Essas mulheres valorizam não apenas as posições alcançadas, mas também a oportunidade de influenciar e melhorar o ambiente em que atuam. Seja liderando com empatia, defendendo causas importantes seja inspirando outras mulheres a trilharem caminhos semelhantes, o propósito de deixar um legado positivo impulsiona a busca por metas mais desafiadoras.

Embora me sinta realizada com as conquistas profissionais até o momento, acredito que a verdadeira satisfação virá com o alcance de metas mais ambiciosas e a capacidade de fazer a diferença na vida das pessoas através do meu trabalho.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

A sensação de realização profissional entre as militares que participaram desse processo histórico é tangível, mas é apenas uma etapa em uma jornada contínua. A verdadeira satisfação para muitas dessas militares está intrinsecamente ligada à capacidade de alcançar metas mais ousadas e deixar um legado que vá além das próprias conquistas individuais. Elas almejam impactar positivamente a vida das pessoas ao seu redor, sejam colegas de farda, subordinados seja até mesmo as comunidades em que estão inseridas.

Após analisar os sentimentos de satisfação e de realização das participantes, analisaremos, no próximo núcleo, sua autopercepção da competência profissional.

4.11 Núcleo 4- Autoanálise da competência profissional “Cada missão é uma oportunidade de demonstrar meu comprometimento e habilidades, aprendendo com as experiências, buscando sempre evoluir como profissional e como pessoa”.

A autopercepção das militares envolvidas no processo de inclusão das mulheres, na formação dos oficiais combatentes do Exército Brasileiro, é pautada por uma busca contínua pela excelência no cumprimento de suas missões, embora conscientes dos desafios que enfrentam e enfrentarão na carreira e do papel fundamental do apoio e trabalho em equipe.

Se não estiver completamente preparada busco me preparar para melhor cumprir minhas missões.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Na jornada como militar, reconheço a importância do trabalho em equipe e do apoio mútuo para superar as adversidades e realizar as missões com eficiência e dedicação.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Elas reconhecem que a preparação é essencial para o êxito em suas responsabilidades. Se não se sentem completamente preparadas, dedicam-se incansavelmente para adquirir o conhecimento necessário, demonstrando, assim, um compromisso incessante com o aprimoramento de suas capacidades.

Cada missão é uma oportunidade de demonstrar meu comprometimento e habilidades, aprendendo com as experiências, buscando sempre evoluir como profissional e como

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Essas militares entendem que, apesar do empenho e do esforço dedicados, algumas missões podem escapar de suas habilidades, seja pela complexidade da tarefa seja pela ausência de apoios diversos, quase sempre se tratando de problemas de efetivo ou de disponibilidade de materiais e meios. Essas situações são vistas como desafios comuns na carreira militar, enfrentados por todos os profissionais em determinados momentos. Como Cadete e Oficial recém-formado, também experimentei esses sentimentos, que vão diminuindo com o tempo de serviço e de experiência. Mas como se trata de uma situação pioneira na formação dos Oficiais combatentes do Exército, somente o tempo dirá se esses sentimentos se tratam dos mesmos apresentados pelas militares.

Todas eu me esforço bastante para cumprir, pois sei que minha função requer trabalho. Na maioria das vezes cumpro, porém algumas missões fogem da minha capacidade, tanto por falta de conhecimento quanto por falta de apoios diversos. Acredito que todo militar passa por esse tipo de limitação

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

A consciência da importância do trabalho em equipe é um pilar fundamental em suas percepções. Elas compreendem que a colaboração mútua e o apoio entre os colegas são cruciais para superar dificuldades e cumprir as missões com eficiência e dedicação, já que a carreira delas será desafiadora, como a da maioria das mulheres que se inserem em ambientes que foram predominantemente ou exclusivamente masculinos.

O fato é que o comando feminino de maneira geral e, na área tecnológica em especial, é fato bastante recente nas organizações. Até o momento, ele requer, de um lado, a aceitação dos padrões masculinos de carreira esperados pelas empresas, por parte das mulheres que desejem desempenhá-lo e, de outro, a aceitação e a legitimação da autoridade feminina, por parte dos homens. Após o primeiro impacto nesses pontos, porém, as entrevistadas admitem que, se não é possível deixar de cobrar dos subordinados resultados e cumprimentos de prazos, limites impostos pela própria organização do trabalho, a cujas exigências gerentes de ambos os sexos devem se submeter – é possível tornar o ambiente de trabalho mais agradável e amigável. E este tem sido apontado como um ponto a favor das mulheres, um diferencial de gênero na forma de gerenciar pessoas (Lombardi 2008, p.84).

Cada nova missão é encarada como uma oportunidade de aprimoramento, um desafio que as motiva a buscar constantemente a excelência em sua *performance*. A busca pelo desenvolvimento contínuo e a vontade de contribuir para o sucesso da equipe são aspectos centrais em suas mentalidades e mostram uma preocupação constante de se provarem para os seus pares e também para a sociedade, pois sabem que os holofotes estão todos sobre elas nesse processo.

As missões que recebo são desafios que me motivam a melhorar continuamente, buscando a excelência em minha performance e contribuindo para o sucesso da equipe.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Embora busquem sempre corresponder às expectativas, essas militares são realistas em relação à perfeição. Reconhecem que nem sempre é possível atingir níveis ideais em todas

as tarefas, o que as impulsiona a buscar orientações e apoio sempre que percebem a complexidade de uma missão.

Sempre procuro estar à altura das expectativas, mas reconheço que nem sempre consigo atingir a perfeição em todas as tarefas.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Quando percebo que uma missão é mais complexa do que o previsto, busco orientações para garantir sua execução.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Essa postura reflexiva e comprometida evidencia não apenas a determinação das militares em superar desafios, mas também a consciência da importância do aprendizado contínuo e da colaboração mútua para o sucesso das operações militares. A busca constante pela melhoria e a disposição em enfrentar obstáculos com determinação e empenho refletem o comprometimento dessas mulheres com suas responsabilidades e com a profissão militar, bem como uma responsabilidade autoimposta pelo fato de serem as pioneiras do processo.

4.12 Núcleo 5- Futuro na carreira: “Ser feliz”.

As militares que estão envolvidas no processo de inclusão das mulheres, na formação dos oficiais combatentes do Exército Brasileiro, nutrem diversas expectativas e aspirações em relação à carreira de oficial combatente. Elas almejam contribuir de maneira significativa para o crescimento e desenvolvimento dos militares sob sua responsabilidade, alinhando suas ações a um impacto positivo, no ambiente militar, como vemos nas falas.

Poder impactar positivamente os militares sob minha responsabilidade e contribuir com o crescimento deles.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Adquirir bastante conhecimento profissional e poder mudar vidas dos jovens que ingressam o serviço militar obrigatório!
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Há também o anseio por conquistar reconhecimento e espaço, na carreira, embasadas no mérito adquirido por meio de cursos realizados e do bom desempenho profissional.

Algumas expressam o desejo de especialização em áreas específicas, como aviação, logística, inteligência e outras, buscando, assim, ampliar seus conhecimentos e habilidades.

Gostaria de me especializar na aviação.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Pretendo fazer cursos na área de inteligência.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Realizar cursos e realização profissional.
(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Espero conseguir aproveitar o tempo de tenente para fazer alguns cursos para aperfeiçoar a parte técnico-profissional e deixar Deus ir me guiando nessa caminhada.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Ser voluntária a realizar cursos e me especializar de acordo com cada região que eu vier a servir. E sobretudo, sei que vou errar durante a carreira, mas cativar meus subordinados pelo exemplo de perfil militar.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Como já citado anteriormente, essas turmas pioneiras se autoimpõem um elevado padrão, e as militares têm a expectativa de desempenhar suas atribuições da melhor forma possível, mantendo-se fiéis aos seus princípios e aspirações pessoais. Elas almejam o sucesso em cursos e missões, no exterior, vislumbrando oportunidades de crescimento, de realização profissional e de poder demonstrar sua capacidade profissional.

Conseguir desempenhar minhas atribuições da melhor forma sendo leal aos meus princípios e aspirações pessoais de vida.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Poder mostrar meu profissionalismo e conseguir lograr êxito tanto em cursos quanto em uma futura missão no exterior.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Entre as expectativas, também está a busca por ser um exemplo de conduta e liderança, almejando exercer as funções designadas de maneira exemplar e inspiradora para os colegas e subordinados. O desejo de exercer funções de liderança, nos corpos de tropa, bem como a vontade de voltar à AMAN para contribuir com a formação dos(as) futuros(as) oficiais refletem o comprometimento com o aprimoramento contínuo e com o desenvolvimento das novas gerações de militares. Tal fato se mostra de grande importância, já que a presença dessas militares, como instrutoras, no processo de inclusão das mulheres na formação do(a) oficial combatente, possibilitará um grande avanço nas relações, nas posturas e nas oportunidades de melhoria, já que elas vivenciaram o processo e trazem uma gama de experiências, tanto da sua formação, como em sua passagem pelos corpos de tropa.

Espero poder ter uma atuação maior já área logística futuramente e ter a oportunidade de auxiliar na formação das turmas futuras.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Não faço planos muito longos, mas ainda pretendo fazer mais cursos operacionais e me especializar na minha área logística. Pretendo retornar pra alguma escola de formação também pois acredito no ideal de "formar" pessoas.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Conseguir conquistar os meus objetivos profissionais, retornar à AMAN para contribuir com a formação dos futuros oficiais.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Acima de tudo, elas expressam a esperança de serem felizes, tanto na vida profissional quanto na pessoal, trazendo consigo a convicção de que, apesar dos desafios que possam surgir, a dedicação, o esforço e a busca incessante por aprimoramento serão a chave para alcançar o sucesso e a plenitude na carreira militar. Essa fala marca esse núcleo de significação com a sua simplicidade e com tudo o que ela traz implicitamente.

Ser feliz.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

4.13 Análise Internúcleos

Esta pesquisa teve a intenção de apreender as significações de integrantes das primeiras turmas com mulheres acerca de seu processo de formação para oficial combatente do Exército Brasileiro, identificando os desafios encontrados por elas, verificando o movimento interno da Força para recebê-las e refletindo sobre as possibilidades de transformação advindas da inclusão delas como combatentes. A fim de atingir os objetivos, foi proposto um questionário *online* que foi respondido por cadetes do último ano de formação e por oficiais recém-formadas.

Dentre as oficiais, cinco participaram de um grupo de discussão, culminando com a produção das informações que foram analisadas.

Após a análise intranúcleos, passaremos à análise internúcleos, buscando prosseguir, apreendendo as significações no processo. A construção da análise internúcleos emerge da sinergia entre os diversos núcleos gerados na pesquisa realizada. Essa abordagem cuidadosa considera as questões que surgiram da análise conduzida em cada um desses núcleos. As significações que surgem, apesar de serem individuais, representam o coletivo das militares pioneiras, moldadas pelas condições históricas, políticas e sociais, como afirmam Aguiar, Aranha e Soares (2021, p.12):

É essencial reafirmar que as significações produzidas e apreendidas são únicas, organizam e sintetizam as suas experiências, afetos, modos de pensar e agir, porém, não podem jamais ser compreendidas em si mesmas, mas sim como significações que, ao mesmo tempo que são singulares, contam e expressam o grupo de gestores, o espaço escolar, enfim, a dimensão subjetiva da gestão escolar dessas três escolas, do mesmo modo que as condições históricas, políticas e sociais que as constituem.

Como primeiro ponto, verificou-se a relação direta dos núcleos 1 e 2. O núcleo 1 - O desafio da equidade “Somente questões fisiológicas devem ser tratadas de maneira diferente, pois são corpos diferentes de homem e mulher. Mas o resto, deve ser igual”, apresentou primordialmente a busca por equidade, considerando sempre as diferenças biológicas entre homens e mulheres, a importância da não segregação e o importante entendimento de que equidade não significa tratar a todos da mesma maneira, mas sim tratar cada um considerando

as diferenças de forma que todos sejam tratados de forma justa, sendo supridas suas necessidades específicas. Sobre esses aspectos podemos destacar algumas falas:

Somente questões fisiológicas devem ser tratadas de maneira diferente, pois são corpos diferentes de homem e mulher. Mas o resto, deve ser igual.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Há aspectos como o impedimento de oficiais do segmento masculino entrar na ala feminina de maneira inopinada, creio que isso deveria ser possível, para buscar mais equidade entre os sexos.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Todos deveriam receber o mesmo tratamento, todos são cadetes/militares. Entender as limitações de cada sexo e usar isso pra somar.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

As cadetes não querem ser tratadas de forma diferente. Basta que o tratamento não seja diferente, nem para mais nem para menos.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

O núcleo 1 foi complementado pelo núcleo 2 - O processo de inclusão das mulheres e as oportunidades de melhoria “A oportunidade de permitir que as mulheres ocupem os espaços é suficiente para que percebam que podemos ser incluídas em todos os âmbitos. Por exemplo, depois de passar pela AMAN acredito que as mulheres poderiam escolher qualquer arma que se formariam como qualquer outro cadete, enfrentariam diversas dificuldades físicas e psicológicas, mas nada que os homens já não enfrentem. Acredito também que as mulheres trazem uma visão diferente da masculina em qualquer ambiente de trabalho, o que só contribuiria positivamente à nossa Força”, que apresentou como principais oportunidades de melhoria a presença de mulheres nos diversos círculos hierárquicos da carreira de oficial combatente, a falta de mulheres combatentes compondo a equipe de instrução e principalmente a implementação plena do tratamento isonômico e da equidade como fatores críticos para o sucesso do processo, como pudemos ver nas falas:

Não diferenciar a forma de falar ou tratar.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Agir com uma maior naturalidade, não tratar como se fosse algo de outro mundo.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

As militares se expressaram de forma contundente sobre sua oposição a qualquer tipo de tratamento diferenciado. Não querem diferenciação para que não seja gerada uma rivalidade e a percepção de que mulheres são especiais, quando todos devem ser tratados como iguais. Por isso, defendeu-se a importância do tratamento isonômico, de forma que a inserção será efetiva quando elas forem vistas primeiro como militares e depois como mulheres. Sobre isso, Tavassi et al. (2021, s/n) nos trazem:

Dessa forma, o princípio da equidade visa garantir que independentemente de seu gênero, todas as pessoas devem ter as mesmas oportunidades para se desenvolver, com suas ações e opiniões sendo valorizadas igualmente. A equidade de gênero

engloba uma compreensão formal, isto é, a garantia em lei que todas as pessoas devem receber um tratamento igualitário; e uma compreensão material, que abrange a ideia de que pessoas de gêneros distintos são diferentes e que as suas particularidades devem ser levadas em conta na garantia dos seus direitos e oportunidades.

Observando os núcleos 1 e 2 sob a lente das categorias da Psicologia Sócio-histórica, considerando o desequilíbrio de forças, existentes, no processo de inclusão das mulheres na formação para oficiais combatentes, que levam à busca constante da superação dos obstáculos encontrados, foi possível enxergar a relação direta daqueles núcleos com as categorias “Contradição” e “Historicidade”, no sentido de que em determinados momentos as militares perceberam uma inclusão ao todo, porém em uma redoma de vidro. Uma evidente contradição do que se espera com o que ocorre. Esse movimento de busca pelo seu espaço, por tratamento pautado pela equidade tem relação direta com toda a luta das mulheres ao longo do tempo, na sociedade brasileira, destacando fortemente a historicidade envolvida nos mais simples acontecimentos do processo de inclusão.

Os núcleos 3 - Grau de realização e satisfação profissional “Me sinto realizada, porém nunca satisfeita. Acredito que sou um objeto de mudança da sociedade” e 4 - Autoanálise da competência profissional “Cada missão é uma oportunidade de demonstrar meu comprometimento e habilidades, aprendendo com as experiências, buscando sempre evoluir como profissional e como pessoa” complementaram-se com as percepções de satisfação, de identificação e de competência profissional, como verificou-se nas falas:

Ao olhar para trás, vejo muitas conquistas. No entanto, a sensação de realização plena só virá quando atingir aquelas metas que tracei para mim.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Tenho orgulho de onde cheguei, mas minha verdadeira realização estará na transformação que pretendo deixar.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

As missões que recebo são desafios que me motivam a melhorar continuamente, buscando a excelência em minha performance e contribuindo para o sucesso da equipe.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Sempre procuro estar à altura das expectativas, mas reconheço que nem sempre consigo atingir a perfeição em todas as tarefas.

(Quadro 3 – Pré-Indicadores e Indicadores)

Pode-se fazer uma relação direta da carreira do(a) oficial combatente, com a carreira do professor, com as cadetes e jovens oficiais vivenciando a fase da “Entrada na Carreira”, com suas incertezas e deslumbramentos, ou sobrevivência e descobertas como vemos em Huberman (1992, p.39):

O aspecto da “sobrevivência” traduz o que se chama vulgarmente o “choque do real”, a confrontação inicial com a complexidade da situação profissional: o tactear constante, a preocupação consigo próprio (“Estou-me a aguentar?”), a distância

entre os ideais e as realidades cotidianas da sala de aula, a fragmentação do trabalho, a dificuldade em fazer face, simultaneamente, a relação pedagógica e à transmissão de conhecimentos, a oscilação entre relações demasiado íntimas e demasiado distantes, dificuldades com alunos que criam problemas, com material didático inadequado, etc. Em contrapartida, o aspecto da “descoberta” traduz o entusiasmo inicial, a experimentação, a exaltação por estar, finalmente, em situação de responsabilidade (ter a sua sala de aula, os seus alunos, o seu programa), por se sentir colega num determinado corpo profissional.

Analisando os núcleos 3 e 4 por meio das categorias da Psicologia Sócio-histórica, vemos uma clara mostra da categoria “Pensamento-Linguagem” com falas coerentes com os princípios e valores da formação do(a) oficial do Exército Brasileiro como espírito de corpo e auto-aperfeiçoamento, ao mesmo tempo em que têm consciência de que mesmo as já formadas prosseguem em um processo formativo, daí a sensação de não estarem prontas. Relacionam-se também com a categoria contradição, no sentido de que o otimismo e o profissionalismo guardam relação contrária ao fato apontado nos núcleos 1 e 2 de não sentirem a equidade efetiva em seu processo de inclusão.

O núcleo 5 - Futuro na carreira: “Ser feliz” guardou relação com todos os demais núcleos por trazer as expectativas das militares de serem um impacto positivo, no ambiente militar, conquistando reconhecimento e espaço, na carreira, realização profissional, podendo demonstrar sua capacidade profissional, sendo exemplo de conduta e participando da formação das próximas turmas, compondo a equipe de instrução e colaborando no aprimoramento da equidade das relações.

O núcleo 5 se relacionou com a categoria “Significações”, já que as militares internalizam as vivências compartilhadas, no ambiente militar, ao mesmo tempo que externalizam suas próprias vivências e expectativas, e a categoria “Devir”, dentro do processo contínuo de mudança e transformação pelo qual elas estão passando ao longo da sua experiência militar, inseridas em seus contextos sociais e históricos.

A análise internúcleos proporcionou uma compreensão mais profunda das significações subjacentes ao processo de formação de mulheres para o cargo de oficial combatente do Exército Brasileiro. A partir dos núcleos construídos, nesta pesquisa, foi possível identificar os desafios enfrentados pelas mulheres, nesse contexto, bem como suas expectativas, percepções de equidade e satisfação profissional, bem como suas expectativas para o futuro na carreira militar.

As conclusões extraídas revelam a complexidade do processo de inclusão das mulheres na linha do ensino militar bélico do EB, destacando a importância da equidade de gênero, do tratamento isonômico e da valorização das competências profissionais independentemente do gênero. A análise também evidenciou contradições entre as expectativas das militares e a realidade percebida em relação à equidade ainda em construção. É fundamental reconhecer que as significações produzidas por essas mulheres refletem não apenas suas experiências individuais, mas também as influências das condições

históricas, políticas e sociais que moldam a sociedade brasileira e o ambiente militar. Portanto, a inclusão das mulheres como combatentes não é apenas uma questão de igualdade de oportunidades, mas também uma oportunidade para promover mudanças significativas nas estruturas e nas culturas institucionais.

À medida que essas militares buscam sua realização profissional e pessoal, almejando serem agentes de transformação dentro do EB, é imprescindível que suas vozes sejam ouvidas e que suas contribuições sejam valorizadas. Somente assim será possível construir um ambiente militar verdadeiramente inclusivo e equitativo, capaz de aproveitar plenamente o potencial de todos os seus membros, levando em consideração, a partir dessas mudanças, a importância da questão de gênero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando apreender as significações de integrantes das primeiras turmas com mulheres acerca de seu processo de formação para oficial combatente do Exército Brasileiro, ao longo desta pesquisa, foi possível identificar os desafios enfrentados pelas mulheres, nesse contexto, e refletir sobre as transformações culturais advindas da inclusão feminina na linha de ensino militar bélico.

Os resultados obtidos revelaram a importância de que suas experiências, percepções e desafios sejam reconhecidos e valorizados. A inclusão das mulheres, na formação do oficial combatente do Exército Brasileiro, representa um marco significativo na luta pela equidade de gênero e pela construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Apesar disso é importante salientar que as 38 militares participantes da pesquisa são um pequeno grupo específico, podendo as significações variarem de acordo com o aumento do grupo estudado e com o passar dos anos.

Durante a pesquisa, surgiram questões relacionadas à adaptação ao ambiente militar, à superação de estereótipos de gênero e à conciliação entre a vida profissional e pessoal, que foram destacadas como obstáculos a serem enfrentados por essas mulheres, evidenciando a importância de se promover a equidade e o respeito à diversidade no âmbito militar.

As significações atribuídas pelas mulheres, no processo, revelaram a complexidade e a diversidade de experiências vivenciadas por essas militares. A construção de identidades profissionais permeia as narrativas dessas mulheres, evidenciando a importância de se compreender suas perspectivas e vivências.

O processo da inserção das mulheres, na formação para oficiais combatentes, no EB, foi determinado por lei e demandou esforços adaptativos para que se concretizasse. Os estudos e as tarefas realizados para isso foram minuciosos e se serviram da experiência do EB com as mulheres em seus diversos setores. É evidente que, apesar de todo o planejamento, iriam surgir oportunidades de melhoria, e, nesse grupo de mulheres, o principal aspecto apontado foi a necessidade do aprimoramento da equidade nas formas de tratamento.

Considerando-se que o EB, por intermédio do PISFLEMB, mantém um trabalho contínuo de acompanhamento e pesquisas, é fundamental que as experiências vividas por essas pioneiras sejam levadas em consideração para o aperfeiçoamento do processo de inclusão das mulheres na formação do oficial combatente, processo esse que ainda está apenas começando. Cada fase da carreira atingida pelas mulheres das primeiras turmas mistas será mais um passo dado na direção da completa inclusão. Daqui cerca de 30 anos, essas pioneiras atingirão os postos de chefia e aí, sim, o Exército terá uma visão completa desse importante passo dado na direção da igualdade de oportunidades e direitos, previstos em

nossa Carta Magna. Para que os rumos do processo de inclusão sejam acompanhados, é importante que o EB mantenha grupos de estudo, realizando pesquisas de acompanhamento com as cadetes em formação, com seus instrutores e instrutoras, com as oficiais nos corpos de tropa e seus comandantes, a fim de que o ajuste fino possa ser realizado.

Diante da escassez de estudos específicos sobre a temática, no contexto brasileiro, esta dissertação buscou preencher uma lacuna, na literatura, fornecendo dados e análises que podem estimular o desenvolvimento de novas pesquisas e debates acadêmicos. A pesquisa realizada contribui não apenas para o contexto militar, mas também para o debate mais amplo sobre a participação das mulheres em instituições historicamente dominadas por homens.

Diante do exposto, é fundamental ressaltar a importância de se promover políticas e práticas que incentivem a inclusão das mulheres, garantindo igualdade de oportunidades, respeito à diversidade e valorização do potencial humano. Recomenda-se a continuidade de estudos nessa área, a fim de aprofundar o conhecimento sobre a presença feminina, nas Forças Armadas, já que esta pesquisa surge como uma ponta deixada para outros darem continuidade e acompanharem esse processo iniciado.

Ao final desta pesquisa, sinto-me feliz e esperançoso com o sucesso cada vez maior do processo de inclusão das mulheres na formação do oficial combatente. Ter ouvido as colocações seguras e conscientes das participantes mostrou que, apesar das oportunidades de melhoria que obviamente existem, elas carregam os mesmos valores, expectativas e comprometimento que o então Aspirante Jeremias trazia consigo nos idos de 2002.

Por fim, esta dissertação de mestrado buscou contribuir para o debate sobre a inclusão das mulheres, no ambiente militar, do respeito à pluralidade de experiências e da promoção de uma cultura organizacional mais inclusiva e igualitária e reafirma a importância de se dar visibilidade às vozes das mulheres militares, reconhecendo-as como agentes de transformação social.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. **Núcleos de Significação:** Uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. 2015, vol.45, n.155, p.56-75.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; ARANHA, Elvira Maria Godinho; SOARES, Júlio Ribeiro. **Núcleos de significação:** Análise dialética das significações produzidas em grupo. *Cadernos de Pesquisa*, 51, 2021.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; ARANHA, Elvira Maria Godinho. **Didática e Prática de Ensino na relação com a Formação de Professores:** A importância dos Pressupostos Teóricos e Metodológicos no Processo Crítico de fazer Pesquisa: a opção crítica e histórica pela PCCOL. EdUECE- Livro 2.

AGUIAR, Wanda M. J.; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão** [online]. 2006, vol.26, n.2, pp.222-245. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n2/v26n2a06.pdf>> Acesso em 09/01/2022.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; MACHADO, Virgínia Campos. **Psicologia Sócio-histórica como fundamento para a compreensão das significações da atividade docente.** *Estudos de Psicologia I Campinas I 33(2) I 261-270 I abril – junho, 2016.*

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; PENTEADO, Maria Emiliania Lima. **Formação docente e questão mediadora: uma proposta em discussão.** *Rev. bras. Estud. pedagog.*, Brasília, v. 99, n. 253, p. 537-554, set./dez. 2018.

ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de et al. **Práticas Pedagógicas na Educação Básica no Brasil:** o que evidenciam as pesquisas em educação. Brasília, UNESCO, 2021.

AMAN, Extrato de Informações – **Projeto Inserção do Sexo Feminino na Linha de Ensino Militar Bélico do Exército Brasileiro (PISFLEMB – EB).** PISFLEMB-AMAN, Ed. 15 de junho de 2020.

ARAÚJO, Thais Ferreira de; ROSO, Adriane. **Encontros e despedidas:** migração de mulheres militares da Aeronáutica. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 1, (48837), 2019.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES; FURTADO, Odair; Maria da Graça Marchina (orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia** - 3. ed. - São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. **Congresso Nacional do Brasil**, Brasília, DF: 5 de outubro de 1988. Disponível em: <encurtador.com.br/GUX01>. Acesso em: 16/06/2022.

BRASIL. Lei nº 12705, de 08 de agosto de 2012. Dispõe sobre os requisitos para ingresso nos cursos de formação de militares de carreira do Exército. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 09 de agosto de 2012. Disponível em: <

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112705.htm>. Acesso em: 16/06/2022.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Trabalho e Gênero no Brasil os últimos 10 anos**. Cadernos de Pesquisa, Vol. 3, nº 132; set-dez, 2007. p. 539.

CAIRE, Raymond. **A Mulher Militar** Das origens aos nossos dias. 1.ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002, pp.15;18.

Collins, Patricia Hill; Bilge, Sirma. **Interseccionalidade**. - 1. ed. - São Paulo, Boitempo, 2020.

CONTEL, Fábio. **IBGE registra queda da taxa de natalidade no Brasil**. Jornal da USP. Disponível em < <https://jornal.usp.br/?p=620119> >. Acesso em 07/03/2024.

CORREIO, Rejane Maria Ghisolfi da Silva; MENDONÇA, Juliene Leonel de Almeida. Investigando sentidos e significados atribuídos pelos professores aos norteadores legais para o ensino de Química. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências** Vol. 13, No 1, 2013.

CRUZ, Andréa Lemos Maldonado. A construção da identidade da cadete da Academia Militar das Agulhas Negras sob a perspectiva das práticas discursivas institucionais. **Anuário da Academia Militar das Agulhas Negras**, Ano 9|Nº 7|2019. pp. 19-25.

DIAS, Luciana de Oliveira; ROSA, Fabrício Silva. Polícia tem gênero? Algumas reflexões sobre mulheres e feminino na segurança pública brasileira. **Revista Ártemis**, Vol. XVIII nº 1; jul-dez, 2014. pp. 160-171.

DIEESE, As Dificuldades das Mulheres Chefes de Família no Mercado de Trabalho. **Boletim Especial 8 de Março – Dia da Mulher - 2023**.

EXÉRCITO BRASILEIRO. A trajetória da mulher no Exército Brasileiro. **Revista Verde-Oliva**, Brasília – DF, ano XLIV, n. 237, jul, 2017.

EXÉRCITO BRASILEIRO. As primeiras Oficiais da AMAN. **Revista Verde-Oliva**, Brasília – DF, ano XLIX, n. 257, jul, 2022.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **O Exército – Armas, Quadros e Serviços – Quadro Complementar de Oficiais**. Disponível em <<https://www.eb.mil.br/o-exercito/armas-quadros-e-servicos/qco>>. Acesso em 10/03/2024.

GARCIA, Laura. **Desigualdades de Gênero no Mercado de Trabalho**. São Paulo: Editora Z, 2018.

GODOI, Christiane Kleinübing. Grupo de discussão como prática de pesquisa em estudos organizacionais. **RAE** | São Paulo | V. 55 | n. 6 | nov-dez 2015 | 632-644.

GOMES, Júlio César. **Mulheres no campo de marte: um estudo sobre o habitus de gênero na oficialidade do Exército Brasileiro**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

HUBERMAN, M. **O ciclo de vida profissional dos professores.** In: *Vidas de professores.* Portugal: Porto Editora, 1992.

IBGE, Estatísticas de Gênero – Indicadores Sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas-Informação Demográfica e Socioeconômica** n.38, 3ª Ed, 2024.

LEITE, Matildes Francisca Pinto; OLIVEIRA, Marcela dos Santos; SILVA, Everton Melo da; NASCIMENTO, Ana Paula Leite. Gênero, Escolhas Profissionais e Estereótipos Sexistas, **Rev. FSA**, Teresina PI, v. 17, n. 1, art. 14, p. 281-305, jan. 2020.

LERNER, Gerda. **A criação do Patriarcado:** história da opressão das mulheres pelos homens. 1.ed. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOMBARDI, Maria Rosa. Engenheira e gerente: desafios enfrentados por mulheres em posições de comando na área tecnológica. Mercado de trabalho e gênero. Comparações internacionais. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Rio de Janeiro:FGV, 2008, p. 63-86

MAGALHÃES, Luciana de Oliveira Rocha. **A dimensão subjetiva dos processos de inclusão escolar no movimento da Pesquisa-Trans-Formação.** 2021. 608 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 9.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2022.

MAZULO, Luana Ferreira da Silva. **Mulheres no Exército Brasileiro: Um estudo sobre poder simbólico e relações de poder em uma organização militar.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

MEINERZ, Carla Beatriz. **Grupos de Discussão:** uma opção metodológica na pesquisa em educação. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 485-504, maio/ago. 2011.

MOREIRA, Rosemeire; SCHACTAE, Andréa Mazurok. **Instituições Armadas, gênero e poder: reflexões para a transformação.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, 25(2): 983-985, maio-agosto/2017.

MOURA, Fernanda Marcon. **Significações de professoras e professores acerca da avaliação para a aprendizagem em Educação Física: um movimento dialético entre pesquisa-formação-transformação.**2023. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Taubaté, 2023.

NEVES,Risalva Bernardino. **Discurso narrativo de mulheres militares no Exército: Uma perspectiva crítica.** Tese (Doutorado em Linguística) Universidade de Brasília. Brasília, 2020.

PAGLIARI,Graciela de Conti; SCHWETHER ,Natália Diniz. Políticas de gênero para a defesa: os casos de Argentina e Brasil. **Rev. Sociol. Polit.**, v. 26, n. 65, p. 1-14, mar. 2018.

PATEMAN, Carole. **O contrato Sexual.** 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

PEREIRA, Ana Cristina Furtado; FAVARO, Neide de Almeida Lança Galvão; SEMZEZEM, Priscila. Mulher, Escolarização e Tendências em curso. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v.13 n.3, p. 306-323, dez. 2021.

REBELO, Tamyra Rocha. **O equilíbrio de gênero nas operações de paz: avanços e desafios.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(3): 817-837, setembro-dezembro/2013.

ROCHA, Maria Elizabeth Guimarães Teixeira. A mulher militar e sua integração nas Forças Armadas. **Revista CEJ**, Brasília, Ano XXI, n. 72, p. 24-33, maio/ago. 2017.

SCOTT, Joan. Gênero e o mundo do trabalho. **Revista de Estudos Feministas**, v. 22, n. 1, p. 39-54, 2014.

TAGATA, Paula Diandra. **Afinal, o que as mulheres querem? Uma análise da opção feminina na carreira militar.** Dissertação (Mestrado Profissional em Administração Pública) Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2018.

TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vigotski, Wallon: Teorias Psicogênicas em discussão.** 28.ed. São Paulo: Sumus, 2019.

TARDIFF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** 17ª edição. Petrópolis, RJ, Vozes, 2014.

TAVASSI, Ana Paula Chudzinski; RÊ, Eduardo de; BARROSO, Mariana Contreras; MARQUES, Marina Dutra. **Equidade de Gênero: O que isso quer dizer?** Politize-Equidade. Disponível em < <https://www.politize.com.br/equidade/equidade-de-genero/> >. Acesso em 16/03/2024.

VIGOTSKY, Lev Sem enovich, 1869-1934. A construção do pensamento e da linguagem / L. S. Vigotski; tradução Paulo Bezerra. - São Paulo: Martins Fontes, 2001. 521p.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Profissões, trabalhos: coisas de mulheres.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, 18(2): 352, maio-agosto/2010.

YIN, Robert K. **Pesquisa Qualitativa do início ao fim.** [recurso eletrônico] 1.ed. Porto Alegre: Penso, 2016.



A Ascensão da Mulher Combatente

Equidade e Desafios na Formação do Oficial no Exército Brasileiro.

Lista de figuras

Figura 1 (CAPA) - <https://www.portalr3.com.br/2018/08/20/mulheres-recebem-pela-1a-vez-o-espada-na-academia-militar-das-agulhas-negras/>

Figura 2-
<https://zheit.com.br/post/as-enfermeiras-brasileiras-na-ii-guerra-mundial>

Figura 3-
<https://delespsm.blogspot.com/2012/07/mulheres-no-exercito.html>

Figura 4-
<https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/001238206993ef61f042e>

Figura 5 -
<https://www.netmilartigosmilitares.com.br/produtos/breve-emborrachado-do-curso-da-esaex-escola-de-administracao-do-exercito/>

Figura 6 - <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/jc-negocios/2021/06/12132798-brasil-tera-primeiras-mulheres-general-de-exercito-em-2027-conheca-a-historias-das-candidatas-ao-posto.html>

Figura 7 -
https://live.staticflickr.com/723/33153334442_e91906477f_b.jpg

Figura 8 -
<https://www.forte.jor.br/2018/02/17/solenidade-de-entrada-dos-novos-cadetes-no-portao-da-aman-33-sao-mulheres-as-pioneiras/>

Sumário

APRESENTAÇÃO	01
INTRODUÇÃO	02
A HISTÓRIA DA MULHER NO EXÉRCITO BRASILEIRO.....	04
EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO FEMININA	07
2017.....	10
A IMPORTÂNCIA DA EQUIDADE, DIFERENÇA ENTRE IGUALDADE E EQUIDADE.....	13
A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO E DIÁLOGO CONTÍNUO	16
FEEDBACKS E ADAPTAÇÕES: O CAMINHO PARA A MELHORIA CONTÍNUA.....	19
REFLEXÕES FINAIS: O CAMINHO ADIANTE	22
REFERÊNCIAS	24
SOBRE OS AUTORES	25

Apresentação

Este e-book é um produto técnico fruto da pesquisa de mestrado intitulada:

A FORMAÇÃO DO OFICIAL COMBATENTE DO EXÉRCITO BRASILEIRO: SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE MULHERES,

e foi construído de forma colaborativa a partir dos relatos do grupo de discussão e das respostas das militares respondentes, e busca contribuir com o fortalecimento do acolhimento das mulheres neste processo de formação e com as discussões sobre este tão importante tema.

Introdução

No cenário contemporâneo, marcado por uma crescente busca pela igualdade de gênero e pela valorização das capacidades individuais independentemente do sexo, a presença das mulheres nas Forças Armadas emerge como um tema de relevância incontestável. No âmbito específico do Exército Brasileiro, a discussão sobre a inclusão feminina ganha contornos ainda mais cruciais, especialmente quando direcionada à formação do oficial combatente, que historicamente foi exclusiva dos homens.

"A Ascensão da Mulher Combatente: Equidade e Desafios na Formação do Oficial no Exército Brasileiro" propõem-se a mergulhar nesse universo complexo, em que a equidade de gênero e os desafios estruturais se entrelaçam, delineando um panorama que

não apenas reflete a necessidade premente de avanços, mas também sugere caminhos para uma transformação efetiva.

Mais do que uma mera reflexão sobre inclusão, este e-book aspira a ser um convite à ação. Reconhecendo a riqueza de perspectivas e habilidades que a diversidade de gênero pode oferecer. Será explorada não apenas a importância intrínseca da presença feminina nas fileiras do Exército, mas também buscar-se-á apresentar propostas concretas para a promoção da equidade nesse processo bem como lançar luz sobre os obstáculos que permeiam esse percurso.

Em um momento histórico em que a sociedade civil clama por avanços rumo a uma igualdade genuína, é imperativo que as instituições militares se coloquem *pari passu* a esse movimento. Buscamos a visão do todo é preciso entendermos a presença feminina, no Exército Brasileiro, desde os primórdios.

A HISTÓRIA DA MULHER NO EXÉRCITO BRASILEIRO

As pioneiras e seu legado

As mulheres pioneiras, no Exército Brasileiro, desempenharam um papel crucial na história militar do país, desafiando estereótipos de gênero e contribuindo significativamente para as forças armadas. Ao longo do tempo, essas mulheres demonstraram coragem, habilidade e dedicação, enfrentando adversidades e provando sua competência em uma instituição historicamente dominada por homens.

Embora tenham enfrentado muitos obstáculos, as mulheres têm desempenhado papéis cada vez mais importantes em diversas áreas do Exército Brasileiro. Desde enfermeiras e médicas em tempos de guerra até oficiais em posições de liderança, elas têm deixado sua marca na história militar brasileira.

Um exemplo notável é o das Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial. Essas mulheres, conhecidas como "as Rosas da FEB", desempenharam um papel fundamental no cuidado e no conforto dos soldados brasileiros feridos, muitas vezes sob condições extremamente difíceis e perigosas, conforme nos traz a Revista Verde-Oliva [1]n.237 (2017, p.14):

Em 1944, incorporaram um total de 73 mulheres brasileiras, sendo 67 no Exército e seis na Força Aérea, defrontando-se com os maiores sacrifícios e dificuldades, mas imbuídas da vontade inquebrantável de defender o nosso Brasil. Essas heroínas do Século XX terão seus atos lembrados com veneração como fazemos agora com aquelas que nos antecederam.



Figura 2

[1] A Revista Verde-Oliva é um produto de mídia impressa do Centro de Comunicação Social do Exército (CCOMSEx). Caracteriza-se como uma revista cultural e informativa, que mantém, pela publicação de notícias e artigos, o público em geral informado sobre a atuação do Exército Brasileiro (EB) e de suas organizações militares (OM) nas várias atividades inerentes à Instituição, particularmente nas áreas social, comemorativa, assistência social, esportiva e organizacional. A revista Verde-Oliva foi utilizada em muitas citações por ser uma das únicas fontes sobre o assunto em questão.

Uma das contribuições mais notáveis das mulheres pioneiras é a inspiração que forneceram para outras mulheres que desejam seguir uma carreira militar. Ao demonstrarem coragem, dedicação e profissionalismo, elas mostraram que as mulheres têm um papel vital a desempenhar na defesa e na segurança do país.

Além disso, as mulheres pioneiras abriram portas para outras ao demonstrarem sua competência em uma variedade de funções militares, desde cargos administrativos até posições de liderança operacional. Suas realizações têm ajudado a quebrar estereótipos de gênero e a promover uma cultura de igualdade e inclusão dentro do Exército Brasileiro.



Figura 3

Evolução da participação feminina

A evolução da participação feminina, no Exército Brasileiro ao longo do tempo, representa uma jornada marcada por desafios, conquistas e progresso significativo rumo à igualdade de gênero nas Forças Armadas. Desde os primeiros passos até a inserção delas, na formação do oficial combatente, a presença das mulheres tem sido cada vez mais reconhecida e valorizada.

Nesse processo de inclusão das mulheres, a década de 1990 foi profícua em oportunidades. Em 1992, ocorreu a inserção das mulheres, no Quadro Complementar de Oficiais. Já, em 1996, foi criado o serviço militar feminino voluntário para as médicas, farmacêuticas, dentistas e veterinárias (MFDV), como foi relatado na Revista Verde-Oliva n.237 (2027, p.7):

Em 1992, outro marco na história da instituição: a inserção de 52 mulheres no Quadro Complementar de Oficiais (QCO), com formação na antiga Escola de Administração do Exército (EsAEx), hoje Escola de Formação Complementar do Exército (EsFCEEx), localizada em Salvador (BA), onde foi graduada a primeira turma de oficiais composta pelos dois gêneros. Quatro anos depois, o espaço para a atuação feminina foi ampliado com o Serviço Militar Feminino Voluntário para enfermeiras, médicas, farmacêuticas, dentistas e veterinárias (MFDV).



Figura 4



**Curso da EsAEx
(Escola de Administração do Exército)**

Figura 5

Em 1997, tanto o Instituto Militar de Engenharia (IME) como a Escola de Saúde do Exército (EsSEEx) tiveram suas primeiras turmas mistas e, sobre isso, temos na Revista Verde-Oliva n.237 (2017, p.7):

Já em 1997, o Instituto Militar de Engenharia (IME) e a Escola de Saúde do Exército (EsSEEx), ambas sediadas no Rio de Janeiro (RJ), receberam aquelas que seriam as primeiras oficiais de carreira engenheiras e médicas, respectivamente.

Essa inclusão progressiva permitiu que as mulheres demonstrassem sua competência e habilidades em uma variedade de funções militares, e seu desempenho exemplar e dedicação ao serviço abriram caminho para avanços ainda maiores.



Figura 6

2017

A inserção das mulheres, na formação do oficial combatente, representa um momento histórico significativo que reflete não apenas a evolução da sociedade brasileira em relação às questões de gênero, mas também a necessidade das Forças Armadas sobre a importância da diversidade para a eficácia e sucesso das operações militares.

Esse movimento iniciou-se, em 2012, com a promulgação da lei nº 12705, de 08 de agosto de 2012, que trazia em seu Art.7º que o ingresso na linha militar bélica de ensino permitido a candidatos do sexo feminino deveria ser viabilizado em até 5 (cinco) anos a contar da data de publicação desta Lei.

A partir daí, iniciou-se um processo de avaliação cuidadosa e preparação, incluindo a adaptação das estruturas de treinamento e o desenvolvimento de políticas e diretrizes para garantir a integração eficaz das

mulheres na formação do oficial combatente, com a ativação do Projeto de Inserção do Sexo Feminino, na Linha de Ensino Militar Bélico do Exército Brasileiro (PISFLEMB-EB), a fim de receber as alunas[1] e cadetes[2], como consta do Extrato de Informações do PISFLEMB (2020, p.2):

Este Projeto tem por finalidade implementar as medidas necessárias para adequar os Estb Ens para receber e formar o sexo feminino, nas mesmas condições já conferidas ao sexo masculino, no mais alto padrão de ensino. Dessa forma, foram (e ainda estão sendo) adotadas medidas administrativas eficazes e modificações nas estruturas físicas das escolas de formação, a fim de prover as melhores condições para que alunos e cadetes (homens e mulheres) desenvolvam postura operacional, física e moral imprescindíveis ao militar formado na linha de ensino militar bélico.

[1] No primeiro ano da formação do Oficial do Exército Brasileiro, cursado na Escola Preparatória de Cadetes do Exército o(a)s militares recebem a graduação de aluno(a)

[2] Nos 04 anos de formação na Academia Militar das Agulhas Negras, o aluno recebe o título de Cadete, portando o Espadim, a réplica do sabre de Caxias



Figura 7

O processo de inclusão das mulheres, na formação do(a) oficial combatente do Exército Brasileiro, reflete os valores democráticos e igualitários da sociedade brasileira, que reconhece e valoriza as contribuições de todas as pessoas, independentemente do gênero, na defesa e segurança do país.

Apesar de toda a preparação realizada,

como em todo o processo dessa magnitude, logicamente surgiriam oportunidades de melhoria, sendo o principal ponto apontado pelas participantes da pesquisa, o aprimoramento da equidade nas relações entre homens e mulheres.

A IMPORTÂNCIA DA EQUIDADE

Diferença entre igualdade e equidade

Na busca por justiça e justiça social, duas palavras frequentemente surgem: igualdade e equidade. Embora possam parecer sinônimos à primeira vista, elas carregam nuances distintas em seus significados e aplicações.

A igualdade se refere à condição de ser igual, idêntico ou equivalente em algum aspecto. No contexto social e político, a igualdade, muitas vezes, refere-se à ideia de que todos os indivíduos devem ter os

mesmos direitos, oportunidades e acesso aos recursos. Isso implica tratamento uniforme para todos, independentemente de suas diferenças individuais, contextos ou necessidades específicas.

Imagine uma situação em que todos os estudantes de uma sala de aula recebem os mesmos materiais educacionais, independentemente de suas habilidades, deficiências ou desafios individuais. Isso seria um exemplo de igualdade.

Por outro lado, equidade se refere à justiça ou imparcialidade na distribuição de recursos, oportunidades ou tratamento, considerando as circunstâncias individuais e as necessidades específicas de cada pessoa. Em essência, equidade reconhece as disparidades existentes entre as pessoas e busca corrigi-las, proporcionando a cada indivíduo o suporte necessário para alcançar resultados justos e iguais.

No caso do exemplo da sala de aula, equidade seria garantir que cada aluno recebesse os recursos e apoios adicionais

necessários para que todos tenham oportunidades iguais de aprendizado e sucesso, mesmo que isso signifique oferecer diferentes níveis de assistência para diferentes alunos. Sobre isso, afirma Moragas (2022, s/n):

A igualdade é baseada no princípio da universalidade, ou seja, que todos devem ser regidos pelas mesmas regras e devem ter os mesmos direitos e deveres. A equidade, por outro lado, reconhece que não somos todos iguais e que é preciso ajustar esse “desequilíbrio”. Se nosso objetivo é garantir que as pessoas desfrutem das mesmas oportunidades, não podemos deixar de considerar as diferenças individuais.

Equidade significa dar às pessoas o que elas precisam para que todos tenham acesso às mesmas oportunidades.

Partindo do entendimento destes conceitos, que à primeira vista podem parecer simples, muitas dificuldades da relação entre homens e mulheres podem encontrar a mediação ideal para a evolução do processo. Com esse objetivo, e a partir das significações das militares participantes da pesquisa, surgem como importantes aspectos de melhoria as comunicações e o diálogo contínuo, bem como os *feedbacks* e adaptações.

A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO E DIÁLOGO CONTÍNUO

Criando canais de comunicação eficientes

O tratamento isonômico e com equidade entre os gêneros, na formação do oficial combatente do Exército Brasileiro, é crucial para promover a igualdade de oportunidades e garantir que todos os indivíduos, independentemente do gênero, tenham as mesmas chances de sucesso e desenvolvimento profissional. Nesse contexto, a comunicação e o diálogo contínuo entre homens e mulheres desempenham papéis fundamentais por várias razões:

Promoção do Entendimento Mútuo: A comunicação eficaz e o diálogo contínuo permitem que homens e mulheres compreendam melhor as perspectivas, experiências e desafios uns dos outros. O diálogo entre os gêneros contribui para a construção de relacionamentos profissionais

positivos, baseados na confiança, no respeito e na compreensão mútua. Isso é crucial para criar um ambiente de trabalho saudável e produtivo, no qual todos os membros se sintam valorizados e apoiados em suas contribuições.

Identificação e Resolução de Problemas: O diálogo aberto cria um espaço para identificar e abordar questões relacionadas à igualdade de gênero na formação do oficial combatente. Ao discutir abertamente preocupações, desafios e possíveis soluções, é possível encontrar maneiras eficazes de promover a equidade e superar quaisquer obstáculos que possam surgir.

Fomento da Colaboração e Trabalho em Equipe: O diálogo entre os gêneros promove a colaboração e o trabalho em equipe, pois incentiva homens e mulheres a compartilhar ideias, perspectivas e habilidades de forma aberta e construtiva. Isso é especialmente importante em ambientes como o Exército, onde a cooperação eficaz entre membros de

diferentes gêneros é essencial para alcançar objetivos comuns e garantir a segurança e eficácia das operações.

Conscientização e Sensibilização: Por meio da comunicação e do diálogo, é possível aumentar a conscientização sobre a importância da igualdade de gênero ajudando a promover uma mudança cultural positiva, em que a diversidade é valorizada e as diferenças são vistas como uma fonte de força e enriquecimento.

Fortalecimento da Cultura Organizacional: O diálogo entre os gêneros ajuda a fortalecer a cultura organizacional, promovendo valores de diversidade, inclusão e igualdade de oportunidades. Isso cria um ambiente no qual todos os membros se sintam parte integrante da equipe e motivados a contribuir para o sucesso coletivo.

A partir da comunicação assertiva e do diálogo franco, já podendo contar inclusive com a participação de oficiais que participaram do processo de formação, agora como componentes da equipe de instrução,

o processo de inclusão vai se fortalecendo. No intuito de buscar a melhoria contínua do processo de inclusão em andamento, cresce de importância o acompanhamento constante por meio de *feedbacks*, que proporcionarão as adaptações e as correções de rumo necessárias.

Feedbacks e adaptações:

O caminho para a melhoria contínua

Feedbacks e adaptações desempenham um papel crucial na melhoria contínua das relações entre homens e mulheres no processo de inclusão das mulheres na formação do oficial combatente do Exército Brasileiro. Essas são ferramentas e ações muito importantes para a evolução desse processo e podem ser aplicados de diversas maneiras:

Feedback Construtivo e Contínuo:
Estabelecer um sistema de *feedback* aberto

e contínuo pode ajudar a identificar áreas de melhoria e desafios específicos enfrentados por homens e mulheres durante o processo de formação. Os *feedbacks* devem ser construtivos, objetivos e baseados em desempenho, fornecendo orientação clara sobre como melhorar e superar obstáculos.

Avaliação de Políticas e Práticas: Regularmente revisar e avaliar as políticas e práticas existentes relacionadas à inclusão de mulheres na formação do oficial combatente é essencial. Isso inclui examinar as barreiras potenciais que as mulheres podem enfrentar e fazer adaptações necessárias para garantir que as políticas e práticas sejam equitativas e promovam a igualdade de oportunidades.

Programas de Mentoria e Apoio: Implementar programas de mentoria e apoio que conectem homens e mulheres em diferentes estágios da formação pode ser altamente benéfico. Esses programas podem oferecer orientação, suporte emocional e oportunidades de *networking*, ajudando a

promover um ambiente de trabalho colaborativo e solidário.

Monitoramento e Avaliação Contínua: É crucial estabelecer mecanismos de monitoramento e avaliação contínua para acompanhar o progresso na inclusão de mulheres na formação do oficial combatente. Isso permite identificar áreas de sucesso, bem como lacunas ou desafios persistentes que precisam ser abordados com medidas adicionais.

Nesse caminho de aprimoramento constante se descortinam as expectativas e possibilidades no processo, já com três turmas mistas formadas, mas em contínuo aperfeiçoamento.

REFLEXÕES FINAIS: O CAMINHO ADIANTE

Nas considerações finais deste *ebook*, é imprescindível destacar as aspirações para as próximas gerações de mulheres combatentes no Exército Brasileiro. A jornada rumo à equidade de gênero e à inclusão plena é um compromisso que transcende as fronteiras do tempo e das gerações.

A consolidação da equidade, no Exército, não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma necessidade estratégica. A diversidade de perspectivas, de experiências e de habilidades enriquece as instituições militares e fortalece sua capacidade de enfrentar os desafios do século XXI. Portanto, devemos continuar trabalhando para criar um ambiente no qual todas as pessoas, independentemente de seu gênero, sintam-se valorizadas e respeitadas.

Por fim, é fundamental reconhecer e celebrar o valor da diversidade em todas as suas formas. As mulheres combatentes trazem consigo uma riqueza de talentos e habilidades que enriquecem imensamente as forças armadas. Ao abraçarmos essa diversidade, não apenas fortalecemos nossas instituições, mas também reafirmamos nosso compromisso com os valores democráticos e humanitários que defendemos. Que este *book* seja apenas o começo de uma jornada de discussões e estudos sobre este importante tema.



Figura 8

Referências

AMAN, Extrato de Informações – Projeto Inserção do Sexo Feminino na Linha de Ensino Militar Bélico do Exército Brasileiro (PISFLEMB – EB). PISFLEMB-AMAN, Ed. 15 de junho de 2020.

BRASIL. Lei nº 12705, de 08 de agosto de 2012. Dispõe sobre os requisitos para ingresso nos cursos de formação de militares de carreira do Exército. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 09 de agosto de 2012. Disponível em: <
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12705.htm>. Acesso em: 20/02/2024.

EXÉRCITO BRASILEIRO. A trajetória da mulher no Exército Brasileiro. Revista Verde-Oliva, Brasília – DF, ano XLIV, n. 237, jul, 2017.

MORAGAS, Vicente Junqueira. Diferença entre Igualdade e Equidade. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Disponível em <
<https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-equidade/diferenca-entre-igualdade-e-equidade>>. Acesso em 16/03/2024.

Sobre os Autores

FÁBIO DA SILVA JEREMIAS

Mestrando em Educação 2024 (MPE – UNITAU). Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) 2002, Especialista em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsSO) 2011. Graduando em Psicopedagogia pela Faculdade Estácio de Sá e atualmente trabalha na Divisão de Ensino da AMAN.



Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3748379707138120>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0725-7859>

Email: _fjere@bol.com.br

LUCIANA DE OLIVEIRA ROCHA MAGALHÃES

Pós doutoranda no Programa de Educação: Psicologia da Educação-PUCSP, Doutora pelo Programa de Pós Graduação em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Educação pelo Programa de Mestrado em Educação e Desenvolvimento Humano da UNITAU, Especialista em Educação Inclusiva e Gestão Escolar. Graduada em Direito e Pedagogia. Tem experiência como gestora de escola social, atuando em projetos de educação inclusiva e formação de professores na área da inclusão escolar. Atua como conselheira e foi presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência de Taubaté. É autora de trabalhos, pesquisadora e professora na área de Formação de Professores para Educação Inclusiva, Educação Especial-Inclusiva e Diversidade na perspectiva da Psicologia Sócio-histórica. Ministra disciplinas em nível de graduação e pós-graduação, atuando também como palestrante e formadora de educadores. Atualmente é Professorado Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté (MPE-UNITAU), atuando nas disciplinas e grupos de estudo nas áreas de Educação Especial-Inclusiva, Psicologia Sócio-histórica e Pesquisa Colaborativa. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa GADS da PUC SP (Grupo Atividade Docente e Subjetividade), do GEDProf do MPE-UNITAU (Grupo Educação: desenvolvimento profissional, diversidades e metodologias) e da ANPEPP no GT Método e categorias teóricas na pesquisa em Psicologia Sócio-histórica.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3973900409352992> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7677-6337>



E-mail luciana.magalhaes@unitau.br